



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



LARISSA CAVALCANTE BARBOZA

VIOLÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM *ESTELA SEM DEUS*, DE
JEFERSON TENÓRIO

MANAUS

2026

LARISSA CAVALCANTE BARBOZA

VIOLÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM *ESTELA SEM DEUS*, DE
JEFERSON TENÓRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração de Estudos Literários, sob orientação da Profa. Dra. Nícia Petreceli Zucolo.

MANAUS

2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B239v Barboza, Larissa Cavalcante
Violências e Construção de subjetividade em Estela sem Deus, de
Jeferson Tenório / Larissa Cavalcante Barboza. - 2026.
119 f. ; 31 cm.

Orientador(a): Nícia Petreceli Zucolo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
de Pós-Graduação em Letras, Manaus - AM, 2026.

1. Literatura negro-brasileira. 2. Jeferson Tenório. 3. Relações de poder.
4. Resistência. 5. Identidade. I. Zucolo, Nícia Petreceli. II. Universidade
Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título

LARISSA CAVALCANTE BARBOZA

VIOLÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM *ESTELA SEM DEUS*, DE
JEFERSON TENÓRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de Mestre
em Letras, na área de concentração de Estudos Literários, sob orientação da Profa. Dra. Nícia
Petreceli Zucolo.

Aprovado em 13 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Nícia Petreceli Zucolo – Presidente/Orientadora (PPGL/UFAM)

Profa. Dra. Aline Alves Arruda – Membro (IFMG)

Profa. Dra. Yasmin Serafim da Costa – Membro (UEA)

Profa. Dra. Marlise Vaz Bridi – Suplente (USP)

Profa. Dra. Priscila Vasques Castro Dantas – Suplente (PPGL/UFAM)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Salete, que, desde a minha infância, apresentou-me a leitura e os estudos como as maiores riquezas que eu poderia ter; que esteve disposta a me oferecer suporte nesse período de mestrado, acompanhando de perto os meus processos de estudos e de escritas; que apoiou meus sonhos, mesmo aqueles que não compreendia. Agradeço por ter sido sempre meu norte e meu maior exemplo. Sem ela, nada disso seria possível.

À minha orientadora, Nícia Zucolo, que é a minha mãe acadêmica desde o primeiro período da graduação. *Mãe* é quem nos coloca no mundo, e é justamente este o sentimento: de ter sido apresentada novamente ao mundo, sob um novo olhar. Para além da orientação no presente trabalho, a professora Nícia foi responsável pela minha entrada na vida acadêmica, pois me incentivou e me orientou em minha primeira iniciação científica. Agradeço pelo carinho, pela compreensão, pelos ensinamentos e mesmo pelas críticas e “puxões de orelha”, tão necessários quanto o afago. Agradeço pelas leituras trazidas para aulas e grupos de estudos, que de algum modo resultaram nesta pesquisa.

Às minhas amigas Gabriela e Victória, companheiras de curso e de jornada acadêmica, além de minhas irmãs de alma. Nossa amizade surgiu ainda no primeiro período de graduação e, desde então, apoiamo-nos mutuamente. Estudamos juntas para o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Letras e pudemos ser a força uma da outra durante todo esse período. Amor e admiração é o que sinto por vocês. Agradeço por serem meus exemplos de esforço, dedicação, ternura e afeto; pelas trocas intelectuais; pelo carinho, pela atenção e pelas risadas mesmo nos piores dias. Não cabe aqui toda minha gratidão, mas é infinita.

À Laura Beatriz, minha amiga-irmã de longa data, que deu apoio à minha pesquisa e acreditou em mim desde o começo. Foi com quem pude compartilhar meus entusiasmos e minhas angústias. Mesmo sendo de um curso de exatas, ela ouviu-me falar atentamente sobre literatura, inúmeras vezes.

À Rebeca, amiga de graduação, que me direcionou palavras de afeto quando desacreditei de mim; que cuida e abriga, sempre.

A meu pai, meus irmãos e meus sobrinhos, que são meu lar e foram meu lugar de acolhimento e amor durante esse percurso.

Às professoras Priscila Vasques, Adriana Aguiar e Elen Karla, que contribuíram para minha formação com seus conhecimentos acadêmicos, apresentando novas leituras teóricas e perspectivas sobre o ato de pesquisar.

Ao PPGL/UFAM, que possibilitou a realização deste trabalho e concedeu o suporte necessário para que a formação e os resultados pudessem ser exitosos.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão de bolsa durante os anos de 2024 e 2025, que permitiu minha permanência e dedicação exclusiva ao programa.

RESUMO

Estela sem Deus, romance de Jeferson Tenório, é uma narrativa escrita em primeira pessoa pela protagonista, Estela, uma adolescente cuja história compreende o período entre os treze aos dezesseis anos de idade, e se passa no final dos anos 1980. Estela é uma menina negra que enfrenta dificuldades financeiras junto à sua família, o que causa mudanças bruscas em suas vidas: de endereço, de rotina, de bem-estar. Nessa trajetória, ela é também afetada por violências advindas do racismo e do machismo, que procuram defini-la e reduzi-la. No entanto, há um ímpeto seu de fugir desse lugar restrito, pois seu desejo é de ser filósofa. A partir deste objeto de estudo, tivemos o intuito de analisar como as violências de raça, gênero e classe, que se interseccionam, fazem parte da jornada da personagem, e se elas definem sua trajetória. Ademais, buscamos compreender se os modos de resistência que Estela desenvolve resultam em transgressão da sua condição, apontando a importância de personagens que têm influência direta em sua vida, como o pai, a mãe, a avó e a amiga Melissa. Procuramos também desenvolver uma reflexão sobre o modo como a filosofia e a religião são apresentadas na obra, e como, a partir disso, a narradora-personagem constrói sua identidade, contando sua história a partir de um conjunto de reflexões sobre as próprias experiências. O método escolhido para o desenvolvimento da presente pesquisa foi o dos Estudos Culturais, a partir da visão de Escoteguy (2000). A pesquisa conta com análise literária em consonância com estudos sociais e históricos. Alguns autores foram de grande relevância para o enriquecimento do presente trabalho, como Carla Akotirene (2019) e Grada Kilomba (2019), que teorizam sobre interseccionalidades e a condição da mulher negra; Pierre Bourdieu, em sua obra *Dominação Masculina* (2024) discute os mecanismos de poder que mantêm a mulher subjugada; Lélia Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2011) discutem a situação social e de classe, sobre a mulher negra, em um contexto brasileiro; Jan Assman (2016), Aleida Assmann (2011) e Bernd e Soares (2016) tratam sobre memória e herança; Lúcia Chueire (2021) e Reginaldo Prandi (2001) esclarecem a origem e o funcionamento de religiões de matriz africana. No desdobramento deste texto, abordamos sobre as opressões ao corpo de Estela, e sua busca, por outro lado, de não ser somente um corpo. Apesar do desamparo que sofre, seja pela ausência paterna ou pelo distanciamento afetivo da mãe, a jovem procura um espaço dentro de si para não ser somente vítima do que lhe acomete. Nesse processo, encontra força nas mulheres que fazem parte de sua vida para reagir ativamente, e a contestação de um Deus masculino e punitivo também faz parte de seu processo de libertação.

Palavras-Chave: Literatura negro-brasileira. Jeferson Tenório. Relações de poder. Resistência. Identidade.

ABSTRACT

Estela sem Deus, a novel by Jeferson Tenório, is a narrative written in the first person by the protagonist, Estela, a teenager whose story spans the period from ages thirteen to sixteen and takes place in the late 1980s. Estela is a Black girl who faces financial hardship alongside her family, causing abrupt changes in their lives: changes of address, routine, and well-being. Along this journey, she is also affected by violence stemming from racism and sexism, which seek to define and diminish her. Nevertheless, she has a strong drive to escape this restrictive place, as her dream is to become a philosopher. Based on this object of study, our aim was to analyze how the intersecting forms of racial, gender, and class violence are part of the character's journey and whether they determine her trajectory. Furthermore, we sought to understand whether the forms of resistance developed by Estela result in a transgression of her condition, highlighting the importance of characters who directly influence her life, such as her father, mother, grandmother, and her friend Melissa. We also sought to develop a reflection on how philosophy and religion are presented in the work and how, from this perspective, the narrator-protagonist constructs her identity, telling her story through a set of reflections on her own experiences. The method chosen for the development of this research was that of Cultural Studies, based on the perspective of Ana Carolina Escosteguy (2000). The research combines literary analysis with social and historical studies. Several authors were highly relevant to enriching this work, such as Carla Akotirene (2019) and Grada Kilomba (2019), who theorize about intersectionality and the condition of Black women; Pierre Bourdieu, whose work *Masculine Domination* (2024 edition) discusses the mechanisms of power that keep women subordinated; Lélia Gonzalez (2020) and Sueli Carneiro (2011) discuss the social and class situation of Black women within a Brazilian context; Jan Assmann (2016) Aleida Assmann (2011), and Bernd e Soares (2016) address memory and heritage; Lúcia Chueire (2021) and Reginaldo Prandi (2001) clarify the origins and functioning of African-derived religions. Throughout the development of this text, we discuss the oppression imposed on Estela's body and, conversely, her search not to be reduced to merely a body. Despite the abandonment she experiences—whether through her father's absence or her mother's emotional distance—the young woman seeks a space within herself where she is not solely a victim of what happens to her. In this process, she finds strength in the women who are part of her life to respond actively, and her challenge to a masculine and punitive God also becomes part of her process of liberation.

Keywords: Black Brazilian literature. Jeferson Tenório. Power relations. Resistance. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: O CORPO: VIOLÊNCIA E CONTROLE	11
1.1 A sexualidade: repressão x hipersexualização	13
1.2 O aborto	28
1.3 O cabelo crespo	34
CAPÍTULO 2: HERANÇAS E RUPTURAS, ABANDONO E AMPARO: O PAI, A MÃE E MELISSA.	40
2.1 Anselmo, o pai ausente.....	42
2.2 Irene: A herança da dor e da insubmissão	48
2.2.1 A possibilidade de quebra de ciclo e de ascensão social	58
2.3Melissa como fuga do desamparo	64
CAPÍTULO 3: HERANÇA E IDENTIDADE: A FIGURA DE DELFINA E A FILOSOFIA.....	75
3.1 Delfina, a avó: a umbanda como herança	75
3.2 Identidade e resistência a partir da filosofia	83
3.3 Identidade, corpo e mente	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	114

INTRODUÇÃO

Estela sem Deus, de Jeferson Tenório, trata sobre a trajetória de Estela, uma adolescente que passa por um período conturbado em sua vida, intensificado pela sua condição de mulher negra e pobre. A obra aborda tanto questões sociais como existenciais, trazendo complexidade à protagonista, que tem um modo particular de observar e narrar a própria vida. O romance, embora explore a trajetória de uma adolescente, contada por si mesma, tem um homem como autor. Jeferson Tenório é um escritor negro, nascido no Rio de Janeiro, mas que reside no Rio Grande do Sul a maior parte de sua vida. Sendo uma importante figura da literatura negro-brasileira¹ na atualidade, ele traz a temática do racismo sob diferentes perspectivas dentro de suas obras, sendo elas, além da supracitada: *O beijo na parede* (2013), *O avesso da pele* (2020) e *De onde eles vêm* (2024). Elas tratam, respectivamente, sobre as vivências de uma criança de 11 anos que experiencia uma vida de vulnerabilidade social e desamparo; a narrativa de um jovem que reconstrói a trajetória de seu pai assassinado por violência policial; a história de um aluno cotista na universidade, buscando conciliar estudos e sobrevivência. *O avesso da pele* é sua obra que ganhou mais destaque, sendo vencedora do prêmio Jabuti na categoria Romance Literário em 2021. Estas três narrativas citadas têm homens como protagonistas, sendo somente *Estela sem Deus* a que foge desse padrão. O próprio autor comenta sobre o processo de escrita desta personagem:

Perguntam-me se não foi difícil me colocar no lugar dessa menina, cujo sonho era tornar-se filósofa. A primeira resposta que me vem à cabeça é a de que Estela não foi difícil. Estela foi impossível. Não do ponto de vista estético, mas do ponto de vista existencial. Estela era e ainda é uma estrangeira em mim e que me desalojou. Estela estabeleceu um canal de interlocução com este desconhecido que havia em mim. (Tenório, 2023, p. 28)

Fazer este deslocamento para uma personalidade tão peculiar e que certamente possui experiências nunca vividas pelo autor foi, para ele, desafiador. Embora o narrador seja uma entidade fictícia, não necessariamente associada àquele que escreve, ainda assim é comum que autores, ao narrarem vivências muito diferentes das próprias em seus escritos, caiam em generalizações e reducionismos. Não é, no entanto, o que ocorre em *Estela sem Deus*, já que Estela é uma personagem complexa e sua trajetória é apresentada com enorme sensibilidade e

¹ Optamos, neste trabalho, pelo uso da nomenclatura “negro-brasileira” ao invés de “afro-brasileira”, por seguir o posicionamento de Cuti (2010), sob a argumentação de que “afro” nos remete ao continente africano, enquanto “negro-brasileira” se refere a produções do povo negro que reside e tem experiências no território brasileiro.

cuidado, sendo representada a partir não só das experiências do racismo e do patriarcado, mas também de sua personalidade própria, com sonhos e vontades de construir um futuro.

Pensando nessas características da personagem, o presente trabalho teve o intuito de refletir de que modo que as violências de raça, gênero e classe afetam a personagem Estela, levando em conta a interseccionalidade, e se isso define a sua trajetória. Ademais, buscamos perceber de que modo a protagonista desenvolve resistência e qual a importância das personalidades influentes em sua vida na construção de sua subjetividade, além de analisar sua trajetória a partir da sua visão de mundo reflexiva e crítica sobre a imagem de Deus, por meio de uma abordagem decolonial. Nesse processo de construção de subjetividade de Estela, foi importante perceber como a narrativa autodiegética, a partir da distância temporal entre narrador e personagem, pode conduzi-la a uma visão crítica sobre suas memórias. Para isso, abordou-se esse desenvolvimento da protagonista a partir das teorias sobre memória de Aleida Assmann (2011) e Jan Assmann (2016).

Estela sem Deus retrata as vivências de grande parte das mulheres negras do Brasil, que ainda hoje sofrem, em maior grau, as consequências de séculos de escravidão de pessoas negras. Para essas mulheres, as heranças escravocratas vão além da dificuldade de ascensão social, também se estendem para uma jornada intensa de trabalho dentro e fora de casa e a atribuição de estereótipos negativos como a hipersexualização e a ideia de que mulheres negras são mais resistentes, mais agressivas e menos capazes intelectualmente. Para esclarecer a definição de interseccionalidade, trazemos a explicação de Carla Akotirene (2019). O conceito, cunhado por Kimberlé Crenshaw, teoriza sobre como o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado são inseparáveis, e nesse processo “mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.” (Akotirene, 2019, p. 17) Não há como separar as opressões, já que a mulher negra não as vive de forma separada, mas sim conjugada. Tendo isso em vista, analisamos a personagem a partir deste ponto de partida, observando Estela como alguém que tem uma realidade específica a partir desse cruzamento de opressões.

Essa condição na qual Estela vive se deve a concepções já enraizadas na realidade brasileira, historicamente construídas, seja pelo passado colonial e escravocrata – que ainda respinga na configuração atual de funcionamento das estruturas – seja pelo histórico de governos autoritários e conservadores, que fortalecem a ideia de que alguns grupos são inferiores, deixando-os ainda mais à margem da sociedade. Frequentemente, esse tipo de pensamento enraizado vem de concepções sutilmente introduzidas no pensamento coletivo, em

que o poder é exercido de forma praticamente imperceptível. Pierre Bourdieu (2010) teoriza sobre como o poder simbólico está tão entranhado no funcionamento das relações que conta, inclusive, com a cumplicidade daqueles que são atingidos por ele. Assim como esse poder é “quase mágico” (BOURDIEU, 2010, p. 18), a violência perpetuada por ele também o é. Byung-Chul Han, em *Topologia da Violência* (2017) disserta que, na contemporaneidade, a violência já não é tão explícita e não se mostra tanto a partir da sua forma física. Adota-se, porém, uma forma “intrapísica”, na qual ela é internalizada, quer dizer, existe em cada sujeito como uma ideia, disseminada pelo poder. Han traz também o conceito de violência simbólica, que é

“[...] uma modalidade que se serve do automatismo do costume. [...] Ela se inscreve nas coisas autoevidentes e naturais, nos modelos de percepção e de comportamento que se tornaram hábito. A violência, de certo modo, é *naturalizada*. Sem o emprego da violência física, marcial, ela provê as condições para que as relações de domínio se mantenham. (Han, 2017, p. 16)

Este tipo de violência é exercida em consonância com o poder simbólico, e acontece, quase sempre, sem ser questionada, porque faz parte dos costumes enraizados na mentalidade coletiva. Desse modo, identificar essas práticas é necessário para combatê-las e fazer com que aqueles que são vítimas delas tomem consciência sobre as injustiças a que estão sendo submetidos, uma vez que o silêncio destes contribui para que grupos hegemônicos sigam perpetuando violências e se beneficiando de sua posição privilegiada.

A escolha de *Estela sem Deus* para este trabalho se deu pela peculiaridade de Estela ser uma mulher negra na transição para a adolescência, que se torna, na verdade, um pulo para as responsabilidades da vida adulta. Na literatura brasileira, mulheres negras como protagonistas ainda são minoria expressiva, e o fato de Estela ser uma adolescente, entrando em contato com a realidade e entendendo as violências que sofre ao mesmo tempo que decodifica o mundo ao seu redor, à sua maneira, é um diferencial. A referida narrativa de Tenório não possui uma vasta fortuna crítica, embora possamos destacar alguns trabalhos. O artigo intitulado “A utopia possível: Estela sem Deus, de Jeferson Tenório, como romance de formação” (2023), de Fabiane Verardi e Pedro Afonso Barth, analisa a obra à luz da teoria do *Bildungsroman*, elencando características que aproximam a obra do romance de formação e as que distanciam. Outro trabalho que ganha destaque é o de Luana Jéssika Della-flora, sua dissertação de mestrado intitulada “Heranças silenciosas, heranças malditas: implicações da subalternidade e do emprego doméstico em *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra, e *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório” (2020), na qual a autora entra na temática da subalternidade, envolvendo heranças de vivências compartilhadas por mulheres marginalizadas em algum nível, a partir da literatura comparada. O presente trabalho se aproxima mais da temática da subalternidade e das

heranças, apesar de não abordar somente esse viés, como também o corpo, a violência, a construção de identidade e a filosofia.

O método escolhido nessa pesquisa foi o dos Estudos Culturais, que se utiliza da interdisciplinaridade para o estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea. Conforme Ana Carolina Escosteguy, “os estudos culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia.” (Escosteguy, 2000, p. 7) É possível considerar que essas relações sociais estão diretamente ligadas a uma dinâmica de poder, em que há discursos produzidos e reproduzidos por meios diversos, tão entranhados na mentalidade coletiva que se tornam uma verdade. Pensando nisso, direcionamos nosso olhar para a obra a partir do método supracitado, envolvendo não somente a teoria e a análise literária, como também os estudos sociais e históricos.

A organização do trabalho se dá em três capítulos, sendo o primeiro intitulado *O corpo: violência e controle*, que trata sobre as violências que Estela sofre, direcionadas ao seu corpo negro, em relação ao controle voltado à sexualidade, à prática do aborto e ao seu cabelo crespo, que é uma imposição sobre sua aparência. O segundo capítulo, *Heranças e rupturas, abandono e amparo: o pai, a mãe e Melissa*, versa sobre a influência dessas três figuras na trajetória de Estela, abordando de que modo o abandono e o amparo têm consequências na vida da jovem, além da autonomia da personagem de, a partir do exercício da memória, decidir o que levaria para si e com o que romperia, como modo de autoconsciência e de resistência. O terceiro capítulo, intitulado *Herança e identidade: a figura de Delfina e a filosofia*, centra-se na imagem da avó de Estela, personagem responsável por fazer a jovem menina desejar ser filósofa, a partir de sua visão de mundo voltada para a umbanda. A partir disso, traça-se uma trajetória de Estela, analisando sua relação com Deus ao longo da narrativa, que influencia na construção de sua subjetividade.

1. O CORPO: VIOLÊNCIA E CONTROLE

Estela sem Deus é uma obra de Jeferson Tenório, narrada em primeira pessoa pela própria protagonista, Estela, uma adolescente negra. A narrativa se passa no final dos anos 1980 e, ao início da história, Estela tem apenas treze anos e mora em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. É nesse período, de entrada na adolescência, que os problemas, principalmente financeiros, começam a se intensificar para ela e para sua família. Seu padrasto Fernando – e pai de seu irmão, Augusto – era quem dava algum auxílio financeiro para a casa, já que sua mãe, Irene, era empregada doméstica. Entretanto, ele morre, deixando não só uma perda afetiva, principalmente para Irene e Augusto, como também financeira, já que ele pagava o aluguel da casa onde moravam. Não demora muito para que recebam uma ordem de despejo e precisem se mudar para o município de Viamão, em um bairro perigoso, onde têm a casa invadida por dois homens, que abusam sexualmente de Irene e de Estela. Esse fato faz com que novamente se mudem, dessa vez para a casa de Conceição, uma amiga de Irene, onde passam a morar de favor por não terem para onde ir. Todavia, além das dificuldades financeiras, Irene havia adquirido um problema de pele, e os filhos há algum tempo já não frequentavam a escola para poder auxiliá-la nos trabalhos nas casas de família. Irene já não consegue sustentar essa situação, visto que se sentia incapaz de, sozinha, dar conta da própria vida e da dos filhos. Por isso, pede ajuda de Jurema, madrinha de seus filhos, para que cuide deles por um período. Ela mora na cidade do Rio de Janeiro, é para onde Estela vai com Augusto.

Jurema mora com o marido, Padilha, e com o filho, Ricardinho. Nesse período que Estela passa no Rio de Janeiro, é induzida por sua madrinha a frequentar uma igreja evangélica e a seguir os preceitos da fé cristã, sob a justificativa de que o que ocorrera em Porto Alegre, quando sua casa fora invadida, tinha um motivo: Estela, sua mãe e seu irmão não andavam na companhia de Deus. Além disso, o único contato com algum tipo de crença que Estela havia tido na infância tinha sido com a umbanda, por meio de sua avó Delfina, e ao Augusto mencionar isso, Jurema o repreende por, supostamente, estar falando de “demônios”. Acreditando nessas ideias, Estela se esforça para ser devota à religião cristã, embora sua natureza fosse questionadora e insubmissa, desejando, desde mais jovem, ser filósofa.

Nesse tempo que frequenta a igreja, ela conhece Isaías, filho do pastor Zaqueu, com quem tem um relacionamento e descobre sua sexualidade, ainda que convivendo com a culpa cristã. Depois de um tempo, Estela abandona a igreja e volta a estudar, o que finalmente poderia aproximá-la do seu sonho de se tornar filósofa. No entanto, começa a se relacionar com um homem muito mais velho chamado Francisco, que a engravida, embora a jovem decida não

manter a gravidez. A experiência do aborto acaba sendo traumática para ela, física e emocionalmente, devido a todo o estigma que se tem, socialmente falando, sobre a interrupção da gravidez. Quem a ajuda nesse momento é Melissa, sua amiga, que se torna uma presença importante em sua vida por despertar em Estela outras reflexões sobre si e sobre a realidade ao seu redor, auxiliando na sua busca por alguma liberdade. Nesse processo de conhecer a si mesma, Estela luta contra as imposições que lhe acometem, e faz escolhas que nem sempre geram consequências totalmente positivas, mas que lhe garantem alguma dignidade e poder de decisão sobre sua trajetória.

Neste capítulo, a análise se centra nas violências, em sua maioria simbólicas, direcionadas ao corpo de Estela. Há uma luta entre o que ela almeja – viver os próprios desejos, adquirir conhecimento e se tornar filósofa – e o encarceramento direcionado ao seu corpo negro, no que se refere à sexualidade, à gravidez e à sua aparência, com discursos misóginos, racistas e religiosos. No tocante à questão do corpo, Sandra Goulart Almeida, em seu texto intitulado *Corpo e escrita: imaginários literários* (2012), disserta que “o corpo, como uma entidade discursiva, é marcado por questões de gênero, raça, sexualidade e classe, e tem o potencial latente de evocar resistência em seu próprio locus de opressão.” (p. 93) Sendo assim, o corpo existe dentro de uma sociedade e de um contexto específico, e não é isento dessas questões que o atravessam e se interseccionam, frequentemente existindo dentro de uma rede de violências. É assim que buscamos apresentar o corpo de Estela, discutindo como esse existir no mundo não é simples, o fato de ser uma mulher negra e pobre marca sua trajetória; ao mesmo tempo, é a partir dessas vivências que Estela desenvolve meios de resistir e de se (re)construir frente a uma estrutura na qual seu corpo deve ser moldado para não desestabilizar o *status quo*.

No que concerne à sexualidade, o primeiro contato com a violência é dentro da própria família, quando menstrua pela primeira vez e recebe falas da mãe que são a reprodução de ideais sexistas. Posteriormente, quando se relaciona com Isaías, é vítima de um discurso eclesiástico, que também busca reprimir mulheres. Há a luta entre o desejo sexual, que começa a se mostrar devido à puberdade, e a repressão, que está dentro da mentalidade de quem a rodeia, e se reproduz em maior grau pela Igreja. O aborto, cuja criminalização é um meio de controlar corpos, é condenado devido à ideia de que mulheres devem, a qualquer custo, procriar, e a interrupção de uma gravidez quebra esse ideal. Estela, ao fazer essa escolha, é duramente criticada e desumanizada. O controle do corpo também visa determinar o que é belo e desejado, por isso é preciso cumprir um ideal voltado às aparências. No caso de Estela, o cabelo se torna uma questão, pois os ideais de beleza têm como modelo corpos de pessoas brancas, então seu

cabelo crespo é enxergado negativamente. Todos esses fatores se impõem sobre a personagem, afetando-a de diferentes maneiras.

1.1 A sexualidade: repressão x hipersexualização

No início da narrativa, Estela tem treze anos, idade que marca a entrada na adolescência. É nessa época que ela menstrua pela primeira vez e, quando esse acontecimento se dá, ela busca sua tia Odete para auxiliá-la. Não tem a mãe como primeira opção, pois “não era o momento de preocupá-la” (Tenório², 2022, p. 21), devido à ordem de despejo que haviam recebido no mesmo dia, e por conhecer o temperamento irritadiço da mãe, que se intensificaria devido aos contratempos do dia.

Irene descobre sobre a primeira menstruação quando vai à casa de Odete para procurar a filha. Sobre isso, Estela narra o seguinte trecho: “Minha mãe me olhou de cima a baixo e falou que agora é que ela ia ficar em cima de mim, porque era nessa idade que a gente costuma fazer besteira na vida, e ela não ia querer ver ninguém aparecer de barriga lá em casa”. (p. 22), e mais adiante, “Ao voltarmos para casa, minha mãe disse para eu ter cuidado com os guris, pois eles sentem o cheiro” (p. 22). Irene enxerga esse acontecimento como um sinal de que, em breve, Estela iniciaria sua vida sexual, já prevendo uma possível gravidez e atribuindo-lhe culpa. No segundo trecho, Irene associa a menstruação de Estela ao cio dos animais, como se seu corpo fosse apenas instintivo. Desse modo, reproduz um discurso de repressão à sexualidade, mesmo que ela também fosse uma mulher negra que provavelmente ouvira, quando jovem, essas falas violentas. É possível que Irene associe esse controle ao cuidado, uma vez que entende a dificuldade da maternidade, principalmente devido à pobreza. Porém, acaba reproduzindo uma violência de gênero, culpabilizando Estela por algo natural em seu corpo.

Pierre Bourdieu (2024) trata sobre as três principais instâncias que reproduzem a dominação masculina, e a Família é uma delas, a qual, no contexto da narrativa em questão, é representada pela figura de Irene. A sua fala carrega a significação de que as mulheres, quando menstruam, não têm forças para controlar seus instintos sexuais, além de serem as responsáveis pela atração que os homens sentem por elas, já que “eles sentem o cheiro”. Ademais, Irene também propaga certa visão estereotipada que se tem, socialmente falando, sobre mulheres negras, as quais são hipersexualizadas. Assim, o fato de enxergar a própria filha de modo

² Nas próximas vezes que esta obra for citada, durante este trabalho, não se repetirá autor e ano, somente o número de página.

sexualizado e desumanizar seu corpo ao compará-lo a um animal, é a propagação de um preconceito internalizado. Camilla de Magalhães Gomes (2018) trata sobre a hipersexualização de corpos negros e indígenas, teorizando que:

Hipersexualizados, esses homens e mulheres são alvo de representações racistas que usam de representações de sexo/gênero ao mesmo tempo, criando novas e outras hierarquizações que não se resumem apenas aquela de masculino/feminino e que transformam pessoas negras (e assim também pessoas indígenas) em uma espécie de padrão de negatividade. (Gomes, 2018, p. 11)

Essas pessoas são vistas não só como homens ou mulheres, mas sim como corpos racializados – o que gera intersecções de gênero e raça. Tanto homens negros quanto mulheres negras são hipersexualizados, mas enquanto os homens são vistos como predadores sexuais, às mulheres se atribui o desejo masculino, como uma forma de subjugação. Geralmente, elas são objeto de desejo, mas não de afeto. A mãe de Estela, então, reproduz essa visão sobre mulheres negras em seu discurso para a filha. Como já dito, essas falas são também formas de proteção, tendo em vista que Irene já prevê como os homens enxergarão Estela, até por conta da própria vivência. Todavia, não deixa de ser um discurso violento e traumático.

Ao chegarem em casa, Irene dá um tratamento mais digno a Estela, explicando-lhe sobre a higiene, mas ainda volta a algumas concepções do patriarcado, aconselhando: “Nunca deixe papel sujo de sangue virado para cima, os homens não têm obrigação de ver sua menstruação” (p. 22). A preocupação maior se mostra, então, com a higiene e a percepção que os homens terão de sua menstruação. Guacira Lopes Louro (2000) trata sobre as formas de controle do corpo e da sexualidade, e explica que a primeira menstruação, no imaginário coletivo, deixa de ser um tema privado para se tornar público:

[...] o momento, antes tratado fundamentalmente como um marco de "passagem" da infância para a vida adulta, era vinculado, estreita e diretamente, à sexualidade e à capacidade reprodutiva das mulheres; mais tarde, no entanto, com o advento dos absorventes e de outros produtos industrializados e com a medicalização da menstruação, de certa forma essas questões ficaram secundarizadas e ganharam maior destaque a higiene e a proteção do corpo, a limpeza e a aparência. (p. 15-16)

Ou seja, o que antes pertencia a um âmbito mais íntimo da vida das mulheres, relacionado a sua sexualidade e entrada na adolescência, passa a se tornar um interesse de mercado, com foco na aparência, no modo como serão vistas. Irene se preocupa inicialmente com a questão da sexualidade e com a possibilidade de uma gravidez indesejada, enxergando esse momento da vida como algo totalmente negativo. Posteriormente, quando fala sobre a questão da higiene, há justamente uma preocupação com as aparências, e essa ideia traz o

sentido implícito de que o sangue da menstruação é algo sujo. Estela reflete que “A menstruação era uma espécie de vergonha com a qual tínhamos que aprender a lidar.” (p. 23), o que confirma essa visão negativa que Irene tinha sobre a menstruação, reproduzindo uma concepção social. Ademais, esse discurso sobre higiene está diretamente ligado ao controle do corpo e à imposição às mulheres para que se guardem e não explanem sobre determinados assuntos, uma vez que precisam ser enxergadas pelos homens como limpas e atraentes. Mais uma vez a dominação masculina se mostra reproduzida pela Família.

O fato de Irene transmitir esses discursos à filha justifica-se pela ideia de que o poder não é somente uma opressão negativa, ele também convence e produz discurso. Para Foucault (1989), “Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa, que tem por função reprimir” (p. 11), isto é, ele é aceito e reproduzido dentro do corpo social, quase nunca sendo enxergado como repressão, e sim como o “modo normal” de se existir. Guacira Lopes Louro (2000), ao tratar da pedagogia da sexualidade, afirma que:

A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades. (p. 17)

Complementando a ideia de Foucault, na qual os sujeitos aceitam esse poder, em relação à pedagogia da sexualidade – na qual os sujeitos são educados para a vivência de sua sexualidade –, Louro (2000) sugere que esses indivíduos serão também atuantes nesse processo de viver os ideais da normatividade relacionada à sexualidade. Sendo assim, geralmente vão policiar a si mesmos, e quando se trata da família, transmite-se para a outra geração. Assim acontece com a relação entre Irene e Estela, tendo em vista que a mãe não tem consciência sobre as problemáticas incutidas nas normas que lhe foram impostas, logo, propaga essas ideias por considerá-las a melhor forma de educar a filha.

Estela vive um período de entrada na adolescência e, sendo uma mulher negra, conhece os dois extremos da sexualização de seu corpo: por um lado, é vista apenas como um corpo feito para o sexo, para o fetiche masculino; por outro, há uma tentativa de domar esse corpo que supostamente possui instintos primitivos e incontroláveis, uma vez que corpos negros são vistos apenas como corpos sexualizados, e para as mulheres negras esse peso é ainda maior devido ao gênero. Para Estela, o controle sobre o corpo se dá de maneira muito mais explícita porque o período em que começa a conhecer seu corpo e a ter desejos sexuais é quando está frequentando a igreja protestante.

Nessa época, ela começa a se relacionar com Isaías, filho do pastor Zaqueu. Apesar de não ter sentimentos por ele ou sequer considerá-lo atraente, enxerga nele a possibilidade de beijar um garoto pela primeira vez. De início, não pretendia namorar, porque não gostava dele de fato; apenas se beijavam e, com isso, conheciam o corpo um do outro. Entretanto, um acontecimento a obriga a oficializar o namoro: certo dia, o pai de Isaías vê os dois se beijando enquanto acariciavam os corpos um do outro. Essa notícia, além de outras situações paralelas, chega aos ouvidos da madrinha Jurema, a qual sugere, nas palavras da narradora, que “o diabo estava tomando conta do meu corpo” (p. 111). Devido a isso, Estela precisa aceitar uma conversa com Everaldo, o pastor da igreja que frequenta.

Ele conta para ela uma história na qual uma moça beijava vários rapazes, até que começou a circular na cidade o relato de que ela não era mais virgem e que se prostituía. Por conseguinte, moça fica isolada de todos, até que um dia ela vai conversar com um padre, que pede para ela rasgar um travesseiro do alto de uma torre, e depois buscar as penas. Porém, não era possível buscar todas, porque elas se espalham. “As penas significam as nossas ações” (p. 114), disse o pastor, no intuito de mostrar que os boatos falsos que circulavam eram culpa da moça, insinuando o mesmo sobre essa possibilidade em relação a Estela.

Everaldo termina a narração dizendo que “a menina passou um bom tempo em reclusão, refletindo e aprendendo com o tempo e com a solidão. Depois, conheceu um rapaz bom e trabalhador. Namoraram com decência e afeto. Noivaram e se casaram, assim como manda a sagrada escritura” (p. 115). Desse modo, não é difícil notar uma estratégia de convencimento no discurso do pastor. O jeito manso de falar e o argumento de que também já foi jovem, no início da conversa, são modos de fingir alguma empatia, para em seguida convencê-la de algo. Estela oficializa o namoro, não tanto por ter sido domada, mas para não decepcionar a madrinha nem a mãe. Nesse ponto, Família e Igreja andam juntas para estabelecer o controle e perpetuar uma norma de comportamento direcionada ao gênero feminino. De acordo com Bourdieu (2024):

Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. (p. 141)

A Igreja determina a inferioridade e submissão das mulheres, e esse dogma familiarista diz respeito à necessidade de casar e constituir família – na qual essa mulher servirá a um homem, e por isso a Família tem relação direta com os valores da Igreja. Sendo assim, é essa a

mensagem que o pastor Everaldo tentou passar ao sugerir que a culpa era da moça (ainda que os boatos fossem falsos), e que sua forma de superar isso foi se submetendo à união do casamento, “como manda a sagrada escritura”, isto é, seguindo o que diz a religião, em detrimento das vontades e do desejo do corpo. Busca, então, convencer Estela a pensar dessa forma, promovendo um puritanismo do corpo e mantendo a ideia sagrada do casamento antes das relações sexuais.

Após terminar de contar a história da moça, o pastor Everaldo continua com seu discurso, afirmando que Estela era uma boa moça, além de enfatizar a necessidade que tinham de seguir a religião. Enquanto fala, há algumas sutilezas na sua forma de agir em relação a Estela, como nos seguintes trechos: “O pastor Everaldo ficou me olhando em silêncio por alguns momentos” (p. 115) e “ele disse, pondo a mão em meu rosto” (p. 115). Há uma aproximação fora do comum, principalmente considerando que estavam somente os dois no ambiente. Ao final do discurso, a narradora revela que:

Ao ouvir o pastor Everaldo dizer tudo aquilo, tive vontade de chorar, porque eu estava caindo. Foi então que nos abraçamos. Quis ficar naquele abraço do pastor Everaldo. Logo em seguida, a irmã Otacília entrou e o pastor rapidamente se afastou de mim porque talvez nosso abraço tivesse sido longo demais. Para disfarçar, o pastor disse que eu precisava de um banho de descarrego para me purificar. Pediu para irmã Otacília preparar meu banho, dizendo que aquilo tiraria todos os meus desejos impuros. (p. 115-116)

Estela se encontrava em um momento de vulnerabilidade, no qual o pranto toma conta de seu corpo e ela enfraquece, pelo peso da culpa, imputada pelas ideias da religião, presentes na fala de pastor Everaldo. A forma como ele fala com ela não é à toa: é um modo de manipulação, e de certa forma de invasão ao corpo dela, ainda que de modo sutil. O olhar demorado, o toque físico e o abraço longo são formas que ele encontra de exercer certo poder sobre a jovem, que tinha apenas 14 anos e começava a sentir o peso do mundo. Mesmo que ela afirme que quis ficar naquele abraço, isso só ocorre porque anteriormente o pastor havia propositalmente deixado a menina sensibilizada com a história e com seu discurso. A narradora, que talvez não tenha sentido estranhamento no momento do acontecimento, na sua narrativa enfatiza a ação do pastor de se afastar abruptamente do abraço que estava sendo muito demorado e, em seguida, o esforço dele de disfarçá-lo. Esses detalhes apenas comprovam que, além da manipulação com a fala, o pastor tinha o intuito de se aproveitar do corpo de Estela com esses toques físicos. Considerando que ela estava sendo advertida por transgredir a normatividade da sexualidade, é possível que tenha existido, por parte dele, o desejo de violação do corpo de Estela. Embora essa hipótese não se confirme claramente, não há dúvidas do estranhamento da narradora sobre o ocorrido.

Ademais, após essa situação, Estela é encaminhada para realizar um banho de descarrego, com o intuito de purificar o corpo. Está incutida nisso a necessidade de retirar o pecado deste corpo, que já é socialmente enxergado de forma sexualizada, e a situação do beijo com Isaías apenas confirma essa visão pré-concebida. Todo esse “ritual” tem êxito, porque Estela volta a pensar na imagem da mãe atrás da porta segurando uma faca, motivo pelo qual ela havia aceitado a religião da madrinha como sua. Após isso, ela oficializa o namoro com Isaías, sem hesitar, mesmo não sendo o que ela desejava. Acreditava que, seguindo o que era considerado certo, sua vida e a da sua família iria melhorar, ainda que o “certo” fosse ir contra a sua vontade.

Nesse episódio, é possível também perceber o comportamento de Augusto com Estela. Apesar de ter sido mais resistente, inicialmente, a se tornar devoto à religião, ele passa a ser extremamente conservador e a repudiar os comportamentos da irmã que de certo modo transgrediam as normas religiosas, principalmente relacionados à sexualidade. Nessa situação em que ela estava atrás da igreja com Isaías, é Augusto quem flagra os dois, juntamente com Zaqueu, o pai de Isaías. Possivelmente, fora Augusto que levava Zaqueu para ver o que estava acontecendo, para delatar a irmã. Antes de entrar para a Igreja, Estela e Augusto eram mais próximos e, apesar dos conflitos que surgiam, e das diferenças de tratamento entre eles – como nos afazeres domésticos, temática que será vista posteriormente neste trabalho –, eles compartilhavam as mesmas dores e se uniam para sobreviverem às violências e às perdas. Porém, em determinado momento, Augusto passa a ser devoto e a se portar como um pastor. Estela relata que, em uma conversa telefônica com a mãe, pensou em falar sobre a mudança do irmão.

Acho que foi nesse tempo que as coisas entre nós começaram a mudar. Explico: o Augusto antes era um menino que volta e meia tinha aqueles acessos de babaquice, mas quando entrou para a igreja, quando aceitou Jesus no coração, meu irmão se transformou: passou a querer ser igual os pastores. Mudou o jeito de falar. Era sério demais para a idade dele. Vestia roupas sociais que ficavam esquisitas nele por serem sempre maiores que seu número. Passou a carregar a Bíblia para cima e para baixo, e decorou alguns trechos para dizer na hora da janta e do almoço. (p. 109)

Augusto, então, havia se tornado completamente dominado pela religião. Por ser ainda uma criança, um pré-adolescente, fora manipulado com maior facilidade pela ideologia da igreja evangélica. Além disso, provavelmente não tinha os mesmos questionamentos de Estela sobre a fé, sobre tudo. Estela tinha a compreensão, ainda que pouco desenvolvida, de que a religião a aprisionaria, mais ainda por ser mulher, pois o conflito interno sobre a luta entre desejo e fé se tornava cada vez mais angustiante para ela. Desejo esse voltado para a

sexualidade, mas também para a mente, já que o poder de Deus era inquestionável, e pensar diferente seria pecado.

Após o ocorrido com Isaías atrás da igreja, a narradora conta que “Além de pastor, Augusto virou o guardião da minha virgindade. Eu e o Isaías passamos a ser mais vigiados do que nunca. Agora, nosso namoro se resumia a pegarmos um na mão do outro.” (p. 117), ou seja, Augusto passa a exercer vigilância sobre a sexualidade da irmã. Mesmo sendo mais jovem que ela, ele ainda assim possui esse poder de subjugá-la a partir da reprodução de pensamentos tradicionalistas sobre a liberdade feminina. É a partir de então que Estela passa a ser ainda mais controlada, perdendo a conexão que tinha com o irmão, separados pelo patriarcado e pelo dogma religioso. Augusto, nesse contexto, torna-se uma das figuras masculinas que exerce poder sobre ela.

Outro momento em que esse controle se mostra é na ocasião em que Estela vai visitar os pais de Isaías, quando os dois estão namorando em definitivo. O pai, Zaqueu, sugere que o namoro se encaminha para um noivado, e “Que o namoro ia ser muito bom pra mim, porque eu era uma neguinha muito bonita e que existe muito malandro mal-intencionado por aí” (p. 129). Em outras palavras, o namoro seria uma forma de encarcerar o corpo, porque ela se tornaria de um homem apenas, caso contrário, estaria sob os olhares e desejos de outros homens, por ser uma “neguinha muito bonita”. Mais uma vez, Estela, enquanto uma mulher negra, é vista de forma sexualizada, pois Zaqueu, assim como Irene, reproduzem esse imaginário do corpo da mulher negra intensamente desejado sexualmente, e procuram modos de contê-lo. Porém, quando essa fala vem de Zaqueu, é ainda mais violenta, tendo em vista que ele é um homem, possivelmente branco, que expõe esse pensamento por meio da linguagem.

O que confirma essa visão preconceituosa de Zaqueu é quando Estela termina com Isaías e este último, ao tentar reatar o namoro e não obter sucesso, começa a proferir asneiras para ela, dentre elas “[...]dizendo que bem que o pai dele tinha dito que eu não passava de uma neguinha safada. Que eu só queria dar meu rabo e pronto, que ele tinha sido um idiota em me respeitar.” (p. 141) Novamente o vocábulo pejorativo “neguinha” aparece, sendo uma maneira de tratá-la como alguém inferior, não só pelo fato de a palavra estar no diminutivo, mas também por evidenciar a sua cor como uma marcação. Fica claro que a cor de Estela não passa impune, é percebida e estigmatizada, logo, a violência ocorre de modo que tanto o gênero como a raça sejam matérias para a dominação. Ademais, como demonstra o trecho citado, Zaqueu também sugere que o filho havia sido um “idiota” por respeitar Estela, logo, está implícita a ideia de que

mulheres devem agir de determinada forma para então merecerem respeito, como se precisassem provar esse merecimento.

A sexualização da mulher negra gera violências simbólicas, mas também físicas, como abusos sexuais. No episódio em que dois homens invadem a casa de Estela, em Viamão, a primeira pessoa afetada é Irene, que não sofre somente violência verbal e física, como também sexual. “O homem subiu em cima da minha mãe enquanto um fiozinho de sangue saía da cabeça dela. Minha mãe chorava de dor porque rapidamente estava dentro dela e imaginei que aquilo estava doendo.” (p. 36) Em seguida, quando os homens percebem a presença de Augusto e de Estela, um deles vai em sua direção e agride Augusto com um tapa no rosto, arremessa Estela ao chão e começa a retirar-lhe a roupa. “Ao meu lado, vi o homem ainda em cima da minha mãe. E mesmo sentindo dor, ela pedia por favor para me deixar em paz, que eu era só uma menina. Mas o homem não se importou.” (p. 37) Estela também sofre abuso sexual, que embora não chegue a ser a consumação do ato sexual, devido a um barulho externo que provoca a fuga dos invasores, só o fato de ela ter suas roupas arrancadas já é uma forma de ter seu corpo invadido e assediado. A partir dessa situação, é possível constatar que tanto Irene quanto Estela são afetadas por opressões diversas, que se interseccionam. A questão da classe faz com que estejam, todos os três, vulneráveis economicamente, e por morarem em um local menos favorecido, são atingidos pela violência e pela criminalidade com maior facilidade.

Essa não é a primeira vez que alguma situação do tipo acontece próxima a eles, já que anteriormente um homem havia sido morto em frente a sua casa, e Augusto presencia o barulho dos tiros. Entretanto, quando se trata de Irene e de Estela, a união gênero e raça faz com que as mulheres negras sejam atingidas com opressões específicas, e no contexto da situação que vivenciam, ambas são enxergadas pelos invasores como objetos sexuais, sem que a idade de Estela tenha a menor relevância, ainda que fosse praticamente uma criança. Augusto, um menino negro, sofre violência física, mas não sexual. A interseccionalidade, como já abordada anteriormente, é quando a união dessas características (raça, classe, gênero, orientação sexual etc) produz efeitos específicos, gerando opressões cruzadas. Por isso, as mulheres negras, muitas vezes afetadas também pela classe, encontram-se marginalizadas socialmente, em sua maioria. Na situação da invasão à casa de Estela, fica claro que apenas Augusto não é alvo de violência sexual, pois apesar de ser um homem negro, o cruzamento de raça-gênero-classe o afeta de maneira diferente, por ser homem. Geralmente, homens negros, apesar de também serem sexualizados, não vivem a mesma subjugação das mulheres negras, que são enxergadas

como objetos sexuais, desde o período colonial, no qual os senhores de engenho estupravam negras escravizadas.

Conforme Lélia Gonzalez (2020), no período colonial, “[...] os ‘casamentos inter-raciais’ nada mais foram do que o resultado da violentação de mulheres negras por parte da minoria branca dominante.” (p. 50) Havia uma exploração do corpo dessas mulheres, e essa imagem de que elas eram boas somente para o sexo, ignorando sua humanidade, perdura até os dias de hoje. A fala de Zaqueu, por exemplo, mostra que o filho não era obrigado a respeitar Estela, porque implicitamente se entende que ela não tinha o perfil de mulher a ser respeitada – não só pelo seu comportamento, mas antes de tudo por ser negra. Grada Kilomba (2019), aborda as ideias de hipersexualização de mulheres negras a partir de estereótipos, e afirma que:

Essas imagens da mulheridade negra são ‘um reservatório’ para os medos da cultura ocidental, onde a ‘mãe negra’ e a ‘prostituta negra sexualmente agressiva’ vêm representar essas funções femininas que uma ‘sociedade puritana’ não pode enfrentar: o corpo, a fertilidade e a sexualidade (p. 142 – 143).

O imaginário branco procura projetar aquilo que reprime em si (porque não consegue lidar) na mulher negra, e nisso se destaca a sexualidade. Logo, essa atribuição de animalidade a pessoas negras é uma repulsa desencadeada por uma mentalidade racista. Percebe-se, então, que Zaqueu acreditava que o namoro seria um modo de neutralizar os instintos de Estela. A figura dele e de pastor Everaldo representam o poder do discurso eclesiástico sobre o corpo feminino negro, e ao final Isaías também reproduz esse pensamento. O fato de Estela e sua mãe terem sido abusadas sexualmente também mostra como elas são alvos para esse tipo de violência.

Como consequência desse imaginário que foi criado sobre a mulher negra, ela passou a ser representada, historicamente, de forma exagerada, com uma sexualização que, em determinados casos, beira o grotesco. Amanda Braga (2015), ao tratar sobre a beleza negra ao longo da história do Brasil, traz uma contextualização acerca da representação de uma mulher negra africana chamada Saartjie, que recebeu a denominação “*Vênus hotentote*”. Essa imagem esteve presente no livro “*História natural dos mamíferos com figuras originais, coloridas a partir de animais vivos*”, que foi publicado em 1824 por um anatomista e um médico, ambos europeus, “onde Saartjie aparecia ‘catalogada’ como uma das 120 espécies de mamíferos” (Braga, 2015, p. 43). Isto é, essa mulher sequer foi enxergada como um ser humano, e sim exposta em um livro, cujas dimensões foram exageradas, principalmente de seus seios, quadris e nádegas.

De perfil, a *Vênus hotentote* se apresenta, aqui, numa confluência de símbolos. O tamanho denotado das nádegas, bem como seus ornamentos, a pintura em seu rosto, e certo aspecto selvagem que paira sobre a caricatura, estão em

consonância com um discurso segundo o qual os africanos representariam a ponte de ligação entre o mundo animal e o humano. (Braga, 2015, p. 47, grifo do autor)

A proximidade da imagem de *Vênus hotentote* com o mundo selvagem deixa clara a visão europeia sobre os corpos negros e sua demarcação como o diferente, o outro. O exagero, resultado de uma animalização e hipersexualização, vai ao encontro da ideia de que mulheres negras são mais indomáveis sexualmente, conceito que perdurou desde o período colonial e que permanece ainda nos discursos da atualidade. Braga (2015) também traz, em sua análise, uma propaganda do ano de 2006, da Cerveja Mulata, na qual uma mulher negra está cozinhando – nesse ponto, já se pode pensar no estereótipo da negra que está a serviço de todos. Seu corpo é representado com seios, nádegas e lábios em evidência. A frase que vem escrita é “Gostosa é apelido. O nome é Mulata.” (p. 168), insinuando que o adjetivo “gostosa” se direciona tanto à cerveja quanto à mulher mulata, e suas características físicas sexualizadas confirmam isso.

Assim, no momento atual, embalado por um contexto em que iniciativas governamentais e não governamentais apontam a necessidade de se ratificar uma imagem afirmativa ao negro, a publicidade da cerveja Mulata apresenta o retrato de um discurso que, embora seja partidário de uma iniciativa que vê, na mulata, uma imagem positiva, não tarda em vinculá-la a uma beleza calcada no caráter sexual. (Braga, 2015, p. 225)

Essa imagem “positiva” que se intenciona dar à mulher negra parte, ainda, de um estereótipo racista, uma vez que seus atributos colocados em evidência são as partes do seu corpo exageradamente sexualizadas. Mesmo que essa propaganda se diferencie, em parte, da visão que se tinha no período no qual se retratou a *Vênus hotentote*, em que o corpo da mulher negra é enxergado como algo grotesco, não deixa de dar foco ao corpo dessa mulher, que é marcado pela sua diferença anatômica. Além disso, a publicidade é direcionada principalmente a homens, assim como todo anúncio de cervejas da época, nos quais apareciam mulheres seminuas. Logo, existe uma forma de retratar e de se referir a esse corpo da mulher negra de modo que seja atrativo para o homem que irá consumir – daí, o corpo também se torna, indiretamente, objeto de consumo. Mais adiante, tratamos sobre alguns comentários direcionados ao corpo de Estela, que mostram como essa ideia da mulata brasileira é tão disseminada que se torna um atrativo para homens brasileiros e estrangeiros, por isso a existência do turismo sexual.

Os estereótipos reproduzidos pelos personagens de *Estela sem Deus* também aparecem em outros contextos, como na obra *O avesso da Pele* (2020), também do autor Jeferson Tenório. Nela, é possível perceber uma situação semelhante que acomete a personagem Martha, ainda que de forma mais explícita, no que se refere à violência simbólica. Martha é a mãe do narrador,

este que tem uma espécie de monólogo direcionado ao pai já falecido, e nesse processo conhecemos tanto a história de seu pai, Henrique, quanto de sua mãe. Martha ficou órfã de sua mãe quando era criança e foi adotada por uma mulher branca, porém, as violências que sofre partem da família branca de seu primeiro esposo, Vitinho. Martha e Vitinho passam a morar nos fundos do armazém, ao lado da casa dos pais dele. Certa vez, a mãe de Vitinho, dona Maria, chamou a atenção deles por conta de “barulhos noturnos”, das relações sexuais do casal.

[...] e disse que ali era uma casa de respeito e não um puteiro, que, se minha mãe estava acostumada a gritar daquele jeito quando andava perdida por aí, que ali tinha que respeitar, porque eles eram cristãos, iam à igreja e zelavam pela moral. Já tinha ouvido que as pretas eram assim, mas assim já é demais, comentou dona Maria com o marido certa vez, antes de irem dormir. (Tenório, 2020, p. 79)

Essa fala mostra como Martha é vista enquanto mulher negra, como alguém sexualmente indomável. O discurso cristão, associado a uma ideia de moral e pureza sobre a família, tem ligação direta com o que ocorre a Estela, já que ela é vista como alguém cujos impulsos sexuais precisam ser reprimidos como forma de salvação, e fechar-se em um casamento seria a solução. O final do excerto acima deixa clara a relação entre esse comportamento repudiado pela mãe de Vitinho e a cor de Martha, confirmando que há uma ideia já formada, socialmente, sobre como são as mulheres pretas em relação ao sexo. Em outra ocasião, Vitinho chega em casa alterado, pois havia feito uso de drogas. Começa a questionar Martha sobre onde ela aprendera a fazer sexo daquela maneira, “como uma puta”, porque não era o que ele esperava de uma moça virgem. Em seguida, profere que “*Meu pai bem que me avisou que as pretas não prestam*” (Tenório, 2020, p. 100, grifo do autor). Ele deixa escapar essa concepção que seu pai tem sobre mulheres negras, opinião compartilhada com dona Maria, como já mencionado. Do mesmo modo, em *Estela sem Deus*, Isaías reproduz a visão do pai sobre o caráter de Estela enquanto mulher negra, comprovando que esse tipo de pensamento existe e é compartilhado dentro de famílias brancas, não raro sob a justificativa da moral e bons costumes cristãos.

Não obstante, não são somente os homens e mulheres brancos que deixam evidente esse pensamento negativo sobre o corpo e a sexualidade de mulheres negras. Irene também já manifesta uma perspectiva machista no episódio da primeira menstruação da filha, como já visto, porém há outros momentos em que isso ocorre. A prima de Estela, Angélica, engravida aos 16 anos e “Em função disso, passei semanas ouvindo minha mãe dizendo, tá vendo, Estela, tá vendo o que dá não fechar as pernas. Hoje em dia está tudo perdido mesmo, as gurias não se dão mais o devido respeito.” (p. 55) Esta fala é um pensamento proveniente de ideais

tradicionalistas e conservadores acerca do comportamento de mulheres, e segue o mesmo raciocínio do seu discurso feito na primeira menstruação da filha, sendo a gravidez de Angélica um modo de “comprovar” os conselhos que deu à Estela sobre a sexualidade e a gravidez.

Em outra ocasião, quando Estela já está morando com a madrinha Jurema no Rio de Janeiro, Irene telefona para falar com os filhos. Augusto fala para a mãe que Estela havia arranjado um “namoradinho”, e quando transfere o telefone para a irmã, Irene reage: “Estela, tu é uma moça, mas não quero saber de tu metida com guris.” (p. 94) Ela repreende a filha pela mera possibilidade de envolvimento amoroso, e mais uma vez o controle da sexualidade se mostra presente pela mãe, que representa a Família enquanto instância. Como já mencionado, existe a ideia do cuidado e da preocupação excessiva, porém, há também uma culpabilização extrema da figura da mulher, uma vez que ela é sempre a que mais recebe instruções sobre como se portar, principalmente perante os homens. Apesar de Irene não trazer argumentos religiosos para advertir a filha, suas ideias também têm origem na religião, que determina a pureza e submissão de mulheres. A madrinha Jurema, por outro lado, reproduz explicitamente esses valores, ao supor, após o beijo com Isaías atrás da igreja, que o demônio estava no corpo de Estela.

Assim, mulheres também reproduzem ideias patriarcais. bell hooks faz algumas considerações sobre mães que assumem essa posição.

Mesmo nos lares onde não havia um pai presente, as mulheres ensinavam, e ensinam, pensamentos sexistas para as crianças. De maneira irônica, várias pessoas pressupõem que qualquer lar é automaticamente matriarcal quando a mulher é chefe de família. Na verdade, mulheres chefes de família na sociedade patriarcal, com frequência, sentem-se culpadas pela ausência de uma figura masculina e ficam hiperatentas à comunicação de valores sexuais para as crianças [...]. (hooks, 2022, pp. 109-110)

Como Irene é uma mãe solo, é possível que sinta a necessidade de transmitir os valores patriarcais aos filhos. Em determinado momento, Estela acompanha a mãe para a limpeza das casas, mas Augusto fica em casa capinando o pátio, e Irene argumenta que “era bom para ele ficar forte e para mantê-lo ocupado fazendo coisas de homem.” (p. 29) Assim, há uma atribuição de uma função ao filho de acordo com seu gênero, outrossim, Estela era quem ajudava nas atividades domésticas, além dos inúmeros discursos que escuta de Irene sobre a repressão de seu corpo. A narradora também complementa: “[...] embora eu não soubesse na época por que limpar casas não poderia ser serviço para homens também.” (p. 29), o que ilustra como Estela percebia essas diferenças desde jovem, ainda que não soubesse muito bem o motivo. Posteriormente, Augusto só começa a acompanhar a mãe e a irmã na limpeza das casas devido à violência no bairro onde moravam e os riscos em ficar sozinho.

Estela, sendo mulher, sofre a repressão de sua sexualidade, principalmente pela sua idade, pois é na adolescência que meninas passam a se tornar mulheres e são conduzidas a agir conforme uma ideia patriarcal sobre o gênero feminino. Porém, sendo negra, as questões de gênero e raça se entrelaçam, e além da concepção patriarcal, há também a hipersexualização de corpos negros, como Camilla Gomes (2018) teoriza. Essa hipersexualização tanto contribui para a repressão do corpo, como foi visto, já que o corpo da mulher negra é animalizado e enxergado como indomável, quanto direciona para um pensamento de que essas mulheres são objetos sexuais.

Há passagens do livro que mostram, mesmo que de forma sutil, comentários sobre o corpo de Estela, voltados para uma ideia de sexualização. Certa vez, percebe mudanças em si, “principalmente meus seios, que cresceram e passaram a chamar a atenção. Tanto que, certo dia, peguei o Padilha olhando para eles.” (p. 108) O seu corpo, que se desenvolvia, começa a ser visto por outras pessoas, principalmente homens. Apesar da declaração de Estela, sobre ter gostado da possibilidade de desejada, ainda assim há o sentimento de nojo ao imaginar Padilha, um homem muito mais velho, tocando seus seios. Dessa forma, ela sabia que a ideia de ser desejada era boa, ao mesmo tempo que se sentia desconfortável com a possibilidade de ser tocada e violada.

Em outro momento, quando Irene vai ao Rio de Janeiro, passa a frequentar a casa de Edna, uma amiga sua que mora na cidade. As duas combinam de ir a uma boate onde frequentavam homens estrangeiros, e a mãe de Estela fica entusiasmada porque “eles gostavam das pretas que nem ela.” (p. 121), informação dada por Edna. Em outro momento, “[...] Edna olhou para mim e disse que os gringos também iam gostar muito de mim, tanto eu quanto a minha mãe tínhamos muito mais chances de conseguir um gringo com dinheiro por sermos pretas.” (p. 121) Desse modo, há uma clara alusão ao turismo sexual, uma vez que a imagem da mulher negra no Brasil, a “mulata”, é vendida como símbolo sexual para homens estrangeiros.

Irene começa a se relacionar com o italiano³ e, após passarem a virada de ano no Rio de Janeiro, ela vai com ele para a Itália, retornando após três meses. Quando chega, relata que na Europa as pessoas enxergavam-na com certa estranheza, as crianças tocavam sua pele para saber se era real. Ela revela que se tornou a “atração” do local, e que Rino gostava de exibi-la.

³ Nesse ponto da narrativa, é possível notar uma mudança na personagem Irene, que até certo momento tem uma personalidade mais reservada e reativa, mas ao chegar ao Rio de Janeiro, passa a ser mais amorosa com os filhos e tem um envolvimento repentino com Rino, um homem italiano. Essa mudança brusca soa inverossímil, devido ao comportamento da personagem até este ponto.

Embora ela trate esse momento como algo positivo, essa situação só mostra que de fato ela era discriminada e vista como um objeto a ser exibido. Após esse relato, ela sugere para Estela que “Tu, minha filha, com esse corpão todo, ia fazer muito sucesso lá também” (p. 157), afirmação que coloca o corpo de Estela como um objeto de exibição, do mesmo modo que a própria Irene fora violentada.

Estela, ao contrário da mãe, incomoda-se com a afirmação, e durante a narrativa alega que não gostaria de ser apenas um corpo, o que já mostrava ao manifestar sua vontade de ser filósofa. Esse posicionamento faz com que ela deseje quebrar alguns ciclos de violência posteriormente. Dessa maneira, o corpo de Estela é, a todo momento, alvo de denominações voltadas ao racismo e ao sexismo, ainda que seu desejo seja poder expandir sua existência para além de um corpo que precisa receber validação externa para agir. Algum tempo depois, quando engravida, esse sentimento de impotência sobre o próprio corpo se mostra ainda mais claro.

Ainda se tratando sobre a questão da sexualidade e da religião, é importante mencionar o período histórico/político em que se passa a obra, que é no final dos anos 1980, às vésperas da eleição do presidente Fernando Collor de Mello. O país passava por grandes mudanças, pois era um período de redemocratização após os 21 anos de ditadura militar, e em 1988 é promulgada a Constituição Federal que hoje rege o Brasil. Apesar de esse documento ter trazido novas noções de democratização e pluralidade, o país ainda vivia os resultados de políticas tradicionalistas, pautadas em uma moral religiosa e patriarcal. Até a constituição anterior, de 1934, o divórcio ainda era proibido, e havia obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas (Silva, 2017, p. 64). No período da promulgação deste texto constitucional em questão, a Igreja Católica ainda era a que tinha maior força no Brasil, e tem influência no conteúdo presente nele. Nos anos 1980, a Igreja Neopentecostal ganha espaço, entrando ativamente na vida política. Luiz Gustavo Teixeira da Silva, em seu texto *Religião e política no Brasil* (2017) tece um paralelo entre esses dois momentos históricos:

[...] os contextos são similares, isto é, o Brasil estava em processo de elaboração de novas constituições (1934 e 1988, respectivamente) e havia grupos sociais que aspiravam à inclusão de novos reordenamentos jurídicos nestes textos, aos quais estas instituições religiosas eram contrárias, por entenderem que tais reordenamentos iriam subverter certos valores morais e/ou religiosos. [...] Não queremos dizer com isso que haja um padrão de reprodução entre estas duas experiências, ou seja, uma receita exitosa adotada pelos católicos e que foi copiada pelos pentecostais/neopentecostais posteriormente. A despeito disso, pretendemos apenas chamar a atenção à porosidade da sociedade e do sistema político em absorver estas estratégias/intervenções do mundo religioso na política. (p. 64)

Em ambos os casos, houve uma tentativa das igrejas católica e neopentecostal de interferir na política, buscando ter algum espaço dentro das decisões e do direcionamento das leis no Brasil. Apesar de não terem tido influência direta na feitura da Carta Magna, ainda assim essa tentativa de os neopentecostais adentrarem na política tem êxito quando suas ações resultam na criação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), popularmente conhecida como “bancada evangélica”, em 2003. Tal fato ocorre porque essa ideologia começa a ter força dentro da sociedade, em um país que já era tradicionalmente religioso, apesar de laico.

Ainda sobre a presença dos neopentecostais no contexto da elaboração da Constituição Federal de 1988, Silva (2017) afirma que “Sua atuação e mobilização no ambiente constituinte foi reflexo da adoção de estratégias políticas construídas ao longo dos anos de 1980, sobretudo pela Igreja Universal do Reino de Deus.” (p. 238), o que confirma a influência desse segmento no período que é retratado em *Estela sem Deus*. Mais adiante, Silva (2017) também acrescenta que:

[...] Esta postura foi decisiva para as alianças confeccionadas pelas lideranças políticas e/ou religiosas (neo) pentecostais nas eleições seguintes. O apoio a Collor em 1989 e a Fernando Henrique Cardoso em 1994 teve como objetivo a oposição ao candidato Lula, do Partido dos Trabalhadores (pt), à Presidência da República. Neste sentido, os fiéis eram orientados a evitar candidatos “extremistas” para os cargos executivos e legislativos. Conforme dito, naquele período as lideranças (neo) pentecostais acreditavam que havia uma aliança entre o pt e setores da Igreja católica para restringir sua liberdade religiosa. (p. 239)

Fernando Collor obteve apoio dos neopentecostais em sua eleição, devido à necessidade de fazer oposição a Lula, já que Collor representava um lado mais conservador. Em *Estela sem Deus*, a narradora retrata a ocasião em que Collor ganha as eleições, em que tanto a vizinhança quanto as pessoas que apareciam na TV comemoravam “como se fosse um grito de gol em copas do mundo” (p. 106). Ela também relata que o candidato eleito faz um pronunciamento, o qual ela não conseguia compreender, “porque ele costumava utilizar palavras difíceis e esquisitas, mas eu ouvia a madrinha dizer que ele falava bonito, era inteligente e tinha classe.” (p. 106) É possível que a maior parte das pessoas de fato não entendessem o que o presidente dizia, sendo seduzidas por uma imagem, palavras bonitas e a reprodução de discursos tradicionalistas já populares entre a população, especialmente os religiosos.

Sendo assim, essa união entre política e religião se mostra como uma forma de exercer controle sobre boa parte da população, que tem acesso precário aos estudos e à informação de qualidade. Além disso, faz com que os ideais de puritanismo sexual e de “família tradicional” sejam mantidos, o que se mostra no romance de Tenório, já que o corpo de Estela é vigiado a todo momento, e mesmo sem os argumentos religiosos, como no caso de Irene, é um

pensamento que tem origem na ideologia do cristianismo. Desse modo, o contexto histórico/político tem relação direta com a situação pela qual Estela passa, mesmo que todas essas ideias sobre o corpo não sejam exclusividade desse período: são concepções milenares que resistem no pensamento coletivo.

1.2 O aborto

Depois de terminar o relacionamento com Isaías, Estela conhece Francisco, um homem muito mais velho que em dado momento é descrito como alguém que tem idade para ser seu pai. Ela se sente atraída por ele pelo seu conhecimento sobre a vida, sendo uma pessoa com quem ela podia conversar temas mais profundos e filosóficos. É com ele que ela tem relações sexuais pela primeira vez, aos quinze anos. Por parte dele não há repressão da sexualidade da adolescente, pois naquele momento a liberdade sexual dela iria favorecer a ele, independente da sua idade. Eles realizam o ato sexual e sequer utilizam preservativo. Estela narra ao final do ato sexual: “senti um líquido escorrendo pela minha perna” (p. 154). Devido à sua vivência frequentemente isolada e sem a orientação de adultos, ela provavelmente não tinha consciência de que poderia engravidar ou contrair infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) naquele contexto, tampouco que aquilo se configurava como abuso sexual e pedofilia. A orientação que obteve da mãe foi somente de “fechar as pernas”, sem criar uma consciência sobre o próprio corpo ou sobre o que era maléfico para si. Além da falta de informação da sociedade num geral, Estela não possuía um grupo social muito diversificado, pois tinha acabado de voltar a frequentar a escola. Sua única amiga próxima é Melissa, com quem consegue informações sobre a realização do aborto.

Quando percebe que engravidou, com a ajuda da amiga faz os testes para confirmar as suspeitas, e dá-se conta de que não quer aquele filho. Ela não tinha qualquer apreço pela maternidade, e isso já é visível na época que a prima Angélica engravida e Estela enxerga a situação com tristeza: “Minha prima me mostrou o carrinho, o berço, as fraldas, as chupetas, as mamadeiras, mas aquilo começou a me dar uma tristeza muito grande, e eu não sabia explicar por quê.” (p. 56) Provavelmente essa visão advinha do seu convívio com a mãe, percebendo que a maternidade podia ser difícil e paralisante, principalmente para mulheres negras e pobres. Mesmo com o conselho de Melissa, de que ela quem deveria decidir sozinha o que fazer, Estela resolve contar a Francisco que estava grávida. No entanto, a reação dele não é boa:

[...] depois voltou a falar que mesmo eu não estando mais na igreja, Deus continuava ao nosso lado e que tirar uma criança inocente era pior que matar

uma criança já nascida. E você sabe muito bem o que acontece com as pessoas que decidem tirar a vida de uma criança. [...] as pessoas vão para o inferno, Estela, para o inferno. Queimam para sempre na eternidade. (p. 168-169)

Antes disso, não há menção a qualquer religiosidade de Francisco. Logo, entende-se que ele se seguiu no discurso religioso para reprimir Estela por sua escolha ao fazê-la sentir culpa com a possibilidade de ir para o inferno. Ele aceita a liberdade de Estela quando ela escolhe perder a virgindade, mas não quando resolve interromper a gravidez, além de não mostrar preocupação por ela ser muito jovem para engravidar. Pelo contrário, ele se alegra porque vai ser pai, e Estela se torna apenas um receptáculo que vai armazenar um possível filho: “Vou ser pai, ele disse. Temos de estar felizes.” (p.169) Como ele mesmo deixa claro em sua fala anterior, a vida de um feto valia mais que a de alguém já nascido. Dessa maneira, ele se mostra alguém que não tem a mente aberta como aparenta, já que defende valores conservadores quando lhes são convenientes.

Bourdieu (2024) afirma que a Igreja penetra no inconsciente coletivo por meio de textos sagrados, e é o que ocorre em um culto conduzido pelo pastor Everaldo, no qual ele lê o Salmo 128:1 da bíblia: “Tua esposa será como a videira frutífera aos lados da tua casa, os teus filhos, como as plantas das oliveiras à roda da tua mesa” (p. 89). A menção à videira e às oliveiras remete à fertilidade, desse modo, dentro de um casamento, a mulher tem a função de reproduzir. Além disso, a videira frutífera fica aos lados da casa, do que se compreende que a mulher não ocupa lugar central, ela é apenas uma reprodutora. A Igreja é a principal instância que contraria a prática do aborto, e hooks (2022) tece considerações sobre o tema:

A questão do aborto chamou atenção da mídia de massa porque realmente desafiou o pensamento cristão fundamentalista. Desafiou diretamente a noção de que a razão da existência de uma mulher é gerar crianças. Chamou atenção da nação para o corpo da mulher de uma forma que nenhuma outra questão poderia fazer. Era um desafio direcionado à igreja.” (hooks, 2022, p. 52)

A autora aborda sobre as reações que a temática do aborto gerou quando começou a ser discutida pelo movimento feminista, as quais repercutem até os dias de hoje. A igreja se opunha a essa prática não somente porque há um discurso pela vida, mas principalmente porque há o intuito de controlar corpos de mulheres, reduzindo-os à função de servir e de maternar. Essa ideologia se estende para os órgãos de controle do Estado, que criminalizam o aborto, além de influenciar uma mentalidade geral da população, ainda que não sejam ligadas diretamente à religião, como é o caso do personagem Francisco.

Estela é uma mulher negra, portanto, o peso de realizar um aborto não é o mesmo que para uma mulher branca, porque é vista como aquela que precisa cumprir com a função de mãe e de servente. Grada Kilomba (2019) teoriza sobre a imagem da mãe negra, a qual “É uma

imagem controladora que confina mulheres negras à função de serventes maternas, justificando sua subordinação e exploração econômica.” (Kilomba, 2019, p. 142). A mulher negra é vista sempre como uma mãe que precisa cuidar de todos, geralmente sem ser retribuída financeiramente por isso. Existe, sobretudo, uma ideia de exploração do corpo, já que essa mulher precisa servir a todos. A sua função, segundo o imaginário social, é a de ser objeto de desejo do homem e, em seguida, de gerar filhos, pois é símbolo de fecundidade. Essa visão reduz essa mulher a uma subjugação e faz com que ela seja sempre relacionada às mulheres escravizadas do período colonial, que cuidavam da casa e dos filhos – principalmente os que não eram seus. É essa a atribuição que Estela recebe tanto de Francisco, como também de outros personagens que lhe direcionam julgamentos.

Após realizar o aborto, ela e Melissa buscam um hospital. Estela sentia muita dor, mas o primeiro tratamento que recebe é o da atendente, a qual “talvez tenha percebido que se tratava de um aborto e fez uma cara de reprovação.” (p. 172), demonstrando como a ideia negativa sobre a interrupção da gravidez faz com que mulheres sofram violências sutis – mesmo que, naquele momento, a atendente nem tivesse certeza sobre sua suposição. Após isso, Estela é atendida por um homem branco, estudante de medicina. Enquanto realiza a triagem, ele faz uma série de perguntas, entre elas, onde estavam os pais de Estela, a qual responde que a mãe estava viajando e que não via o pai há algum tempo. Mesmo diante essa situação, “O estagiário falava comigo ignorando que eu pudesse estar sentindo alguma dor.” (p. 173) Quer dizer, não havia qualquer empatia por parte dele, mesmo que estivesse atendendo uma adolescente que sentia dores e que não tinha sequer a presença dos pais para prestar apoio.

Essa indiferença fica ainda mais clara quando, em seguida, o estagiário questiona sobre os comprimidos abortivos, e Estela responde que uma amiga os tinha conseguido. “Você sabe que eu posso chamar a polícia e o Conselho Tutelar, né, ele disse.” (p. 173) Ele faz uma ameaça como forma de punir Estela por ter realizado o aborto, um modo violento de incriminá-la. A figura do estagiário representa tanto uma ideia comum na mentalidade popular, que condena a interrupção da gravidez, mas também representa o Estado, que determina a criminalização do aborto.

O primeiro tratamento humanizado que Estela recebe no hospital vem de uma enfermeira negra, alguém que a enxerga como semelhante. A narradora enfatiza que ela parecia a Conceição, amiga da sua mãe, motivo pelo qual Estela sente certa familiaridade e, por isso, passa a sentir um mínimo de segurança na situação precária e arriscada que estava vivendo. Essa enfermeira “[...] olhou para o meu soro e disse que quase tinha morrido, mas agora estava

tudo bem. [...] Perguntei a ela se Melissa, minha amiga, estava por perto. Ela disse que ia ver isso para mim.” (p. 175), e em seguida Estela descobre que Melissa estava no saguão. Em nenhum momento a profissional a julgou pela situação que estava passando ou por deduzir que ela havia abortado. É possível que, além de ela ser uma profissional mais humanizada, pôde ter maior empatia por se reconhecer em Estela, algo que o estagiário de medicina não fez, ainda que sua profissão exija a ausência de julgamentos sobre o paciente. Após a enfermeira sair, chega uma médica, e a narradora afirma que “foi a primeira vez que alguém perguntou se eu estava bem” (p. 175). Ela informa Estela sobre sua situação, que a jovem havia perdido muito sangue, mas que parte do feto ainda estava dentro dela. Embora essas duas mulheres tenham tido o mínimo de empatia e cuidado com a adolescente, ainda assim ela viveu uma situação muito delicada no hospital, com tratamentos desumanos por parte dos profissionais da saúde, além da precariedade do sistema público de saúde, uma vez que ela teve de ficar internada no corredor do hospital.

Desse modo, não há segurança na realização de um aborto no Brasil, principalmente para mulheres pobres, que não podem arcar com abortos clandestinos com riscos de vida reduzidos. Roland (2006), sobre esse tema, afirma que “restringir o acesso ao aborto legal através do atual Código Penal Brasileiro significa, na verdade, tornar a maternidade compulsória e as mulheres parcialmente incapazes.” (p. 135) Isto é, essa restrição retira a liberdade dessas mulheres, considerando que mesmo os métodos contraceptivos não são sempre eficazes. Como já dito, essa mentalidade tem origens em uma concepção religiosa-cristã. Ainda retomando o período histórico em que se passa a narrativa de Tenório, e sobre o crescimento da religião neopentecostal no Brasil na década de 1980, Silva (2017) explicita os motivos pelos quais houve maior presença desses religiosos na política e especificamente na época da promulgação da Carta Magna, sendo um deles: “Primeiramente, o temor de que a Carta Constitucional contemplasse temas como a liberação das drogas e a descriminalização do aborto incentivou a articulação e presença destes no cenário político partidário.” (p. 238) Ou seja, havia o intuito de manter pautas conservadoras, entre elas a criminalização do aborto, que segue sendo um dos principais objetivos dos neopentecostais na política, ainda nos dias de hoje.

Há pouco tempo, no ano de 2024, a frente evangélica cobrava em peso o presidente da Câmara dos deputados, Arthur Lira, para instalar uma comissão que analisasse a PEC do aborto, Proposta de Emenda à Constituição que tem como intuito proibir o aborto mesmo em casos previstos em lei, como o estupro. Caso fosse aprovado, esse projeto seria um retrocesso para os direitos já conquistados pelas mulheres, e mesmo que esse tipo de PEC encontre resistência

para ser aprovada, ainda assim existe um grupo religioso com poder de ameaçar as poucas conquistas femininas relacionadas ao aborto. Grupo esse que possui apoio de boa parcela da população, pois defende os ideais de um país predominantemente cristão (católico/neopentecostal) – e a religiosidade por si só não deve ser vista como algo negativo, entretanto, trata-se tanto de uma fé, como de uma ideologia que busca se impor e determinar o que é correto. Nesse pensamento retrógrado, a mulher é vista somente como aquela que concebe e dá à luz, sem individualidade ou poder de escolha.

No caso de Estela, ela é uma mulher negra, condição que a coloca numa posição ainda mais vulnerável porque é socialmente vista apenas como um corpo sexualizado que tem a função de servir. Ainda retomando o discurso do pastor Everaldo, no qual ele relata a história da moça que fica “mal falada”, há um trecho em que ele afirma que “Somos pobres, [...] e a religião é a única virtude que temos, o único modo de nos aproximarmos de Deus.” (p. 115) Mais adiante, ele relata brevemente sua história, sugerindo que foi a religião que o protegeu dos vícios, da corrupção e da desordem da vida (p. 115). O que o pastor diz, nas entrelinhas, é que o único caminho, para quem é pobre, é a religião. Fora isso, será inevitavelmente seduzido para a “desordem da vida”, conceito que abrange tudo o que a religiosidade considera errado. Em seu discurso há, mais uma vez, uma manipulação, para que Estela considere apenas esse caminho para si, sem questionar, sem considerar possibilidades. Para as mulheres, porém, seguir a vida religiosa significa, na maioria das vezes, se diminuir para caber em um casamento e ser mãe, sem ter sonhos, sem ter perspectivas para além desse destino restrito a que são submetidas. Por isso, é válido pensar se o motivo do enorme repúdio que o pensamento cristão-neopentecostal-católico tem em relação à prática do aborto não vem exatamente desse temor que se tem acerca da possibilidade de, justamente, desfazer de vez o modelo de família patriarcal que é sustentado por ele. Tal afirmativa faz mais sentido quando retomamos a reação de Francisco sobre a gravidez de Estela e o intuito que ela tinha, naquele momento, de realizar o aborto. Isso mostra que o modelo patriarcal sustentado pela Igreja enquanto instituição é totalmente conveniente aos homens para assumir controle sobre as mulheres com quem se relacionam.

Em *Estela sem Deus*, uma das pessoas que visita Estela no hospital é o pastor Everaldo, o qual “disse que isso só tinha acontecido porque eu parara de ir aos cultos. Depois me chamou de ovelha desgarrada” (p. 177). Sua visão parte do princípio fundamentalista de que o aborto é um pecado grave, tanto quanto o homicídio. Em determinado momento, o pastor e madrinha Jurema estavam discutindo sobre Estela, após ela ter respondido Everaldo num tom de voz mais

alto e ríspido. “Enquanto isso, eles discutiam sobre eu estar fora de mim, estar possuída por seres ruins, garanto que isso é coisa das macumbas que a avó deles fazia, mas aqui se faz e aqui se paga. Não se brinca com o fogo de Deus.” (p. 117) Suas atitudes são colocadas como “demoníacas”, mesmo que naquele momento ela estivesse sentindo muita dor e passando por um risco de vida, precisando de um apoio, não de mais julgamentos.

Augusto vai ao hospital junto com Jurema e Everaldo, e Estela relata que “o Augusto não me olhava diretamente: não sei se de vergonha ou tristeza. Mesmo assim, ele se aproximou e perguntou se eu estava melhor.” (p. 176) Ele não se manifesta muito depois dessa interação, apenas ao final, quando Estela se irrita com as falas de pastor Everaldo, Augusto sugere que eles três se retirem. “Vamos deixar a mana descansar, por favor”. (p. 178) Embora o irmão tenha sido uma das pessoas que julgou a irmã e repudiou seu comportamento “desviante” da moral da Igreja, no momento em que está no hospital, demonstra algum respeito e preocupação com Estela, ainda que ela não compreendesse o motivo de ele desviar o olhar. Talvez fosse pela sua dificuldade em lidar com a situação: por um lado, preocupava-se com a irmã, por outro, já havia internalizado os preconceitos da ideologia neopentecostal, por isso, via-se dividido pelos sentimentos conflitantes. Após a última fala, na qual Augusto pede para que deixem Estela descansar, a narradora comenta que “quando disse isso, Augusto me olhou e talvez tenha se lembrado de que éramos irmãos” (p. 178) Nesse momento, quando ele enfim olha para ela, fica evidente que há um resquício de afeto, que resistiu apesar da mentalidade conservadora que passou a ter. Todavia, essa é a última interação entre eles no romance, uma vez que Estela não retorna à casa da madrinha.

Até então, o que se vê é que a atendente, o médico e o pastor não tinham o intuito de confortar ou auxiliar Estela. A madrinha Jurema, apesar de inicialmente não julgá-la claramente, acaba sendo absorvida pelo discurso do pastor Everaldo. Sendo assim, pouca ou nenhuma importância se dá a uma mulher numa situação vulnerável de risco de vida, pois o que é levado em consideração é a sua capacidade reprodutiva, a vida que viria a se formar em seu ventre. No caso das mulheres negras, ainda há o agravante de que a criminalização do aborto é somente uma das formas de controle de seu corpo – e de violência – que o Estado realiza contra essas mulheres. Sérgio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro de 2007 a 2014, proferiu discursos nos quais ele defende a descriminalização do aborto como modo de reduzir a violência, afirmando que as mulheres das favelas são “fábricas de produzir marginais” (Extra, 2007). Sobre isso, Sueli Carneiro (2011) desenvolve que:

Uma reivindicação histórica dos movimentos de efetivação dos direitos reprodutivos das mulheres e de reconhecimento do aborto como questão de

saúde pública sobre a qual o Estado não pode se omitir é pervertida em proposta de política pública eivada de ideologia eugenista destinada à interrupção do nascimento de seres humanos considerados potenciais marginais. No lugar do respeito ao direito das mulheres de decidir sobre a própria concepção, coloca-se como diferença radical de perspectiva a indução ao aborto, pelo Estado, como “linha auxiliar” no combate à violência. (p. 122)

Essa opinião, proferida publicamente por um governador, demonstra como a proibição do aborto não é, nem de longe, uma preocupação com a vida. Como Carneiro explicita, a concepção do governador – que não é uma opinião isolada – é um ideal eugenista, já que visa eliminar a existência de pessoas que não estão dentro do que é considerado adequado. Tendo em vista que as mulheres das favelas são, em sua maioria, negras, e seus descendentes provavelmente nascem negros, não é difícil chegar à conclusão de que a suposta inadequação dessas pessoas e a relação estereotipada com a criminalidade estão diretamente relacionados à cor de sua pele. A fala do governador revela um desejo de poder decidir quem tem direito à vida e quem não tem, ademais, de decidir quem tem o direito de ter filhos. Assim, se uma mulher negra e pobre tem filhos, é julgada porque supostamente está colocando marginais no mundo. Por outro lado, se decide fazer um aborto, corre risco de morte e é bombardeada de julgamentos por estar, na visão popular, matando uma vida. Outra questão a se levar em conta é que mulheres negras recebem menos anestesia no momento do parto, além de serem mais negligenciadas desde o pré-natal (LEAL et al., 2017). Essas violências ocorrem com maior frequência para essas mulheres, por serem consideradas mais fortes fisicamente, capazes de aguentar mais dores. Essas concepções são errôneas e demonstram que mulheres negras não estão seguras no que se refere aos seus corpos, e a situação da personagem Estela demonstra isso.

1.3 O cabelo crespo

Outro aspecto referente ao controle do corpo se refere à aparência de Estela, mais especificamente ao seu cabelo. A primeira vez que ela se recorda de ter se deparado com a experiência do racismo é quando, aos 13 anos, muda de escola e reflete sobre a dificuldade de se acostumar com uma nova rotina em um novo ambiente, “[...] além de atrair poucos olhares, e demorei um tanto para entender que os meninos talvez não se aproximassem de mim por causa da minha cor preta e meu cabelo crespo.” (p. 28) Quer dizer, ela se sentia rejeitada por causa da sua aparência, e é possível compreender que naquela época ela ainda não tinha consciência sobre o racismo, mas resolve buscar formas de mudar sua fisionomia. Por isso, ela pede à mãe para “melhorar o cabelo”, ao que Irene responde com muito entusiasmo porque, segundo ela, a

filha estava aprendendo a ser vaidosa, estava crescendo. “Em seguida, me chamou para irmos até a venda do seu Luizinho comprar um Henê e dar um jeito nesse seu cabelo duro.” (p. 29) A reação da mãe e essa fala, na qual ela profere o termo “cabelo duro”, deixa claro que Irene também não tinha consciência sobre o racismo, como já abordado anteriormente em outras falas suas direcionadas a Estela. Ela considerava, pois, o cabelo crespo uma característica negativa, já que reproduz um racismo estrutural, incutido nas relações sociais, que molda a concepção até de quem é afetado por essa violência. Por isso, pessoas negras também reproduzem essas ideias, como será visto nesta seção, a partir não só de Irene como de outras personagens.

Estela chega aos 13 anos com a percepção de que seu cabelo é um problema, e pontua que “Não tinha construído o que mais tarde eu aprenderia a chamar de autoestima, por isso comecei a ter inveja das meninas brancas, que não tinham problema com o cabelo delas.” (p. 28) Sua tentativa de “melhorar o cabelo” tinha como intuito se aproximar da aparência de meninas brancas, para se sentir bonita e desejada. Kilomba (2019) assegura que “esse processo de ter de fabricar sinais de branquitude, tais como cabelos alisados, e encontrar padrões brancos de beleza, a fim de evitar a humilhação pública, é bastante violento.” (p. 128) Essa tentativa de apagamento das próprias características para se aproximar da branquitude é uma forma de violentar a si mesma, já que é uma negação da própria imagem. Joice Berth (2019) complementa essa ideia:

Embora essa deturpação de suas características fenotípicas possa lhe trazer uma sensação de bem-estar ao se vislumbrar diante do espelho, saber que esse cabelo não é seu e, portanto, exigirá um conjunto de cuidados para se manter, incluindo táticas para que os outros esqueçam esse detalhe incômodo e a insatisfação que inevitavelmente circula pelo seu interior, acaba por alimentar, diante das dificuldades de manter a aparência colonizada, as rejeições do sistema racista que sempre a vitimaram. (p. 71)

O ato de mudar o cabelo pode ser prazeroso, mas também violento, seja pela dificuldade de mantê-lo e pelo excesso de produtos químicos utilizados, seja pela constante reafirmação de que aquele cabelo não lhe pertence, tendo em vista que, como já dito, ele é uma negação das próprias características físicas.

Outro momento em que essa ideia de aparência fica clara para Estela é quando sua prima Angélica engravida e, num diálogo com Estela, há o seguinte trecho: “Angélica olhou para mim da cabeça aos pés e disse que me daria um conselho: para não desistir de ter meu próprio bebê, porque ser feia e magra como eu não seria motivo para ninguém me querer.” (p. 56) Angélica, pelo que se entende da narrativa, também é negra, todavia, diminui a aparência de Estela, além de sugerir que ela teria dificuldade de ser desejada. A jovem, em seguida, segue para o banheiro e, em meio a seu pranto, se pergunta “[...] por que eu era tão feia; por que meu cabelo era

daquele jeito; por que eu era preta. E juro que, se pudesse, teria quebrado aquele espelho, teria sido violenta com aquela imagem que eu detestava.” (p. 58) Essa concepção que as mulheres negras criam sobre si mesmas acaba reduzindo sua autoestima, além de ser transmitida entre elas mesmas, acreditando que seus traços são pouco atraentes, e nisso se inclui o cabelo, que é frequentemente tratado como inferior.

Angélica, nesse caso, está reproduzindo uma violência que também a atinge, entretanto, por ser um pouco mais velha que Estela e por ter sido “escolhida” por um homem em um relacionamento amoroso, ela se sente numa posição superior, que lhe dá algum poder para rebaixar Estela por sua aparência e por não ter um namorado. Bourdieu (2024) teoriza sobre a experiência feminina do seu corpo ser um “corpo-para-o-outro” (p. 107), quer dizer, um corpo que existe para julgamento alheio, do qual geralmente se espera a feminilidade. “E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas” (Bourdieu, 2024, p. 112), quer dizer, existe uma preocupação com o que os homens vão pensar, se ela será objeto de desejo deles. O seu temor de não atrair olhares na escola, assim como a fala de Angélica sobre Estela conseguir um namorado, tem relação com essa expectativa masculina. Além de tudo, essa necessidade de chegar a um padrão de feminilidade é uma questão que afeta a todas as mulheres, por serem padrões irreais, mas ainda mais às mulheres negras. Eles se tornam inacessíveis, já que são padrões de branquitude que dizem, a todo momento, que os fenótipos negros, como cabelo, pele, nariz e lábios não são belos. É por isso que Estela rejeita veementemente sua imagem no espelho.

Em dado momento, é realizada uma comemoração do aniversário de 14 anos de Estela, na casa de Conceição. Nesse dia, ela leva a aniversariante em uma vizinha para aplicar interlace no cabelo, como presente de aniversário. A mulher que faz a aplicação se chama Ivone, e Estela descreve esse processo como doloroso porque seu cabelo era puxado muitas vezes. “A cada puxada eu soltava um pequeno gritinho e a Ivone dizia, aguenta, guria, aguenta que a gente que é preta é assim mesmo: ficar bonita dá mais trabalho.” (p. 65) Ela precisa, então, passar por essa dor para poder ser considerada bonita. De uma forma geral, as mulheres já escutam com frequência esse discurso de que precisam sentir dor para serem bonitas, todavia, para as mulheres negras, ele vem de forma muito mais agressiva, porque, como já dito, os padrões de beleza são determinados por pessoas brancas. Quanto ao cabelo crespo, é preciso “domá-lo” para ser socialmente aceitável. Grada Kilomba, em *Memórias da plantaço* (2019) deixa claro que:

Historicamente, o cabelo único das pessoas negras foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude usado para justificar a subordinação de africanas e africanos. [...] Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. (Kilomba, 2019, p. 127)

Dessa forma, esse estigma sobre o cabelo negro é histórico, pois desde o período colonial ele é uma das principais características utilizadas para inferiorizar pessoas negras. Essa concepção de “cabelo ruim” é reafirmada por Irene e Ivone, porque ambas sugerem que buscar apagar o cabelo crespo é uma forma de vaidade, de cuidado, enquanto fica subentendido que deixá-lo natural é desleixo. Angélica sugere que a prima não era bonita, e quando Estela se olha no espelho, sabe que uma das características consideradas feias é seu cabelo. Essas mulheres, mesmo sendo negras, reproduzem esse discurso, porque também foram ensinadas dessa forma.

Amanda Braga, em sua obra *História da beleza negra no Brasil* (2015), faz uma análise de imagens, publicidades e matérias jornalísticas durante a história do Brasil, mostrando a visão que se tinha sobre a aparência de pessoas negras, apontando o que avançou e o que permanece. Conforme a autora, desde o período colonial, as pessoas negras escravizadas deveriam negar o seu cabelo, de modo a se afastar de sua cultura, de seu local de pertencimento. Tal ideia se relaciona com o que diz Grada Kilomba, sobre os senhores brancos não tolerarem os cabelos crespos, inferiorizando-os, o que também é uma forma de manter a cultura europeia como superior. Braga (2015) afirma que:

Estamos tratando, portanto, daquela seleção eugênica de que falávamos anteriormente, já que as representações estéticas inspiradas no modelo europeu se destacavam com autenticidade e beleza superiores. Essa seleção criaria não apenas a preferência por um tipo de cabelo que não era crespo, mas cacheado, herança da miscigenação, como também a prática – o desejo – de alisar os cabelos, além de uma certa hierarquização entre os escravos. Nascia, aqui, um olhar sobre sua estética que não partia de sua origem, de sua identidade, como antes, mas partia do olhar do outro. Entre os dois modelos, estava a busca por um *status* social. (p. 82-83)

Já naquele período, a busca por uma aproximação da estética europeia era uma forma de conseguir algum *status* social, o que se relaciona com a necessidade de embranquecimento que ocorre após a Lei Áurea, momento em que a população negra precisa buscar empregos para sua sobrevivência, e o embranquecimento passa a ser o que lhe dá o mínimo de dignidade. Essa prática de negação da sua raça tem início nesse período do tráfico negreiro e se estende para séculos depois, trazendo ainda resquícios na atualidade.

Braga (2015) analisa um anúncio do século XX, década de 1920, no qual o foco é um produto chamado “cabelisador”, que prometia alisar cabelos de forma rápida e indolor. A autora

destaca a ideia de “sonho dourado”, que, para mulheres negras, era tentar se encaixar em um padrão social que se aproximasse das mulheres brancas, pois conferia a elas um *status* social mais elevado: “Falamos de um sonho que condensa a busca por um *status*, bem como a busca por uma aceitação/inserção social através da estética, ainda que isso lhe custe uma profunda manipulação de seu corpo.” (Braga, 2015, p. 105). Essa busca também se mostra para a personagem Estela, pois além da questão da autoestima, ela queria ser aceita e bem-vista. Irene tem uma reação positiva e carinhosa quando Estela decide alisar os cabelos, assim como, no momento de seu aniversário, a narradora relata que “Algumas pessoas elogiaram meu cabelo vermelho e disseram que agora eu iria logo, logo arrumar um namoradinho.” (p. 65) A interlace é um modo de esconder o cabelo crespo, logo, confirma-se uma concepção de que algumas mulheres negras têm sobre si mesmas, na qual somente serão consideradas bonitas e desejadas, validadas por homens, se cuidarem do cabelo, e esse cuidado envolve o apagamento de uma característica sua.

Braga (2015) também traz um anúncio mais atual, do início do século XXI, no qual há produtos de beleza direcionados a mulheres negras que queiram ter o cabelo liso. Assim como no anúncio do “cabelisador”, são apresentadas soluções aparentemente práticas e fáceis, embora esse tipo de procedimento exija constante manutenção e cuidado. A autora esclarece que, mesmo que haja uma tentativa de valorização da beleza negra, existe “[...] a atuação de uma memória discursiva que propõe, desde o momento escravocrata, a preferência por um cabelo liso em detrimento de um cabelo crespo.” (Braga, 2015, p. 238) Ainda nos dias de hoje, essa ideologia da predominância do cabelo liso se mostra presente. Nos últimos anos, existe uma valorização dos cabelos cacheado e crespo naturais por meio da venda de cosméticos diversos, todavia, ainda há um padrão de cuidados para o cabelo ficar “comportado” e então ser considerado esteticamente bonito. Mesmo com os avanços, as pessoas negras, em especial as mulheres, ainda precisam corresponder a um padrão socialmente aceito para seus cabelos.

Em suma, todos os comentários que Estela recebe, sendo sutis ou não, são o retrato da vivência de mulheres negras com sua aparência, e contribuem para uma autoimagem negativa sobre si mesmas. Complementando o pensamento sobre Grada Kilomba acerca da origem colonial do estigma do cabelo negro, Berth (2019) tece algumas considerações sobre questões estruturais e ideológicas.

Temos, então, nesse campo, um elemento importante nos processos de dominação de grupos historicamente oprimidos, pois, uma vez que se criam padrões estéticos pautados pela hierarquização das raças ou do gênero, concomitantemente criamos dois grupos: o que é aceito e o que não é aceito

e, portanto, deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejado. (p. 70)

Essa dominação histórica constrói uma concepção de que os oprimidos são inferiores, logo, os padrões estéticos se pautam nisso. Por esse fato, a beleza de pessoas brancas ainda é muito mais exaltada do que a de pessoas negras, mesmo que de maneiras sutis, como através da febre das cirurgias estéticas para afinar narizes, afinar rostos, ou “técnicas” para clarear a pele que são difundidas pela internet. São aspectos vendidos como “beleza”, “higiene” e “cuidado” que, no fim das contas, influenciam mulheres negras a odiarem a si próprias. Essas experiências que Estela tem em relação ao cabelo são mais uma forma de controle do seu corpo, dado que ela sente a necessidade de modificar suas características para ser bem-vista.

2.0 HERANÇAS E RUPTURAS, ABANDONO E AMPARO: O PAI, A MÃE E MELISSA.

Estela, enquanto mulher negra, é frequentemente alvo de violências direcionadas ao seu corpo, apenas por existir. Conforme vai crescendo e se (re)conhecendo na sociedade, vai tomando consciência sobre as inúmeras formas de ser reprimida e diminuída para caber no pequeno espaço que a ideologia racista e patriarcal tenta colocá-la. Nesse processo de autoconhecimento, as relações com figuras que têm influência direta em sua vida fazem diferença em sua trajetória e no modo de lidar com as situações que lhe acometem, seja a partir do amparo ou da falta dele. As primeiras pessoas que têm impacto sobre a vida de alguém geralmente são os pais, e no caso de Estela, há um pai que não participa em nenhum momento da criação da filha, aparece somente em alguns momentos, mas sem preocupação direta com ela ou vontade genuína de fazer parte de sua vida. Embora ele apareça pouco, é justamente a sua ausência e as aparições em momentos convenientes para si mesmo que deixam marcas na protagonista, marcando uma relação preenchida pela violência da omissão, do abandono.

Já a relação de Estela com a mãe é ambivalente, uma vez que Irene, apesar de ter discursos que machucam a filha, também traz ensinamentos sobre a não aceitação de determinadas situações, como a do ciclo de pobreza e de trabalhos domésticos, ou de outros tipos de violência. Irene busca formas de dar uma vida digna a si e aos filhos, e utiliza as ferramentas possíveis para tentar alcançar essa tão almejada ascensão social – mesmo que, para isso, tenha recorrido também à prostituição. Apesar do relacionamento complexo de Irene com a filha, é com ela que Estela aprende a suportar as dores da vida, baseando-se na fortaleza da mãe para não repetir, inclusive, os mesmos ciclos aos quais Irene fora submetida. No entanto, um dos fatores que contribuem para essa enorme dificuldade na criação dos filhos para a mãe, e na própria sobrevivência, é a falta dos pais de seus filhos, sendo a falta de Anselmo ainda mais grave pois ele sequer contribuía financeiramente. Há, então, uma cadeia de desamparo, na qual Estela e sua mãe são prejudicadas.

Quando Estela começa a morar no Rio de Janeiro, há a ausência física de sua mãe, em quem ainda poderia sentir algum conforto, mesmo com as adversidades. Assim que Irene vai à capital fluminense, Estela conhece Melissa, que é filha da amiga de sua mãe, Edna. Melissa é uma personalidade diferente de todas que Estela já havia conhecido, e que de algum modo surge como um amparo, não somente para suprir uma ausência, maior ou menor, das figuras materna e paterna, mas também para ser um encontro de Estela com uma parte sua ainda desconhecida, que traz a força e a sabedoria necessárias para quebrar alguns ciclos maléficos em sua vida.

Abordaremos a influência destes três personagens na trajetória de Estela, a partir dos efeitos que as figuras materna e paterna causam na vida da personagem, e a presença de Melissa.

A narradora, ao falar destes personagens, conta também uma parte de si e da sua formação, por isso, há o trabalho da memória, que influencia essa percepção sobre os acontecimentos e sobre si mesma. Desse modo, este capítulo se destina a tratar sobre como a presença desses personagens, e o modo como eles são lembrados por Estela, tem influência na sua identidade que está ainda se construindo na adolescência. Conforme Jan Assmann (2016), “memória [...] é a identidade diacrônica própria de alguém, seja como indivíduo ou como membro de uma família, uma geração, uma comunidade, uma nação, ou uma tradição cultural e religiosa.” (p. 122) Há, portanto, uma relação intrínseca entre memória e identidade, já que é a partir da construção de sentido que se dá aos eventos passados (consciente ou inconscientemente) que o indivíduo passa a se reconhecer no mundo, seja no âmbito individual ou no coletivo – que são indissociáveis entre si. É nesse processo que Estela passa a se perceber como parte de coletividades, seja no âmbito da família, como também dentro de uma tradição cultural e religiosa, como será visto no capítulo seguinte.

Pode-se pensar, então, em como não há memória sem a relação que se estabelece com uma coletividade. Jan Assmann aponta que “a memória nos capacita a viver em grupos e comunidades e viver em grupos e comunidades nos capacita a construir memória” (Assmann, 2016, p. 117). O autor faz tal afirmação para resgatar o pensamento de Maurice Halbwachs, o qual afirma que a memória individual depende da relação com um grupo, logo, não é possível separar totalmente essas duas esferas, uma vez que na fala de um indivíduo sempre haverá influência do que lhe é externo, ainda que fale de si mesmo, ao mesmo tempo que, falando da coletividade ao seu redor, também fala de si. Por isso, quando Estela fala dos pais ou de Melissa, está revelando algo sobre si ao leitor, e as marcas dessas presenças se mostram no decorrer da narrativa, seja a partir da dor, seja encontrando formas de se fortalecer e transgredir.

Em se tratando de família, pode-se pensar no conceito de transmissão intergeracional, que se dá por meio das memórias familiares e da construção de sentido a partir delas. Zilá Bernd e Tanira Soares (2016) teorizam sobre a memória intergeracional e de seu desenvolvimento dentro de narrativas da literatura brasileira. Para isso, as autoras tratam do romance memorial, no qual o narrador conta a história de sua família, seus antepassados, em que “falar dos pais torna-se subterfúgio para falar de si próprio e de seu papel de herdeiro da tradição parental” (Bernd; Soares, 2016, p. 408). Como veremos em seguida, é possível continuar ou quebrar com

essa herança, e Estela busca, durante sua jornada, romper com o que lhe traria consequências negativas e uma continuação de sofrimentos.

2.1 Anselmo, o pai ausente

Uma questão narrada por Estela, desde o começo, é o fato de pai nunca ter exercido a paternidade, porque desaparecera de sua vida quando ainda era pequena. Ela fala dele pela primeira vez ao recordar a morte do pai de Augusto, comparando o desaparecimento de seu próprio pai a um tipo de morte: “[...] meu pai não havia morrido, apenas desaparecido – no fundo era quase a mesma coisa.” (p. 17) Ou seja, ela vivia como se seu pai estivesse morto, sem necessariamente sentir sua falta. Entretanto, ela se lembra de algo que sua mãe lhe dissera quando ele desapareceu.

Minha mãe dizia que ele não merecia um pinga das minhas lágrimas porque um dia eu iria crescer e ser alguém, e que jamais precisaríamos dele para coisa alguma na vida. Mas hoje tenho consciência de que minha mãe só disse aquilo porque na época não fazia a mínima ideia do que nos esperava. Nós nunca sabíamos o que nos esperava. (P. 15)

Essa fala mostra o desamparo que a falta do pai deixa para Estela e para sua mãe. Embora o desejo de Irene fosse nunca precisar dele, e Estela não sentisse falta dele afetivamente, a ausência de um pai traz dificuldades financeiras e falta de apoio para a maternidade, que se intensifica após a morte de pai de Augusto. Irene fica sobrecarregada e, como já foi visto, ocorre uma série de situações que poderiam ser evitadas ou ao menos amenizadas com a presença de alguém que pudesse auxiliar de algum modo.

A ausência paterna é um problema que sempre afetou mulheres no Brasil, e mais recentemente, pesquisas afirmam que mais de 800 mil crianças foram registradas sem o nome do genitor desde 2019 (CNN Brasil, 2024). Muitas vezes, embora exista o registro, os pais são ausentes ou simplesmente desaparecem, como é o caso do pai de Estela. Ademais, 90% das mulheres que se tornaram mães solo entre 2012 e 2022 são negras (G1, 2023), dado que mostra como mulheres negras são mais abandonadas e levadas a viver uma rotina de sobrevivência, dividindo-se em várias para dar conta da vida. Essa é a situação que acomete Irene, sendo uma das causas da trajetória difícil que ela e os filhos levavam. Ela é uma mulher que enfrenta a solidão pela falta de um companheiro, enquanto Estela se vê rejeitada pelo próprio pai, e embora ela se convença de que não precisa dele, a falta de afeto e cuidado trazem consequências diversas para sua vida. Conforme bell hooks (2006), “Muitos negros, especialmente as mulheres negras, se acostumaram a não ser amados e a se proteger da dor que isso causa [...]” (hooks,

2006, p. 197), é o caso de Irene e Estela, que se convencem sobre não precisar desse amor, mas a rejeição é sempre dolorosa e deixa marcas.

Certo dia, Anselmo aparece por chamada telefônica e Irene avisa que levará os filhos para se encontrarem com ele no centro da cidade. Estela não queria vê-lo, “porque ele nunca se importou comigo” (p. 31), mas não conseguia negar o pedido da mãe, além do medo do remorso caso ele viesse a morrer como ocorreu com Fernando, o pai de seu irmão. Sendo assim, dirigem-se ao centro da cidade, num ônibus lotado em um dia muito quente, no entanto: “Meu pai não apareceu. Minha mãe ficou tão furiosa quando se deu conta disso, nos puxou pela mão com tremenda força que quase arrancou nossos braços fora.” (p. 32) Irene faz esse esforço e utiliza o pouco recurso financeiro que tinham, por se importar com a relação de Estela com seu pai, ainda que a filha não fizesse questão. No entanto, essa situação deixa mais claro o desinteresse do pai na construção de qualquer relação de afeto ou de cuidado.

Já quando estão morando na casa de Conceição, Anselmo aparece inesperadamente na sala da casa com um presente de aniversário para Estela. Todavia, ele errara a data de aniversário, pois seria somente no mês seguinte. Ele a presenteia com uma mola maluca, presente que sequer condizia com sua idade, tendo em vista que ela já faria 14 anos em breve, não era mais uma criança. Essa atitude já mostra, de antemão, que ele não conhecia Estela, não sabia a data de seu aniversário, seus gostos, nem sua idade. Mesmo assim, deseja levá-la para passear, contra a vontade de Irene, e Estela decide ir porque, mesmo com tudo que acontecera, ela se compadece por ele: “[...] ele não me parecia uma pessoa ruim. A violência dele era a de ser omissos, era nunca estar presente quando deveria estar.” (p. 43) Ela reconhece o tipo de violência dele, a de ser omissos, e embora ela não o enxergasse como uma “pessoa ruim”, ainda assim fora ausente e nunca havia dado suporte a ela, o que já seria motivo suficiente para que Estela não quisesse ter qualquer contato com ele. No entanto, naquele momento ela possivelmente ainda tinha alguma esperança de que ele havia mudado e que, quem sabe, pudesse recuperar o tempo perdido. Todavia, ela estava equivocada.

O pai decide levar Estela ao aeroporto, e ela não entende o motivo, já que não é um local usual para um passeio. Ele oferece um sorvete à filha e conta as moedas para pagar, evidenciando que sua situação financeira estava ruim. Depois de um tempo, ela pergunta o motivo de ele ter aparecido, ao que ele responde “é que me sinto só” (p. 44). Em seguida, ela questiona sobre a outra família do pai, e ele diz “Eu me separei de novo, filha. Estou desempregado e não ando com muita vontade de viver, ele disse, como se eu fosse um padre ouvindo uma confissão” (p. 44). Nessas falas, não é difícil chegar à conclusão de que Anselmo

só fora ao encontro da filha por se sentir triste e sozinho, não pelo fato de querer assumir uma responsabilidade, ou recuperar o tempo em que esteve distante. Ele enxerga Estela como uma espécie de muleta para seus problemas, e como ela mesma afirma, “Meu pai estava à beira de um abismo e quis segurar minha mão para não cair” (p. 44) sem saber que ela já era alguém que carregava tanto sofrimento, e que não teria condições de carregar o fardo de um pai distante e cheio de problemas. Estela reflete sobre momentos nos quais o pai deveria ter estado presente.

Eu me doí ao lembrar a noite que eu, minha mãe e o Augusto passamos em Viamão. Tive vontade de perguntar, onde tu estava naquele momento. Queria berrar para que ele levasse consigo meu grito, minha mágoa e, assim, entendesse de uma vez o que restara da minha dignidade. (p. 44)

Em vez de sentir compaixão pelo pai, Estela sente raiva, porque o fato de ele estar buscando um apoio emocional só traz à tona o fato de que ele nunca esteve quando ela precisou, ainda mais em um momento tão grave, que foi a invasão à casa deles em Viamão. Apesar de sentir raiva, ela o tolera até o final, sem confrontá-lo. Ela ainda não conseguia ter essa atitude do confronto, mesmo que desejasse que ele nunca mais aparecesse. Algum tempo depois, e após alguns aprendizados, ela é capaz de fazê-lo.

Em momento algum Anselmo se mostra interessado em saber como a filha se sentia morando de favor, ou que motivo levara os três a mudarem de casa tão repentinamente. O único questionamento de Anselmo se refere à escola, ao que Estela responde que estava com boas notas, para não entrar em detalhes sobre não estar estudando, ou sobre a doença da mãe – que ela acreditava não ser de grande importância para ele. Ao fim do passeio, quando ele a deixa em casa, e após o desconforto de ouvir as suas lamúrias, Estela narra que “Enquanto se afastava, pedi em segredo para uma estrela solitária que vi piscando no céu que meu pai não voltasse mais.” (p. 45) Isto é, se anteriormente ela já não tinha vontade de ter contato com o pai, devido ao descaso dele, após aquele dia ela teve certeza sobre não querer mais vê-lo, pois sua presença não trazia qualquer benefício. Além disso, como foi visto, Estela já considerava a figura do pai como a de alguém que havia morrido, era sua forma de lidar com o sumiço dele. A aparição do pai era como algo fantasmagórico, fato que traz uma carga de desconforto ainda maior para ela. Devido a isso, o seu desejo é o de não ver mais o pai, pois já carregava uma série de problemas e dores dentro de si, e a presença de Anselmo é algo que intensifica tais questões, tendo em vista que ele claramente não tinha vontade de cuidar ou dar afeto à filha.

Depois desse episódio, o pai de Estela entra em contato somente quando ela já está morando no Rio de Janeiro. Ele faz uma ligação para a casa da vizinha de Jurema, Julieta, onde eles geralmente utilizavam o telefone, já que na casa de Jurema não havia. Mais uma vez, esse contato é feito contra a vontade de Estela, pois ela não desejava falar com o pai, e até considera

realmente não atender à chamada. “Acho que tentei, mas talvez eu nunca tenha me acostumado com essas atitudes do meu pai, de desaparecer e reaparecer sem mais nem menos, dessa coisa de só às vezes lembrar que tinha uma filha.” (p. 160) Essa fala demonstra, mais uma vez, seu incômodo com a inconstância do pai, que só aparecia por conveniência, nunca para exercer uma responsabilidade verdadeira. Estela começava a compreender isso, e os rumos da chamada com o pai ao telefone a levam a tomar uma atitude para se proteger.

No início da conversa, ele conta sobre estar morando sozinho no morro Santa Teresa, em Porto Alegre, “numa casa grande de dois quartos, toda equipada com tudo o que havia de melhor.” (p. 161) Sua situação estava muito melhor que da última vez que falara com Estela. É interessante perceber que ele só estava melhor nesse quesito porque não tinha obrigações financeiras com a filha, mas também não buscava ajudá-la. Irene, por outro lado, apesar de ter podido melhorar de sua doença no tempo em que esteve longe dos filhos, estava buscando se ajustar financeiramente justamente para dar uma vida melhor a eles.

Em determinado momento da chamada, Anselmo afirma estar com um tumor no fígado, “que estava muito doente e sozinho, e que precisava agora da minha ajuda.” (p. 162) Ele ligara porque supostamente precisava da filha, para ajudá-lo com sua doença. Estela se sente culpada com o relato e considera se mudar para auxiliar o pai, “fui mentalmente organizando minha vida e pensando em abandonar tudo para ir cuidar dele.” (p. 162) Porém, a certa altura da explanação, ele revela que era um tumor benigno.

Meu pai repetiu: que ele tinha tido um tumor benigno, e que ele estava tomando medicação, que já estava até se recuperando do susto, mas que mesmo assim não diminuía o sofrimento de ser sozinho, de estar abandonado, porque a velhice tinha chegado rápido demais para ele. Que achava um absurdo ter uma filha que não dava a mínima para o sofrimento dele [...] (p. 162)

Sua acusação sobre a filha não se importar com seu sofrimento só demonstra algo que é um comportamento seu, e esse discurso é uma forma de chantageá-la. Estela dava pouca importância ao pai porque nunca havia sido cultivada afetivamente por ele e guardava uma mágoa, pois ele poderia ter estado presente quando ela e a mãe precisaram, mas não esteve. Essa conversa também deixa claro que ele não estava interessado em acolhê-la ou ajudá-la, tendo em vista que a filha morava de favor na casa da madrinha, mesmo assim ele não demonstra preocupação em lhe dar uma vida mais confortável, apenas em culpá-la por seus problemas pessoais, por não saber lidar com a solidão que ele mesmo escolheu.

Estela conhece a falta de afeto do pai desde sempre, e as aparições dele são formas de ela constantemente reafirmar esse fato para si, visto que ele só aparece quando se sente sozinho

ou desamparado, o que é irônico, pois ele que poderia ter sido o amparo para Estela. Bell hooks (2006) disserta que “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso.” (p. 188). Mulheres negras sentem falta de amor em suas vidas, mesmo que tentem mascarar isso de algumas formas. Irene e Estela sofrem com essa falta de afeto, não só na ideia de sentimento, mas de cuidado e ajuda mútua, de cooperação. Elas representam as mulheres negras que estão sempre dispostas a cuidar, também pelo fato de ser uma expectativa social, porém não recebem esse cuidado na mesma proporção. É uma relação desigual.

Devido a essas questões e a outros fatores, Irene foi obrigada a se endurecer para a vida, o que explica o seu tratamento ríspido com os filhos. A forma de demonstrar amor para Estela é com pequenos atos de cuidado que muitas vezes não têm a delicadeza comum que se espera em atos de amor. De todo modo, esse pouco afeto que Estela recebe dela é resultado de uma vida em que há ausência de amor de uma forma geral, e mulheres negras são mais afetadas. Homens, mesmo sendo negros e tendo seus problemas, são ensinados que não precisam cuidar, e frequentemente abandonam suas companheiras e seus filhos. Quando Anselmo retorna para a filha é porque acredita que ela vá ceder, já que mulheres, por outro lado, são ensinadas que precisam sempre perdoar e cuidar cegamente. Nesse ponto, as mulheres negras são sempre as que têm que dar conta das necessidades de todos, por isso Anselmo busca algum apoio em Estela. Existe a ideia de servidão, de exploração dessas mulheres.

Após todo o discurso de Anselmo sobre a filha não dar a mínima para ele, Estela escolheu não o tolerar como da última vez, teve coragem para confrontá-lo: “Eu não quero mais que o senhor ligue para mim. Eu não quero mais que o senhor me procure.” (p. 163) Ela afirma que, ao fazê-lo, não reconheceu a sua própria voz, e talvez não tenha reconhecido a si mesma, já que era uma mudança de atitude, ao perceber a necessidade de se impor diante de determinadas situações nas quais queriam apenas se aproveitar dela. Estela se vê diante desse ímpeto de manifestar seu incômodo para não ser engolida por ele, e consegue, ainda que de forma dolorosa, afastar o pai, definitivamente. Era necessário abandonar para se proteger, assim como ocorre várias vezes durante a narrativa.

Antes de esse fato acontecer, quando Irene chega ao Rio de Janeiro, relata ter encontrado Anselmo em Porto Alegre. Nesse meio-tempo, entre a vez em que ele vai visitar Estela na casa de Conceição e a ligação telefônica que faz para a casa de Julieta, ele havia se casado novamente e, conforme relato de Irene, com uma mulher 30 anos mais nova que “colocou um par de chifres

bem dado nele. Então ele tentou se matar.” (p. 119) Fica ainda mais claro que ele só havia buscado Estela antes desse relacionamento porque estava sozinho, havia se separado do seu outro relacionamento e sentia desamparo por não ter uma pessoa em quem se apoiar afetivamente e, como ele demonstra ao sugerir que a filha fosse cuidar dele, pelo seu medo de não ser cuidado na velhice, que já se aproximava. Ainda que não tivesse de fato uma doença grave como fez parecer, essa notícia o faz pensar, possivelmente, na proximidade do fim da vida, como a própria Melissa declara para Estela ao saber que Anselmo faria uma ligação: “Os homens são covardes, Estela. Porque não suportam ver o fim da vida por perto.” (p. 160) Tal afirmação faz com que pensemos ainda mais nessa conveniência das aparições de Anselmo, cujo objetivo era preencher o espaço de seus relacionamentos falidos, lugar que é geralmente preenchido por uma namorada/esposa que fica responsável por amparar o companheiro.

Nessa conversa que Estela tem com Melissa sobre o pai, elas discutem sobre a questão da paternidade, e a amiga afirma nunca ter conhecido o seu. Logo, dentro do romance a ideia de paternidade é mostrada da forma como usualmente se conhece: a ausência, a negligência e, no caso de Augusto, um pai que se dividia entre duas famílias (no fim das contas, era também ausente).

Sobre essa temática, é possível fazer um paralelo com o romance *Virgínia Mordida*, de Jeovanna Vieira, publicado em 2024, que é uma obra de literatura negra da atualidade e também trata sobre violências sofridas por uma personagem negra, que é Virgínia. No enredo, apesar de ter tido uma família presente e com a valorização da ancestralidade, além de ter uma excelente posição profissionalmente, ainda assim, Virgínia se envolve em um relacionamento abusivo e violento, do qual ela tem dificuldade de se desvencilhar. Em determinado momento, ao contar sua história, a narradora menciona o pai, a quem nunca conhecera.

Nunca me esforcei para inventar um pai. Tampouco sabia o que sei hoje sobre minha concepção. As coisas foram graduando de “seu pai mora em outro estado” para “seu pai era um homem mais velho que enganou sua mãe”. (Vieira, 2024, p. 90)

É interessante perceber como Virgínia não teve a necessidade de inventar um pai, uma figura paterna para preencher este lugar vacante. Conforme foi crescendo, descobriu mais um pouco sobre a história do genitor: sua mãe era adolescente quando o conhecera, e ele, um homem adulto, com quem ela teve relações sexuais e engravidou. Ele havia prometido que voltaria, por ela, para pedi-la em namoro ao pai, mas nunca voltara. Nunca soubera da gravidez. No entanto, Virgínia declara que um pai nunca lhe fez falta.

Com seis anos, comecei a perguntar sobre pais. Porém, a presença das mulheres na minha casa era tão importante que preenchia tudo. E também

tinha meu avô. Aquela companhia terna que me pegava na escola sempre tão elegante com seu sapato que brilhava em duas cores. (Vieira, 2024, p. 90.)

Ou seja, ela fora criada por uma comunidade em que havia ajuda mútua, e seu avô fora uma figura paterna até seu falecimento, quando Virgínia tinha 12 anos. A presença dessas mulheres da sua família é fundamental para que, tanto ela como a mãe, consigam ter boas formações e bons empregos, que construam autonomia. A mãe, Beatriz, forma-se em engenharia, enquanto Virgínia forma-se em direito, ambas ocupando espaços importantes profissionalmente. Isto é, o amparo que a jovem encontra em sua família é suficiente para não lamentar a falta do pai, mesmo que fique clara a falta de responsabilidade dos genitores que se esquivam do papel social-afetivo-financeiro na vida de seus filhos. Na situação da personagem Virgínia, ainda se acrescenta o fato de esse “pai” ter sido um pedófilo.

No caso de Estela, não havia uma família tão estruturada para dar esse suporte do qual ela precisava. Com a ausência de Anselmo, a figura paterna que poderia ter exercido esse papel era o pai de Augusto, Fernando. Todavia, a narradora deixa claro que ela não tinha proximidade com ele, sequer lamenta sua morte. Em relação a Irene, apesar do cuidado que ela tinha com a sobrevivência dos filhos, não conseguia ser uma mãe afetuosa, e não havia para ela o apoio de outras mulheres da família, que possivelmente não tinham como ampará-la, já que possuíam seus próprios problemas. Sua tia Odete, por exemplo, tinha de cuidar do marido, Jairo, que havia tido um derrame cerebral, e sua situação também é de precisar dar conta sozinha dos problemas da sua vida, e exercer o papel de quem cuida. Além disso, Irene é descrita como alguém que possui certo orgulho e que não gosta de pedir ajuda das irmãs, o que a deixava mais isolada. A avó de Estela, Delfina, é mostrada ao início da narrativa como uma figura de grande importância, mas após seu falecimento, e o de Fernando, a vida de Irene e seus filhos se complica. Mais adiante, Estela recebe o amparo da madrinha, que embora reproduza discursos preconceituosos, é importante o abrigo que ela e Augusto recebem para sua sobrevivência e também a de Irene. Por fim, Melissa é a figura que tem maior influência na tomada de consciência de Estela, é um amparo afetivo e também existencial. Abordaremos sobre essas personagens e sobre sua influência na vida de Estela, frente à falta de um pai, com foco em Irene, Estela e Delfina.

2.2 Irene: A herança da dor e da insubmissão

Estela tem Irene como influência direta em sua vida. No primeiro capítulo, a narradora faz diversas descrições da mãe, a quem ela observa e busca compreender. Irene trabalha como

empregada doméstica em casas de família, fora abandonada pelo primeiro companheiro, Anselmo – pai de Estela –, e se torna *viúva* do segundo, Fernando – pai de Augusto. No caso de Fernando, mesmo antes de sua morte já havia um processo de negligência e de abandono, uma vez que ele possuía outra família e não se fazia presente a todo momento na vida de Irene. Nesse processo de perda, ela fica desamparada afetiva e financeiramente, já que Fernando era quem pagava o aluguel da casa onde moravam. O desamparo da falta de um pai na família, portanto, não afeta somente a Estela, como também a Irene, que se vê com uma carga maior para carregar, sem uma pessoa para lhe dar suporte. Como já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, Irene e os dois filhos se mudam para Viamão, passam por um episódio de invasão a sua casa e violência, sendo obrigados a novamente se mudarem, e a única alternativa era morar de favor na casa de Conceição. Essa situação mostra como os três foram afetados pelo desamparo, sem terem sequer uma moradia fixa ou garantia sobre alimentação no dia a dia.

Apesar de todos esses contratempos, Irene é descrita por Estela como alguém que age sempre com dureza perante a vida, que não se deixa paralisar pelas dificuldades. Após a morte de seu companheiro, Fernando, ela se mostrava triste, mas sem deixar de fazer as tarefas às quais estava habituada: “Desconfiei de que aquilo que minha mãe fazia, nunca parar a vida por causa do pranto, era uma espécie de milagre.” (p. 16) Essa passagem mostra como esse comportamento já fazia parte do cotidiano de Irene, e Estela fica admirada, porque é necessário ter muita força para suportar tanta tristeza. Ainda no enterro de Fernando, há o seguinte trecho: “Vi minha mãe chorar mais um pouco, mas agora o pranto já era mais contido. E essa era outra faceta da minha mãe: administrar a tristeza.” (p. 17) Ou seja, essa “habilidade” era um modo de sobreviver, sendo a única forma de Irene não ser engolida pelas próprias angústias, ou por outros inúmeros problemas, pois mesmo triste precisava realizar suas atividades e trabalhar para sustentar a si e aos filhos. Ademais, o fato de Irene não “parar a vida por causa do pranto” também é um modo de concentrar sua energia em outras atividades, porque caso simplesmente parasse, não teria mais forças para se reerguer. Ao mesmo tempo que é um modo de sobrevivência, esconde uma fraqueza que hora ou outra se mostra em meio a tanta dureza.

Uma situação que confirma a descrição feita por Estela é quando ocorre o episódio em que invadem a casa de Irene e ela é violentada. A sua reação, logo após os bandidos deixarem a casa, é a seguinte: “Instantes depois, minha mãe correu para fechar a porta, foi até a gaveta e pegou uma faca. Ela não teve coragem de nos pedir para irmos para a cama. Minha mãe ficou quieta, não conseguia falar depois de tudo.” (p. 37) e no dia seguinte:

Vimos o dia amanhecer. [...] Quando acordei, minha mãe continuava sentada no chão, em silêncio, com as costas voltadas para a porta, ainda segurando a faca. Tinha o olhar perdido na direção do chão e o rosto sujo de sangue. Eu e o Augusto estávamos com medo de que ela nunca mais voltasse a si. Mas depois de uma hora ela levantou e começou a recolher nossas roupas, toalhas e calçados. (p. 38)

Após esse evento traumático, Irene tem a reação de pegar uma faca para, caso a casa fosse invadida novamente, ainda pudesse defender a si e aos filhos. Ela sequer consegue dormir após o ocorrido, mas volta a si porque precisa reagir. Assim que o dia amanhece, ela decide, mesmo sem dizer uma só palavra, que não morariam mais naquela casa, e os filhos compreendem, pelo seu gesto de juntar as roupas e pertences. Essa situação mostra como, de fato, Irene não se permitia parar por conta da tristeza, porque as circunstâncias não permitiam: era preciso que ela tomasse ações práticas diante das situações que lhe acometiam.

Irene vive uma realidade comum a muitas mulheres negras, que, sufocadas pelas opressões de raça, gênero e classe, precisam encontrar forças para suportar uma vida de sobrevivência ao sistema, por isso a habilidade de “administrar a tristeza”. Sueli Carneiro, em sua obra *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* (2011), evoca o termo “Matriarcado da miséria”, cunhado pelo poeta Arnaldo Xavier, do qual se entende:

[...] que a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração. (Carneiro, 2011, p. 118)

As mulheres negras, afetadas por questões de gênero e raça, estão expostas a tipos de violências diversas, principalmente porque também são, frequentemente, impactadas pela classe. Irene tem sequelas em sua saúde mental, o que é possível ver quando expressa seu desejo de retirar a própria vida, na carta que escreve a Jurema: “Às vezes, eu olho para minhas mãos e para meus filhos e tenho vontade de nos envenenar e deixar este mundo.” (p. 59) Com essa declaração, podemos retornar ao momento em que Irene segura uma faca ao lado da porta, para proteger a si e aos filhos após a invasão a sua casa. É possível que o pensamento de Irene, que “não conseguia falar depois de tudo” (p. 37) e tinha “o olhar perdido na direção do chão e o rosto sujo de sangue” (p. 38), também estivesse voltado para uma ação suicida, até que consegue lutar contra si mesma e ir juntar seus pertences para saírem imediatamente daquela casa. A ação de Irene é um modo de também não atentar contra a própria vida.

Ainda em relação ao trecho de Sueli Carneiro, a expectativa de vida dessas mulheres é menor por conta de diversos fatores, e no caso de Irene, a rotina do contato com produtos fortes de limpeza ocasiona uma doença, provavelmente intensificada devido ao estresse, à rotina de

sono e de alimentação desregulados. Toda essa situação por que Irene passa é resultado de uma questão estrutural, pois, desde o regime escravocrata, mulheres negras eram as responsáveis por cuidar da casa-grande, desempenhando tarefas como “lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre ‘livre’ das sinhazinhas.” (Gonzalez, 2020, p. 46) Ou seja, tinham que dar conta de tudo, e após a Lei Áurea, a profissão que se tornou comum entre essas mulheres foi a de empregada doméstica, como é o caso de Irene, além de uma jornada dupla ou tripla, dentro e fora de casa.

A condição de Irene é comum a mães negras, cujos filhos (principalmente as filhas) tendem a seguir caminhos semelhantes, uma vez que quebrar esse ciclo exige um esforço dobrado, já que as estruturas sociais tendem a manter pessoas negras em situação de miséria. É possível comparar a vivência de Irene com a mãe da narradora no conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2016). Como o próprio título já diz, o conto traz o pranto como uma característica da referida personagem. Embora nem sempre o choro fosse de tristeza, muitas vezes ele ocorria em momentos de dificuldades. Uma memória da narradora é de quando a mãe inventava brincadeiras para os filhos com o intuito de distraí-los da fome. “A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado...” (Evaristo, 2016, p. 17), quer dizer, a mãe, assim como Irene, tinha essa “habilidade” de não parar a vida por conta do pranto. Outra situação que a narradora rememora é de quando havia fortes chuvas.

[...] Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. [...] Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! (Evaristo, 2016, p. 18)

Mesmo em uma situação que causa enorme aflição, a mãe precisou reunir forças para proteger seus filhos de uma possível tragédia, ainda que sob um rio de pranto, que se confunde com as águas da chuva. Quando a narradora compara os olhos da mãe aos olhos da natureza é como se, naquele momento, a mãe tivesse o poder de controlar a natureza, para que nada lhes acontecesse. Nesse sentido, a figura da mãe negra é colocada como alguém de força descomunal – ainda que sendo forte pela própria sobrevivência. Do mesmo modo, Irene precisa ir até o seu limite, e vai de encontro ao seu orgulho para pedir ajuda a Jurema, num momento em que já não conseguia suportar a vida.

Essa realidade das mulheres negras é cíclica, pois acaba se repetindo nas gerações seguintes, sendo confinadas a uma sina de trabalhos mal remunerados e maternidade solo. Nesse contexto, Estela se vê revivendo as dores da mãe: com apenas 13/14 anos, precisa auxiliá-la no trabalho, torna-se babá do filho de Jurema, posteriormente trabalha no salão com a

madrinha e, devido a isso, os estudos ficam em segundo plano. Ademais, ela engravida quando tem apenas 15 anos, por uma ausência de educação sexual. Esses fatores encaminham Estela para permanecer nesse ciclo, mas ela não aceita essas situações de forma passiva.

Bernd e Soares (2016) invocam teorias sobre o romance memorial para tratar das heranças. As autoras asseguram que ele está associado, entre outras coisas, “[...] à postura do sujeito narrador de assumir-se como herdeiro – para dar continuidade ao patrimônio memorial herdado – ou romper com ele.” (p. 408). No caso de Estela, é possível perceber indícios de continuidade e de rompimento em relação às heranças da mãe, como se vê nos trechos seguintes. Em uma conversa com a madrinha, esta última menciona o ocorrido em Viamão, no qual a casa em que Estela morava fora invadida. Jurema profere o seguinte discurso: “[...] tem coisas que acontecem na vida da gente porque não andamos na companhia de Jesus, entende. Vocês não tinham Jesus no coração.” (p. 84) Ela sugere que a justificativa para a barbaridade que aconteceu aos três se deu por não serem devotos à religião, e esse é o primeiro contato que Estela tem com a culpa cristã – que acaba sendo uma forma de violência reproduzida pela madrinha, especialmente por ela saber que Estela e Augusto já haviam tido contato com a umbanda. A narradora relata que, mediante isso, precisou disfarçar o pranto que vinha aos seus olhos, e acrescenta que “administrar a tristeza era a herança da minha mãe” (p. 85). Ela tem Irene como parâmetro para sua forma de lidar com a dor, e procura não demonstrar para a madrinha como ficou afetada com sua fala. Considerando que Estela estava iniciando uma vida longe da mãe, sua reação foi um modo de começar a ter certa autonomia perante as situações que lhe acometiam, mesmo que não tenha respondido à madrinha. Naquele momento, era preciso apenas não desabar.

Estela não aceita tranquilamente a sua condição. Mesmo que não tivesse o poder de transformar totalmente sua realidade, porque era jovem e não possuía independência, ela busca transgredir a partir de pequenas revoluções e rompimentos. Com essas características, o mais fácil seria pensar que ela apenas buscou romper com a realidade de sua mãe, mas esse ímpeto de não ser passiva para a vida é uma grande herança de Irene. Além das situações que a mãe tivera que suportar para sobreviver, houve também episódios em que ela tomou atitudes drásticas para impedir que suas vidas desabassem, como a mudança de moradia após a invasão à sua casa, ou o pedido de ajuda para a madrinha Jurema.

Há também um episódio já tratado anteriormente neste capítulo, em que Irene leva Estela e Augusto para se encontrarem com Anselmo, que havia sumido há tempos da vida da filha. Os três saem de ônibus em um dia extremamente quente, mas Anselmo não aparece.

Como sentiam muita sede e não tinham dinheiro para comprar água, param em um bar para pedir, porém, o atendente traz uma água quente que havia pegado da torneira. Irene não permite que os filhos tomem, e exige água gelada, senão chamaria o gerente do bar. Sobre essa situação, Estela reflete: “Tive a impressão de que nossa mãe estava tentando nos ensinar alguma coisa sobre dignidade” (p. 33), quer dizer, a ação de Irene era uma forma de ensinar a não aceitar menos do que era seu direito. O fato de Estela enxergar, com essa memória, que a mãe queria alguma dignidade para si e para os filhos, já mostra como aquilo foi internalizado por ela, o que fica perceptível em suas atitudes posteriores.

Estela busca quebrar alguns ciclos vividos por Irene. Um deles é em relação aos estudos: ela tem o desejo de ser filósofa, não só como forma de refletir sobre a vida, mas com o intuito de estudar para isso, o que desvia da vivência da mãe, que não pôde prosseguir os estudos, provavelmente por ter tido filhos sendo muito jovem, e devido a isso ter precisado recorrer ao trabalho de doméstica. No episódio em que Estela, sua mãe e Augusto estão voltando da limpeza na casa de seu Rodrigues, um arquiteto, a jovem manifesta para a mãe seu desejo de voltar a estudar para ser filósofa. Em seguida, quando passam pela frente da universidade, Estela diz que “um dia eu ia estudar naqueles prédios” (p. 54), e Irene a apoia, compartilhando seus planos de que os filhos voltassem a estudar em breve. Ela também tinha a intenção de que eles rompessem com o ciclo de pobreza.

Posteriormente, quando Estela está com 15 anos e engravidada de Francisco, decide não manter a gravidez. Mesmo que o aborto quase tenha lhe custado a vida, é um modo de recusar uma continuação da realidade de miséria. Antes de tomar as pílulas para abortar, ela reflete sobre não querer viver como sua mãe.

Então, na frente do espelho, soquei minha barriga. Dei umas pancadas e disse que não queria aquele filho. Bati até sentir uma dor aguda. Bati porque eu não queria ser como ela. Eu não queria aquilo de continuar a vida mesmo tendo lágrimas nos olhos. Eu não queria que milagres fossem uma condição para continuar vivendo. Eu não queria ter as mãos esbranquiçadas de feridas. Eu não queria. (p. 166)

Estela tira essa conclusão dolorosa e utiliza da violência contra si mesma para tentar forçar um aborto, ainda que de modo impulsivo e irracional. O desespero toma conta de si ao perceber que a gravidez transformaria a sua vida dali em diante. Ela entendia que ter o filho, principalmente sendo tão jovem, seria uma forma de reviver toda a dor da sua mãe, e recusa essa condição de “continuar a vida mesmo tendo lágrimas nos olhos”. Desse modo, ao mesmo tempo que ela rejeita a reprodução das mazelas que sua mãe vivia, é com ela que aprende a não

se deixar ser soterrada por elas, logo, existe a herança da insubmissão, a que Estela dá continuidade⁴.

Neste ponto, podemos fazer um paralelo com outra obra de Conceição Evaristo, o romance *Ponciá Vicêncio*. Foi publicado pela primeira vez em 2003 e é um dos grandes representantes da literatura negra na atualidade, por tratar de temas como ancestralidade, violências e herança escravocrata. Apesar da diferença de contextos em relação à Estela, compara-se a história de duas meninas jovens que aprendem cedo demais sobre as mazelas de suas vidas. No romance em questão, é contada a história de Ponciá, que cresce em uma vila que leva o seu sobrenome, e é da onde ele se origina. Nesse local, vivem muitos descendentes de escravizados, que também têm o mesmo sobrenome, adquirido da família escravocrata a quem originalmente pertencia a vila. Ponciá segue rumo à cidade grande para tentar uma vida melhor, mas frustra-se no processo, já que continua vivendo na pobreza extrema, e ainda longe de sua família e da prática com o barro, que a faziam sempre lembrar das suas origens para não se perder de si. Longe de tudo isso, sente-se perdida, e tem apenas o marido como abrigo, entretanto, ele é violento com Ponciá, e a espanca inúmeras vezes. Nesse tempo que ela está morando na cidade, engravida várias vezes, no entanto, em nenhuma delas a gravidez vinga. Sofre aborto espontâneo em todas as suas gestações, o que ampliava a sua tristeza e apatia perante a vida que levava.

Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau-a-pique, coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. (Evaristo, 2003, p. 82)

Com o tempo, Ponciá já não desejava mais a maternidade, por ter a consciência de que os filhos que tivesse possivelmente viveriam a jornada árdua que ela e os seus levavam. Além de tudo, já estava desiludida com a sua condição vivendo na cidade grande, percebendo que não alcançara a desejada ascensão social. Da mesma forma, Estela conhecia a realidade da mãe e de tantas outras mulheres com quem ela teve contato, como Conceição, tia Odete, até mesmo a madrinha Jurema, todas elas tendo de lidar com a pobreza e fazendo milagres para sustentar

⁴ Entendemos, aqui, que a insubmissão de Irene se dá em relação a suas reações em situações de violência que lhe acometem, na parte inicial da narrativa. Porém, a personagem também reproduz discursos preconceituosos (como já visto no primeiro capítulo), e se submete à exploração de seu corpo quando se relaciona com Rino, em busca de alguma ascensão social, com comportamentos e reações contraditórias que a enriquecem como personagem, afinal, nenhuma pessoa é coerente o tempo todo, toda a vida.

suas famílias. Sabendo disso, a possibilidade de ter um filho a angustiava, e assim como Ponciá, não queria que esse ciclo se repetisse.

Já em *Olhos d'água*, também é possível notar heranças e rompimentos da narradora em relação a sua mãe. Ela, já adulta, relata que “saíra de casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe.” (Evaristo, 2016, p. 18) Ela recusa a condição em que viviam, de miséria e fome. Recusa-se a reproduzir toda a dor que sua mãe sentiu, assim como Estela também manifesta esse desejo. Porém, em *Olhos d'água*, a filha não esquece de sua mãe, ou das mulheres que fizeram parte de sua vida, e reconhece que elas tiveram importância na construção de sua identidade, e que apesar de não querer repetir a trajetória sofrida delas, olha para seu passado com afeto. Recorda até mesmo de suas ancestrais africanas, as Yabás, que guiaram seu caminho espiritual, e são figuras femininas nas quais ela pôde encontrar forças. Nesse ponto, é possível pensar na relação de Estela com sua mãe e sua avó, mas também com outras mulheres com quem ela tem contato e que possuem diferentes modos de lidar com o peso da vida. Entre elas, sua tia Odete, a madrinha Jurema, Conceição e Melissa. Ao final da narrativa, Estela pensa nessas mulheres em sua reflexão, ponto que será desenvolvido no próximo capítulo. Desse modo, as duas narradoras falam de suas mães e, automaticamente, falam sobre si mesmas, através dessa transmissão intergeracional. Em ambas há o reconhecimento sobre a importância dessas mulheres em suas formações pessoais, seja para continuar ou romper com determinadas situações.

Retornando a *Ponciá Vicêncio*, desde a infância de Ponciá, comenta-se que ela tem grande semelhança com o avô Vicêncio, em suas características físicas e no modo de andar, que é visto como um tipo de herança adquirida, algo que lhe conecta com a sua ancestralidade. Já ao final do romance, seu irmão Luandi observa Ponciá e os trabalhos de barro feitos por ela e por sua mãe.

[...] Eram trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. (p. 130)

Essa herança de Ponciá, portanto, não é vista somente como algo positivo e reconfortante sobre seu passado. O sofrimento também é algo herdado, não somente por ser uma característica da sua família em específico, mas por trazer consigo a história daquele vilarejo que cresceu em cima do trabalho escravo, por carregar a memória do povo negro, que

devido ao seu passado marcado por desventuras, ainda reverbera na realidade daqueles que vivem em um contexto pós-escravocrata, e é o que Ponciá traz consigo. O sofrimento que herda, no entanto, é enxergado como uma forma de justamente desviar dessa repetição do ciclo de miséria, é o que vai trazer a força necessária para modificar o próprio destino. Da mesma forma, Estela busca enxergar na realidade da mãe, e na tristeza pela qual frequentemente é assolada tanto quanto Irene, como um modo de não seguir o mesmo caminho, de ter o poder de escolha sobre sua trajetória, ainda que encontre dificuldades para fazê-lo.

Desse modo, essa é a herança que Estela recebe da mãe, embora a relação entre as duas seja marcada pela ambivalência, já que Irene não consegue ser uma mãe afetuosa e efetivamente presente. Diferente de Anselmo, que não se esforçava minimamente para ter alguma responsabilidade com a filha, Irene ultrapassava suas capacidades físicas para alimentar os filhos. Porém, considerando a sua realidade e também sua personalidade mais pragmática, era difícil haver uma conexão entre as duas. Irene não preparou a filha para lidar com o mundo, pelo menos não de modo direto, já que o que Estela aprende com ela é a partir da observação e da convivência, além da admiração que tinha pela mãe. Porém, a relação das duas possui uma lacuna, que se torna mais evidente quando Estela e Augusto vão morar no Rio de Janeiro. As chamadas telefônicas eram sempre curtas e se resumiam a alguma ordem ou repreensão pela parte de Irene, além da diferença de tratamento em relação a Augusto. Em uma das ligações, Augusto conta a ela sobre Estela estar envolvida com um “namoradinho”, referindo-se a Isaías. Ela repreende a filha, e quando a adolescente nega a afirmação, referindo-se ao irmão como idiota, Irene responde “Não fale assim do teu irmão, Estela.” (p. 94) Quase sempre, as atitudes de Augusto passam impunes, enquanto não existe essa tolerância com Estela, mesmo que ela se esforçasse mais para agradar.

Em determinado momento, quando Jurema está falando com Conceição sobre os filhos de Irene, Estela narra que “Depois, ouvi a madrinha dizer que eu era uma moça muito boa, que gostava de ir à igreja, que eu não incomodava, diferente de Augusto, que às vezes era um capeta.” (p. 99) Ou seja, Estela colaborava ao máximo, tanto para não incomodar a mãe, quanto por sua crença de que, se seguisse os ensinamentos da bíblia sagrada, poderia salvar sua família. Estela, por ser mulher, é ensinada a ser dócil, a não incomodar, já que cada desvio seu seria criticado. Em outra vez que Irene liga para falar com os filhos, ela manifesta sua preocupação com o fato de Estela não estar estudando, e perguntou se os dois estavam se comportando, e se Augusto estava bem. Ela apenas responde que estava, já que não tinha tempo de entrar em detalhes. Foi nesse período que Augusto começou a mudar, pois antes era apenas um menino

que incomodava por não ter modos e falar o que lhe vinha à mente, passa a imitar o comportamento dos pastores. Aquilo tudo assustava Estela, por ser algo muito brusco, e não condizer com a antiga personalidade do irmão. Enquanto Estela havia aceitado Jesus e estava indo frequentemente à igreja com o intuito de salvar sua família, ainda que não concordasse com tudo, Augusto parecia ter passado por uma lavagem cerebral. No entanto, com a ausência de sua mãe e as falhas na comunicação, além da convivência de Jurema acerca do comportamento de Augusto, nada podia ser feito, já que Estela era a única verdadeiramente incomodada com a situação.

Quando Irene chega ao Rio de Janeiro, para visitar os filhos, atualiza-os sobre as situações que ocorreram em Porto Alegre no tempo em que não estavam lá e revela ter se mudado para a casa do seu Rodrigues, um arquiteto em cuja casa faziam limpezas, para cuidar dele, que estava muito doente. Quando questionada pelos filhos sobre se eles também iriam para Porto Alegre, para morar na casa de seu Rodrigues, Irene desconversou. Estela e Augusto esperavam pelo momento que pudessem retornar ao Rio Grande do Sul, mas ele nunca chegava. No Rio de Janeiro, Irene passa a maior parte do tempo com Edna, indo à boate Help, para conhecer homens estrangeiros. Submete-se à prostituição na esperança de conseguir uma vida melhor, e alimenta grandes esperanças de alcançar este feito ao conhecer Rino. Quando o leva para passar o natal na casa de Jurema, é a primeira vez que Estela percebe sua mãe genuinamente feliz. “Posso dizer que naquele Natal minha mãe estava tão feliz que nem lembrava aquela que pouco tempo atrás estava doente e triste. Olhei para as mãos dela. Estavam apenas manchadas. As feridas todas haviam secado.” (p. 136). O fato de as feridas da mão terem secado pode ser enxergado como uma metáfora para o fato de que suas dores internas também estarem adormecidas. Naquele momento, as esperanças alimentavam Irene, com a notícia de que ela iria para a Itália.

[...] Disse-nos que depois de meses o plano era voltar e nos buscar. Minha mãe dizia aquilo muito comovida. Sentou-se do nosso lado e, nos abraçando um de cada lado, ficou dizendo que a nossa vida ia mudar, a nossa vida vai mudar, crianças, vai mudar. Dizia aquilo chorando. Nossa mãe não havia perdido aquela capacidade de continuar a fazer as coisas mesmo com lágrimas nos olhos, pois continuava dando conta da vida. Pediu um pouco mais de paciência, só mais um pouco. E nós dissemos que tudo bem, mãe, nós vamos esperar.” (p. 136)

Aqui, o pranto de Irene se diferencia por ser de felicidade, o que nos remete à mãe da narradora de Olhos d'água, que mesmo sorrindo, tinha lágrimas nos olhos, era um “sorriso molhado”. Estela se sente mais esperançosa com o fato de sua mãe estar feliz e com forças para dar conta da vida, do que com a notícia de que a ida à Itália mudaria seus destinos. Alguns

meses depois, Irene retorna e passa uma aparência de felicidade e satisfação, ao chegar ao aeroporto. Disse que os filhos poderiam escolher um lugar para comerem, o que era novidade, visto que, conforme a narradora, geralmente mal tinham dinheiro para a passagem de ônibus.

No entanto, na volta para casa, inicialmente pegariam um táxi, mas Irene conta o dinheiro da carteira e diz aos filhos que pegarão um ônibus. Estela percebe que a mãe estava escondendo algo e, a certa altura, observa que Irene estava chorando, quando estavam no ônibus voltando para casa. Ao questioná-la se iriam mesmo morar na Itália, “Minha mãe não respondeu de imediato e tive medo de que, pela primeira vez, ela não conseguisse mais fazer as coisas mesmo com lágrimas nos olhos. Em seguida, ela me olhou e disse, quase murmurando, que não íamos para Nápoles [...]” (p. 159) A percepção de Estela sobre a tristeza da mãe contrastava-se com a esperança que cultivou antes da partida dela para Nápoles. Sua maior preocupação sempre era a de que a mãe não suportasse mais os sofrimentos que carregava consigo. No entanto, em seguida, a sua postura é de quem está disposta a se reerguer: profere que, embora não tivesse dinheiro, voltaria a Porto Alegre, e que tinha saúde e vontade de trabalhar. Contudo, deixa claro que ainda não levaria os filhos, pois precisava se organizar antes. Mais uma vez, a volta ao Rio Grande do Sul era adiada, pois Irene não conseguia a estabilidade necessária para sustentar os filhos.

Desse modo, Estela sofre um desamparo por parte de sua mãe, devido à instabilidade financeira e à falta de amparo que a própria Irene sofre. Devido às situações de sua vida, nas quais sustentar a própria sobrevivência já era difícil, torna-se quase impossível ser a mãe da qual Estela precisava, embora estivesse fazendo o que considerava correto, dentro das suas possibilidades. Como já visto, a filha compreendia a mãe e evitava trazer mais problemas a ela, sendo sua única forma de ação para auxiliá-la. Buscava, no entanto, trilhar um caminho diferente, para não viver o mesmo que Irene, ainda que, sendo uma mulher negra e pobre, fosse estigmatizada socialmente para seguir este mesmo roteiro, dificultando sua transgressão.

2.2.1 A possibilidade de quebra de ciclo e de ascensão social

Desde o início da narrativa, Estela deixa claro o seu desejo de se tornar filósofa, embora em sua infância, não soubesse muito bem o que essa palavra significava, mas sabia que gostava de refletir e de pensar na vida. O contato tão próximo com situações devastadoras, mesmo sendo muito jovem, fez com que ela chegasse à conclusão de que a reflexão sobre a vida era uma forma de sobrevivência. Além disso, a condição em que ela e sua família viviam obrigava-os a amadurecer mais cedo. “Olhei para ele e tive a sensação de que tanto ele quanto eu estávamos amadurecendo rápido demais. Acho que estávamos nos tornando filósofos.” (p. 69) Nessa

passagem, ela se refere ao irmão Augusto, com quem estava indo ao Rio de Janeiro. Ela relaciona, então, a filosofia ao conhecimento que adquiria sobre a vida, além de torná-la, ao mesmo tempo, um subterfúgio da própria realidade.

Além de pensar dessa maneira, ela desejava ser filósofa como objetivo de vida, a partir dos estudos. Todavia, ela e sua família passam por uma série de impasses que dificultam esse sonho, como o desamparo financeiro e a doença na pele que acomete Irene. Quando a mãe se vê piorando por conta dos produtos de limpeza, não enxerga outra saída senão levar os filhos para auxiliá-la e, como consequência, eles precisam parar os estudos. A ideia vem de Estela: “Tive a ideia de eu e Augusto trabalharmos sempre junto com ela. As madames não se incomodavam com isso, até nos parabenizavam e diziam que nós éramos boas crianças por ajudar nossa mãe.” (p. 41) Essa fala mostra como, além da grave situação de parar os estudos para trabalhar, há a normalização desse trabalho pelas patroas. Pelo fato de Estela e Augusto serem crianças negras, o ato de trabalharem é visto como algo positivo, já que é esperado que essas crianças sucumbam ao mundo do crime. O trabalho infantil, para crianças negras, ainda é muito comum, em razão de os pais geralmente se ocuparem com subempregos mal remunerados e precisarem que os filhos auxiliem na sobrevivência. Lélia Gonzalez (2020) disserta sobre o tema:

E lutar pela sobrevivência significa, para tais famílias, apelar para todas as formas possíveis no sentido de conseguir alimento e permanecer em seu estado de fome congênita. Significa não poder deixar suas crianças irem à escola porque, também elas, têm que ajudar nessa luta pela sobrevivência. (Gonzalez, 2020, p. 47)

Embora a situação de Irene, Augusto e Estela não fosse de fome congênita, ainda assim a pobreza os afetava a ponto de as crianças terem de ir trabalhar. Pode-se refletir acerca da ascensão social de pessoas negras, pois já nesse ponto Estela encontra um empecilho para seu sonho de ser filósofa, uma vez que não queria viver do mesmo modo que a mãe, mas a necessidade de acompanhar Irene nessa rotina a afastava dos estudos.

Em determinado momento, quando estão voltando de um dia de trabalho na casa de seu Rodrigues, Estela questiona a mãe sobre como ele conseguia ser tão rico. Irene responde que ele fazia prédios, por isso, ganhava muito dinheiro. “Pensei mais um pouco e disse à minha mãe que queria voltar a estudar para ser filósofa. Foi então que o Augusto teve mais um acesso de babaquice e disse que nunca ouviu falar de uma filósofa preta.” (p. 54) Neste trecho, Estela manifesta seu desejo de estudar para, assim como seu Rodrigues, conseguir ter uma boa condição financeira. Augusto, porém, reproduz um pensamento muito comum de que mulheres negras não ocupam certas posições sociais, e de que elas não devem buscar acessar esses lugares

– de intelectualidade e poder – porque, de alguma forma, não “combinam” com eles. Pensando em questão de senso comum, os filósofos (em sua maioria, homens) mais comentados e citados são brancos. bell hooks, em seu texto *Intelectuais negras* (1995) tece as seguintes considerações:

A insistência cultural em que as negras sejam encaradas como empregadas domésticas, independentemente de nosso status no trabalho ou carreira, assim como a aceitação passiva desses papéis pelas negras, talvez sejam o maior fator a impedir que mais negras escolham tornar-se intelectuais. (p. 470)

As mulheres negras são frequentemente associadas a empregadas domésticas, e embora esse tenha sido o modo de ascensão social que muitas delas se utilizaram para sair da pobreza extrema, os estereótipos permanecem, de modo que elas continuam ligadas a profissões de servilismo e distanciadas da intelectualidade. A declaração de Augusto representa muito essa noção, e são falas como essa que afastam mulheres negras da vida intelectual, logo, só o fato de Estela persistir em seu desejo de ser filósofa já é uma forma de ir de encontro a essa concepção arraigada. De todo modo, mulheres negras, em sua maioria, estão em empregos de baixa remuneração, frequentemente em situação de vulnerabilidade. A questão do trabalho infantil é um fator que influencia nesse problema, tanto para mulheres quanto homens negros.

[...] a proporção de menores negros na força de trabalho é muito maior que a de menores brancos (e estamos falando daqueles que se encontram na faixa dos dez aos dezessete anos). Por aí se entende por que nossas crianças mal conseguem cursar o primeiro grau: não se trata, como pensam e dizem alguns, de uma “incapacidade congênita de raça” para as atividades intelectuais, mas do fato de que, desde muito cedo, têm que “ir à luta” para ajudar na sobrevivência da própria família. (Gonzalez, 2020, p. 100)

Essa é a situação de Estela. O fato de ter que “ir à luta” desde jovem dificulta seu sonho de crescer intelectualmente, mesmo que seja muito claro o seu gosto pelo conhecimento e pela reflexão, que é preenchido sobretudo pelas suas experiências de vida. Além do trabalho infantil, existe um fator estrutural que mantém mulheres negras em um ciclo de marginalização, responsável por perpetuar a condição de estarem sempre confinadas a trabalhos nos quais são serviços domésticos ou cuidadoras, pois são vistas como pessoas que conseguem dar conta de tudo. Esse fator estrutural vem de uma “herança” histórica na sociedade brasileira, uma vez que foram quase 400 anos de escravidão, em que mulheres negras escravizadas desempenhavam papéis de trabalhadoras do eito, realizando trabalhos braçais na lavoura, ou de mucamas, que prestavam serviços domésticos dentro das residências dos senhores.

[...] a “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, *grosso modo*, não mudou muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos nas áreas urbanas, em menor grau na indústria de transformação, e que permaneça como trabalhadora nos espaços rurais.” (Nascimento, 2019, p. 58)

Ou seja, essa “herança” repercute nos trabalhos em que essas mulheres usualmente se empregam, sendo o de empregada doméstica um deles, e o mais comum nos centros urbanos brasileiros, se não em casas de família, mas em outros locais, seja sob a denominação de “serviço de limpeza”, “serviços gerais”, seja a profissão de merendeira. De toda forma, são sempre profissões que remetem à ideia de servente. Na obra, isso é visível quando Estela começa a seguir o caminho da mãe nos trabalhos de limpeza, ainda que esse não fosse seu desejo nem o de Irene. A sociedade, de uma forma geral, acaba condenando essas mulheres ao servilismo. Em outra ocasião, quando Estela se muda para o Rio de Janeiro e conhece sua madrinha Jurema, a primeira pessoa para quem ela é apresentada é ao Ricardinho, filho de Jurema, que tem cinco anos de idade.

Então, filhinha, acho que vocês vão se dar muito bem. Você pode cuidar dele pela manhã e estudar à tarde, ela disse. Depois concluiu: Mas pensando melhor, já estamos na metade do ano. Acho que não vale a pena você entrar agora numa escola, você concorda, meu amor, perguntou. (p. 77)

Estela apenas concorda, dado que havia acabado de chegar ao Rio e mal teve tempo de raciocinar sobre tudo. Além disso, Jurema deixou-a numa situação em que ela não tinha escolha, já que a madrinha estava fazendo um “favor” em ficar com Estela e Augusto em sua casa. De forma sutil, Jurema insinua que Estela teria que cuidar de Ricardinho como uma espécie de pagamento por morar em sua casa. Além disso, quando já estão na casa de Jurema, ela pergunta se Estela sabia cozinhar, e essa é mais uma sutileza que mostra como Estela já é recebida por ela como alguém que iria cuidar da criança e fazer serviços domésticos, além de continuar sem estudar, ainda que não por decisão sua. Não fica claro se a madrinha é negra ou não, mas só por essa pequena relação de poder que se exerce, é possível deduzir que ela é uma mulher branca, apesar de pobre, então existe uma forma de opressão. Em meio a isso, Augusto não é obrigado a fazer nenhuma tarefa doméstica e ainda fica com o quarto para dormir, enquanto Estela dorme no sofá. Percebe-se, novamente, a diferença no tratamento em relação ao irmão, e isso se dá devido à questão de gênero, pois mesmo os dois sendo negros, Estela é quem fica com os serviços domésticos e com o maior desconforto.

Posteriormente, há uma situação em que Estela deixa a comida queimar, por estar distraída pensando no seu passado em Porto Alegre. Padilha reclama.

[...] quando fui servir a comida, o Padilha reclamou do gosto, e eu disse que tinha sido sem querer.
Mora de graça aqui, come e dorme e ainda deixa a comida queimar
(p. 97)

O Padilha é um personagem que não faz qualquer serviço dentro de casa. No momento da fala, ele está assistindo televisão, sentado no sofá. A madrinha Jurema é quem faz tudo na

casa e, quando Estela se muda, passa a dividir as tarefas com ela. A fala de Padilha é agressiva justamente porque ele acredita que Estela tem a obrigação de fazer tudo da melhor forma, já que está morando lá de graça, sem levar em conta que ela é uma menina de 14 anos, e não uma empregada. Nisso, o fato de Estela ser negra tem total influência.

Novamente é possível fazer um paralelo com a personagem Martha, de *O avesso da pele* (2020). Quando ela se muda para morar com Vitinho, não demora muito para que dona Maria tenha uma conversa com ela sobre auxiliar nos serviços domésticos. Mesmo Martha argumentando que já fazia sua parte, a mãe de Vitinho esclarece que “*não estou falando só da casa de vocês, estou falando de tudo*, e fez um gesto largo com os braços. *Agora você é da família e isso significa que pode ajudar a manter a casa dos seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante.*” (Tenório, 2020, p. 79, grifo do autor) Ou seja, ela insinua que, por Martha ser negra – utilizando o vocábulo pejorativo “moreninha” –, ela teria maior capacidade física de fazer muitas atividades domésticas. Desse modo, Martha fica sobrecarregada com as atividades de sua casa e da casa dos sogros, e o narrador relata que, mesmo sendo combinado que ela e dona Maria dividiriam as tarefas, Martha acabava desempenhando a grande maior parte das atividades que exigiam esforço físico. No fim das contas, ela vivia para cuidar desses afazeres, sem poder escolher outro caminho para si, pois havia sido submetida a uma jornada de esposa e doméstica. Algo parecido ocorre com Estela, uma vez que, morando em uma casa que não é sua, ela é induzida a não voltar aos estudos de imediato, enquanto fazia serviços em casa e cuidava de Ricardinho, mesmo também sendo praticamente uma criança.

Esses são alguns momentos que demonstram como, mesmo Estela desejando ter um destino diferente do que é imposto a mulheres negras, tudo na sua vida acaba sendo direcionado para que ela repita um ciclo de subempregos e baixa escolarização. Lélia Gonzalez (2020) teoriza sobre os tipos de empregos que são relacionados a mulheres negras: “De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata.” (p. 51) É justamente o estereótipo de doméstica que é possível enxergar nesse caso da Estela, porque mesmo tendo somente 14 anos, ela é vista como alguém que precisa servir.

O segundo tipo de qualificação que a Lélia menciona é o da mulata, que é quando mulheres negras usam seu corpo (que é frequentemente sexualizado) como uma forma de ganhar dinheiro, a exemplo das globelezas ou de mulheres que buscam ascender socialmente se rendendo ao turismo sexual, relacionando-se com algum homem estrangeiro que busca o

estereótipo de mulata – geralmente mulheres negras e encorpadas – com intuitos sexuais, como forma de ser bancada por ele. Como já visto, Irene, mãe de Estela, busca esse modo de ascender socialmente, ainda que isso não traga bons resultados no fim das contas. Essa opção também já se estende para Estela, devido aos comentários feitos por Edna e Irene, que sugeriam que ela seria desejada pelos homens estrangeiros devido à sua cor e ao seu corpo. Mesmo que Estela recuse esse destino, ele é sugerido a ela, e não à toa, já que a ascensão social de mulheres negras ainda é uma problemática. As opções mais fáceis para a ascensão se concentram no uso de seu corpo tanto para trabalhos braçais e pesados quanto para sexualização, ambos são formas de exploração do corpo.

Os estereótipos se mantêm porque “Mecanismos ideológicos se encarregaram de perpetuar a legitimação da exploração sexual da mulher negra através do tempo [...]” (Nascimento, 2019, p. 61), e esses mecanismos geralmente são midiáticos, como nas representações de mulheres negras nas produções audiovisuais, em que elas desempenham papéis de serventes, babás ou simplesmente de mulheres sem qualquer personalidade. Embora essas representações tenham mudado nos últimos anos, ainda assim é raro uma mulher negra ter um papel de protagonista, ou mesmo que um elenco tenha como maioria pessoas negras. Assim, permanecem as antigas concepções sobre as mulheres negras, de pouco instruídas intelectualmente, empregadas domésticas e sexualmente atrativas. Elas acabam absorvendo e reproduzindo essas ideias e acreditando em sua própria inferioridade, como faz Irene e Angélica, ou mesmo Augusto, pois essas imagens negativas da negritude também lhe atingem.

Depois de um tempo, Estela consegue retornar aos estudos, e é quando sua vida começa a mudar para melhor.

Em pouco tempo, meu círculo de amizades se ampliou. Agora a realidade me agradava mais que os sonhos. Não sabia mais se ainda queria ser filósofa, mas pensar na vida me fazia bem. As aulas de que eu mais gostava eram as de sociologia, literatura e filosofia. No início, eu não dizia nada durante as aulas, mas depois fui me sentindo mais à vontade para falar. (p. 144)

Além da aquisição de conhecimento, seu círculo social aumentou, fazendo com que ela saísse do mundo restrito no qual vivia. Ser filósofa já não era algo certo sobre seu futuro, possivelmente porque ela começou a compreender melhor o que era filosofia, além de estudar outras disciplinas e entender que poderia usar seu gosto pela reflexão de outras formas. Fica muito claro que o estudo era o caminho que Estela queria seguir em sua vida, ainda que tenha ficado um tempo afastada da escola.

No entanto, como já visto, acontece um fato que torna esse caminho mais difícil: a gravidez na adolescência. Mesmo que Estela realize o aborto, há uma série de consequências,

tanto na sua saúde, pois ela fica debilitada, quanto em relação às dinâmicas da sua vida, porque entra em conflito com a madrinha e com o irmão, por isso vai morar com Francisco. Todavia, decide também abandoná-lo, percebendo que não desejava viver como casada sendo tão jovem. A narrativa termina nesse momento, e pode-se deduzir que novamente há um desamparo, ainda que ela tenha tomado uma decisão para fugir de um destino que ela não aceitava. Esse fato a afasta novamente dos estudos, e a partir disso pode-se pensar mais uma vez que as estruturas sociais frequentemente colocam as mulheres negras em situações desfavorecidas, e que lutar contra esses ciclos, como Estela buscou fazer, é uma tarefa árdua e nem sempre recompensadora. Sendo assim, embora Estela buscasse não seguir o mesmo caminho de sua mãe, que é a realidade de tantas outras mulheres, não era tão simples negar esse “destino” para seguir o seu próprio. Foi necessário uma série de renúncias para que a jovem tentasse uma direção construída por si mesma, ainda que a ascensão social não tenha se tornado uma realidade, pelo menos até onde a narrativa se ocupa em contar.

2.3 Melissa como fuga do desamparo

Melissa é filha de Edna, amiga de Irene. Estela a conhece na primeira vez que vão à casa delas em Copacabana, quando Irene vai ao Rio de Janeiro visitá-los. Apesar de morarem em um bairro da zona sul, turístico, “Edna morava numa quitinete na rua Barata Ribeiro” (p. 120), isto é, não tinham condições financeiras tão favoráveis. Por isso, Edna buscava homens estrangeiros e ricos. Nesse dia em que se conhecem, Estela, Melissa e Augusto ficam sozinhos no apartamento enquanto Irene e Edna vão à danceteria. Estela, ao conhecer Melissa, se depara com alguém que, apesar de ter idade semelhante à sua, tem um comportamento mais maduro, com certo conhecimento sobre a vida. Logo na primeira interação entre as duas, após Melissa ter ouvido a conversa entre as duas mães, de que Estela namorava alguém da igreja, ela questiona sobre esse namorado – que, no momento, era o Isaías: “ela perguntou como era meu namorado e se a gente já tinha feito mais coisas além de beijar.” (p. 123) Já nesse contato inicial, Melissa mostra que não tinha medo de falar sobre assuntos que são tabus sociais, como o sexo, mesmo sem conhecer Estela ainda, além de evidenciar que ela já tinha alguma maturidade em relação ao sexo, o que é possível deduzir quando ela fala sobre seu namorado, Saulo, que era seu professor de literatura.

Após essa pergunta, à qual Estela responde que não havia ainda ultrapassado o limite dos beijos, Melissa faz outra indagação incomum: “Vocês já pensaram como seria bom voar

como as pombas, perguntou.” (p. 123) Essa fala faz uma referência a um trecho da Bíblia Sagrada, no Salmo 55, em que se diz:

Temor e tremor vieram sobre mim; e o horror me cobriu.
Assim eu disse: Oh! Quem me dera asas como de pomba! Então voaria, e estaria em descanso.
Eis que fugiria para longe, e pernoitaria no deserto. (Selá.)
Apressar-me-ia a escapar da fúria do vento e da tempestade. (Bíblia, Salmos 55:5-8, 1993)

A expressão “voar com as pombas” é uma metáfora que evoca este trecho da bíblia, o qual traz a ideia de se libertar de um sofrimento para encontrar a paz. No caso de Melissa, o sentido dado a essa frase é uma ideia distinta desta do texto da bíblia, embora também exista, para ela, a concepção sobre se livrar de um sofrimento. A narrativa sugere que Melissa tinha o intuito de encontrar essa paz, essa liberdade, na morte, o que fica mais claro quando, em seguida, ela profere que “Às vezes, penso em pular daqui só para ter a sensação do voo.” (p. 124) A isso, Augusto responde que se ela o fizesse, morreria, e Melissa afirma não ter medo da morte pois “voar é mais importante que morrer” (p. 124). Em seguida, ela sobe no parapeito da janela, senta e coloca os pés para fora, o que deixa Estela e Augusto assustados. Essas falas e atitudes de Melissa deixam evidente como ela não era uma pessoa comum, com pensamentos triviais. O seu desejo de “voar com as pombas” é um modo de fugir do peso da vida, e essa ideia fica ainda mais clara quando, em seguida, Melissa revela que tanto Edna quanto ela mesma achavam que ela tivesse alguma doença, mas que Melissa não gostava de psiquiatras (p. 124).

Em seguida, Melissa faz a leitura de um poema de Alejandra Pizarnik e relata que Saulo, seu namorado, “[...] disse que a poesia é a única maneira que temos de suportar a vida. Eu acredito nele porque a poesia me impede de querer voar pela janela com as pombas.” (p. 126) Essa fala, juntamente às suas declarações anteriores que fazem alusão ao suicídio, deixam claro que Melissa carregava um grande sofrimento dentro de si, talvez por isso se mostrasse tão madura. Ela encontra na arte uma maneira de sobreviver, descobrindo nela motivos para existir. Do mesmo modo, Estela se apoiava na filosofia para não ser assolada pela tristeza que a acometia. Ambas são formas de refletir sobre a vida, enxergá-la de um modo suportável e talvez até bonito. Estela, apesar de não se sentir madura como Melissa, também trazia consigo dores e fardos que se acumulavam. O encontro com a amiga, que era apenas dois anos mais velha, faz diferença no seu modo de enxergar as situações, embora antes de conhecê-la Estela já tivesse questionamentos sobre as pequenas (e grandes) violências que sofria. A amizade entre as duas faz com que Estela passe a confirmar alguns de seus pensamentos, além de conhecer em si a

força necessária para se libertar de determinadas situações, principalmente relacionadas a presenças masculinas que a oprimiam.

Estela se aproxima mais de Melissa quando a mãe viaja com Edna para a Itália, e passam a se encontrar com certa frequência no Jardim Botânico. É nesse mesmo período que Estela volta aos estudos, o que abre ainda mais sua mente para compreender o que não fazia sentido em sua vida. “Quando voltei a estudar, algumas coisas começaram a mudar. Meu namoro com Isaías não parecia mais fazer sentido. Aos poucos, fui perdendo o interesse nele” (p. 140), o que desencadeia no fim do relacionamento, pouco tempo depois. Após o término, Estela comunica Melissa. “Ela disse que eu tinha feito muito bem, que aquele garoto era um atraso na minha vida.” (p. 142) A amiga fala como se já fosse uma adulta dando conselhos a alguém mais jovem, o que faz, em seguida, Estela afirmar o seguinte: “Às vezes, eu tinha a impressão de que Melissa era uma espécie de mãe [...] Melissa era meu abrigo.” (p. 142) Para ela, a amiga se apresentava como uma mãe porque, com ela, Estela aprendia muito, e reconhece em Melissa alguém com a capacidade de educá-la. No entanto, o que acontece entre ambas não é bem uma transferência de conhecimento, mas um encontro que Estela tem com uma libertação que ela já procurava: já sentia vontade de terminar o namoro com Isaías, de cortar relações com o pai e de afastar-se da religião, devido aos seus questionamentos. A amizade com Melissa a ajuda a materializar esses ímpetos, e também a reconhecer que existia uma possibilidade para além daquilo que era apresentado a ela.

Em dado momento, Melissa faz uma reflexão sobre o ato de educar Deus. Estela questiona como que educaria Deus, se ela não era mãe. Melissa, porém, responde que “Ninguém precisa ser mãe para educar, ela disse. Quem educa são as pessoas que sofrem.” (p. 143) Esta fala já é um indicativo de que Melissa, por ser uma pessoa que sofre, estaria educando Estela, de algum modo, ainda que sua fala se referisse ao fato de as duas terem a capacidade de educar Deus. Melissa sugere que elas deveriam chorar por Deus, porque o choro era a primeira lição que ele deveria aprender. De início, Estela afirma que não quer chorar, por não querer ficar triste, mas faz a leitura de um poema e, em seguida, derrama seu pranto com Melissa.

Quando terminei, estávamos nós duas chorando. Não sei se estávamos educando alguém com aquilo. Acho que estávamos apenas tentando nos curar da vida. Acho que eu e a Melissa queríamos partilhar a mesma solidão. Como se pudéssemos nos unir para lidar com a tristeza. (p. 143)

No fim das contas, a conclusão que Estela tira é a de que não estavam necessariamente educando alguém, ou uma à outra; ambas estavam tentando sobreviver à vida, compartilhando seus sofrimentos e encontrando, uma na outra, um modo de existir. Essa amizade faz a diferença na vida de Estela porque, a partir dela, a adolescente pode reconhecer em alguém o seu ímpeto

de enxergar a vida de modo destoante, de pensar a própria existência com certa profundidade. Além disso, Melissa é a figura que vai trazer algum amparo para Estela, sendo a presença que vai aconselhá-la sem julgá-la, conduzindo a amiga para o encontro consigo mesma, sem a interferência de um mundo externo que busca apenas atribuir-lhe funções e estereótipos.

Ademais, essa amizade é essencial para que Estela passe a adquirir consciência sobre as figuras masculinas em sua vida, que são, quase todas, violentas em algum nível. Primeiramente, o término com Isaías ocorre após ela conhecer Melissa, e embora não seja uma consequência direta, já que Estela não pensava em continuar o namoro, ainda assim a presença de Melissa fez diferença, já que Estela materializa a sua vontade. Conhecer a nova amiga faz com que ela volte a priorizar a reflexão filosófica sobre as situações, evitando que fosse guiada apenas pela culpa e pelas imposições da Igreja. Consequentemente, consegue ter o ímpeto de se afastar das relações violentas com homens – sejam aqueles com quem ela se relaciona romanticamente, seja o pai, ou mesmo o irmão, que se torna uma personalidade hostil. Essa influência fica mais clara em seu relacionamento com Francisco, pois Melissa acompanha todo o processo e, mesmo quando a amiga começa a se envolver muito na relação, ela tenta aconselhar sobre o fato de que Francisco não faria bem a Estela. Além disso, um de seus conselhos é o seguinte: “Melissa também alertou para que eu não me enganasse, porque o amor não existe. O amor é uma ficção da nossa cabeça. Disse que descobriu isso num livro chamado *Dom Casmurro*. Que tudo que importa são as provas do afeto. O amor não existe, Estela.” (p. 145) É possível que Melissa estivesse tentando alertar Estela sobre a armadilha do amor romântico, no qual as mulheres são frequentemente prejudicadas por acreditarem e idealizarem um relacionamento, quando na verdade as “provas do afeto” valem mais que uma romantização exacerbada. O fato de ela citar *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é interessante porque é uma obra que vai de encontro às idealizações românticas, e mostra como o amor que Bentinho sente, fantasiado desde sua infância, é a causa de sua própria desgraça, devido aos seus ciúmes exacerbados, possivelmente infundados. Como consequência, Capitu, sua esposa, também é afetada, já que sua vida quase inteira é destinada a viver o relacionamento, para ao fim ser acusada de traição. A afirmação de que o amor não existe vem da ideia de que, na maioria dos casos, o “amor” é uma convenção social. O fato de Melissa ter essas leituras e esse tipo de atenção é importante para que Estela passe, no decorrer do tempo, a enxergar a vida sob um outro olhar.

Quando Estela conhece Francisco, tem a seguinte primeira impressão: “[...] era delicado, inteligente e me fazia rir. Não era bonito, mas eu não ligava muito para isso.” (p. 145) Apesar de ser um homem muito mais velho, Estela estava gostando da experiência de conhecê-

lo. Ela não havia conhecido muitos homens em sua vida, logo, a presença de alguém que a tratasse bem e fizesse com que ela se sentisse ouvida já era um diferencial. Posteriormente, a narradora reflete que “Na época, eu não sabia, mas não estava me apaixonando pelo Francisco. Na verdade. Eu estava me apaixonando pela possibilidade de ser profunda com alguém.” (p. 152) Quer dizer, a narradora compreende que, naquele momento, ela apenas havia encontrado alguém com quem conseguia trocar ideias, que lhe atraía por ser mais velho e, consequentemente, ter algum conhecimento sobre a vida.

Quando Estela conta a Melissa, ela tem a seguinte reação: “ela disse que não era homem para mim. Que nós merecíamos coisa melhor, porque éramos bonitas e profundas.” (p. 145) Embora nesse momento Estela não concordasse com a fala da amiga, posteriormente ela reconhece que Francisco não era a pessoa que ela imaginava, ao supor que ela deveria manter o bebê porque, caso contrário, seria assassinato. Além disso, como já dito, a relação que se desenvolve entre ele e Estela é de pedofilia, já que ela contava com apenas 15 anos quando eles tiveram relação sexual. Em outro momento, Estela revela a Melissa seu desejo de namorar com Francisco. Então, acontece o seguinte diálogo:

Ele é um velho, disse Melissa.
 Eu não acho ele tão velho assim.
 Não consigo imaginar vocês transando.
 Transar, perguntei com espanto.
 Sim, você acha que um namoro termina onde. (p. 151)

A reação de Estela à insinuação de que ela e Francisco fariam sexo é a prova de que, de fato, a sua atração por ele se deu muito mais num aspecto intelectual e afetivo, sem necessariamente envolver o sexo, pelo menos no primeiro momento. Ela mesma menciona que sequer o considerava bonito, embora se sentisse atraída por ele. Ademais, o fato de ela não relatar inicialmente uma atração sexual por Francisco pode ser devido ao seu desconhecimento sobre o sexo, por ter vivido em contextos nos quais não se falava abertamente sobre relações sexuais. Melissa, então, mostra-se mais madura nesse sentido, e faz com que Estela passe a ver o sexo como parte de seu desejo, embora posteriormente o desconhecimento de Estela seja um dos fatores que a conduz a uma gravidez indesejada.

A resistência de Melissa a apoiar o namoro de Estela e Francisco pode se dar também porque ela, anteriormente, havia se relacionado com um homem mais velho, que é seu professor, Saulo. Este fato nos faz enxergar que Melissa já havia passado por algumas situações que Estela só conheceria em um momento posterior e, por isso, ela é uma espécie de guia para a amiga.

Antes de Estela ter sua primeira relação sexual com Francisco, ela já havia começado a conhecer seu corpo e seus desejos, principalmente a partir de seu relacionamento com Isaías, que embora não fosse preferência dela, ainda assim lhe fez conhecer o desejo sexual. Quando sozinha, passa a imaginar se Isaías tinha vontade de tocá-la, criando cenas sexuais em sua mente. No entanto, lembra-se do que aprendera na igreja, de que pensar nisso era pecado, o que a leva a refletir se Deus realmente poderia saber tudo que ela pensava. Sentia-se invadida pela ideia de um Deus que não lhe dá qualquer privacidade, então começou a se questionar a possibilidade de Deus, na verdade, não saber de nada. “Ao pensar dessa forma, uma espécie de tristeza tomou conta de mim porque eu não tinha respostas. As perguntas me doíam e me rasgavam porque eu estava dividida entre o pecado e o pensamento.” (p. 107) Seus pensamentos “impuros”, que por si só já eram subversivos, levavam-na a outros questionamentos, fazendo com que a culpa ficasse ainda mais evidente. Entretanto, embora se sentisse mal, não conseguia evitar o desejo que sentia.

Mais adiante, quando conhece Francisco, em determinado momento passa a enxergá-lo tanto como um confidente, como alguém para quem ela direcionaria seu desejo sexual.

Às vezes, à noite, quando eu me deitava e me assegurava de que todos estavam dormindo, costumava levar meus dedos até o meio de minhas pernas, descobrindo lugares que Deus me havia proibido de conhecer. Sentia-me dona do meu próprio corpo. Dedilhava-me com cuidado e, com a outra mão, ora segurava as coxas, ora os seios. Pensava nos beijos com Francisco. Eu tinha receio e prazer em imaginar Francisco dentro de mim. (p. 152)

A sua descoberta sexual, nesse momento, não está necessariamente direcionada a Francisco, mas a si mesma, o que fica evidente na fala da narradora de que se sentia dona de seu próprio corpo. Ela passa a se desprender, aos poucos, da culpa que sentia, da repressão imposta pela Igreja. Ao praticar a masturbação, lembra-se de Francisco, no entanto afirma sentir não somente prazer, mas também receio, ao se imaginar tendo relações com ele. Na primeira vez que de fato realizam o ato sexual, quando estão trocando beijos mais intensos, Estela narra que:

Logo a ideia de que estava cometendo um pecado surgiu. Mas eu não queria retroceder. Eu queria ir adiante. Ir além da fronteira que Deus havia posto em meu corpo. Eu queria envelhecer através do meu sexo. [...] Achei que o sexo era também uma forma de experimentar o mundo. (p. 153)

A preocupação de Estela era a de não sucumbir à culpa que lhe afligia: queria poder dar voz aos seus desejos e se sentir livre com seu corpo. Ela sabia que não estava fazendo aquilo somente para agradar Francisco, mas porque tinha vontade de vivenciar o sexo, e essa era sua forma de transgredir as limitações que lhe foram impostas dentro da ideologia neopentecostal. A convivência com Melissa é fundamental nesse processo, tendo em vista que, como já visto,

ela enxergava o sexo como algo natural e sem tabu, fato que incomodou Augusto, mas atraiu Estela, que já buscava se libertar desse controle que se mostra claro desde o início do romance, quando Irene a repreende pelo simples fato de ter tido sua menarca – fazendo com que Estela sentisse culpa por um acontecimento natural e saudável em seu corpo.

No entanto, a forma como ela consegue dar voz aos seus desejos é prejudicial a si, já que não fora orientada sobre a pedofilia, o uso de preservativo, ou qualquer outro cuidado que deveria ter ao ter sua primeira relação sexual. Esse cuidado não deveria vir só de si, mas principalmente de Francisco, que já era um homem adulto, todavia, a violência dele contra ela já inicia no fato de ele não enxergar qualquer problema em se relacionar com uma adolescente e, mais que isso, de não dar importância ao uso de preservativo. Francisco, como mostra a narrativa, era um homem esclarecido, apesar de ainda estar finalizando os estudos. Logo, o seu descaso fora completamente proposital. Quando Estela afirma que ele tem quase a idade do pai dela, “Francisco riu e falou que eu era exagerada, e depois disse que o amor não tem idade.” (p. 153), ou seja, ele sabia como manipular a adolescente, mesmo que de forma sutil, sendo gentil e carinhoso nas palavras, deixando que ela compreendesse que não havia nada de errado no relacionamento deles.

Quando de fato realizam o ato sexual, e ocorre a penetração pela primeira vez, Estela percebe que o momento não foi como ela imaginou.

Então, quando Francisco entrou em mim, achei que o corpo inteiro havia entrado junto. Senti um espanto interno. Algo me dizia que naquele momento eu estava ultrapassando aquela fronteira; no entanto, talvez eu não estivesse preparada para ela. Sentia uma espécie de maturidade improvisada. Como se minha infância estivesse agonizando. (p. 153)

É neste momento que ela percebe a sua vulnerabilidade perante o mundo, e que apesar de ter tido que amadurecer muito cedo, iniciar sua vida sexual com Francisco faz com que ela sinta mais uma vez a sua infância sendo retirada de si à força. Mesmo que tenha sido uma relação consensual – em termos objetivos –, ainda assim há uma dinâmica de manipulação e de poder, devido ao fato de Estela ser adolescente e inexperiente, ainda tentando se situar na realidade que a rodeava. Quer dizer, antes mesmo de Francisco mostrar seu lado mais explicitamente violento, o fato de ter conduzido Estela para este relacionamento já fora uma atitude violenta. Mesmo que de forma inconsciente, Estela percebe que estava sendo violentada, e sua inquietação já não vinha de um sentimento de culpa, ou da sensação de estar cometendo um pecado, mas sim de estar ultrapassando uma barreira pessoal, pulando uma fase da sua vida. Essa percepção é tão clara neste momento, que o relato feito por ela, em seguida, confirma sua sensação: “No mesmo instante, tive vontade de chorar, pois subitamente a lembrança de quando

morávamos em Viamão apareceu: a lembrança daquele homem em cima de mim. [...] Me sentia suja. Mas não sentia nojo, nem arrependimento. Eu estava apenas triste.” (p. 154) Quer dizer, o ato sexual fez com que ela se lembrasse do abuso que sofrera em Viamão, e isso acontece não somente devido ao trauma, como também pela associação inconsciente que ela possivelmente fez entre Francisco e o abusador, já que a sua experiência sexual não foi positiva.

Além desse sentimento, reunindo a violência de Francisco e o trauma do episódio em Viamão, Estela percebeu que, de modo geral, o ato sexual não havia sido bom, já que não sentira o prazer que imaginava. “Quando comparei com o prazer que eu sentia quando me tocava sozinha, percebi que poderia ter sido melhor. Sem dúvida, deveria ter sido melhor.” (p. 154) Entende-se, então, que essa experiência teve uma dose de frustração também pelo motivo de Estela perceber que o prazer da masturbação era superior, já que provavelmente Francisco estava mais preocupado com a própria satisfação sexual. Ademais, na primeira relação sexual, as mulheres geralmente sentem incômodo maior, o que pode ser agravado se não houver total confiança e conforto no momento do sexo.

Essa situação de Estela com Francisco pode ser comparada à história de Beatriz, mãe de Virgínia, no romance *Virgínia mordida*. Já abordamos aqui que Virgínia é fruto de uma relação de pedofilia entre seu genitor e sua mãe. Em dado momento, a mãe entra em detalhes sobre esse acontecimento, e a narradora expõe os fatos. Ele era um homem que trabalhava no porto, assim como Beatriz, à época. Por ele ser educado e cordial, não havia tanto estranhamento das pessoas sobre a relação; na verdade, as amigas ficavam admiradas por ela ter um namorado mais velho. Certa vez, Beatriz sai escondida com ele e vão a um motel, e ele se mostra muito carinhoso e “respeitador” – assim, como Francisco que, na verdade, utilizava essa cordialidade como manipulação. “Antes de penetrar minha mãe com seu pênis de adulto, confiante como uma seta, ele chorou, declamou uns versos de um poema de Bilac. ‘Ora direis ouvir estrelas.’” (Vieira, 2024, p. 93). Mais uma vez, seu comportamento se assemelha ao de Francisco, por demonstrar alguma sensibilidade, profundidade, o que faz parecer que ele não teria atitudes violentas. Em seguida, quando Beatriz recua sobre a penetração, por sentir medo, o namorado a chantageia, dizendo que ela não o amava. Ela é obrigada a deixá-lo penetrar para provar o seu amor. Quando o ato começa, ela sente dor, mas se convence de que passaria, porque sua irmã dissera que no começo era doloroso, mas depois sentia prazer.

Ele começou a se movimentar pra frente e pra trás,
entrar e sair.

Ela pediu para que ele parasse, e ele gentilmente explicou que ele precisava
sair e entrar, mas que ia fazer isso devagar,
e fez.

Quando terminou,
cobriu minha mãe, lhe deu um banho e
depois a levou numa lanchonete
e a deixou na porta de casa. (Vieira, 2024, p. 95)

Mesmo quando ela pede para ele parar, ele não atende ao pedido, parando apenas ao chegar ao orgasmo. Não se preocupou com o prazer da adolescente ou sequer com o seu conforto, mesmo ela sentindo dor. Após o ato, ele “cuida” dela para que sua imagem de bom moço continuasse intacta, e não parecesse que aquele tipo de situação era um abuso – e fica claro que, além da pedofilia, houve abuso sexual. Em *Estela sem Deus*, Estela não externaliza seu desconforto com a penetração da mesma forma, ainda que, ao final, sinta uma angústia, a sensação de que algo estava fora do lugar. É importante mencionar que, no romance de Jeovanna Vieira, a narradora relata algo que sua mãe dissera ao contar a sua história. “Minha mãe disse que faltou saber as artimanhas que o homem usa, e por isso me contava, e se algum dia eu tivesse dúvidas, poderia perguntar, que sem insegurança na cabeça nenhum homem dominaria o meu corpo ou o meu destino.” (Vieira, 2024, p. 93) Esse diálogo que elas têm é essencial para que Virgínia não passe pelo mesmo que a mãe, sem o risco de ser dominada por um homem mais velho e perder sua juventude. No entanto, mesmo com esse preparo para o mundo, Virgínia se relaciona com um homem que a violenta física e psicologicamente. Ainda assim, o diálogo aberto com a mãe faz diferença, já que ela não passa pela mesma situação que ela. Na narrativa de Tenório, Estela não tinha diálogos dessa natureza com a mãe, a não ser para ser repreendida. Por esse motivo, ela não teve a sabedoria prévia para lidar com os relacionamentos que teve, nem mesmo com Isaías, porque mesmo sabendo que não gostava dele, submeteu-se ao relacionamento devido às pressões que sofrera. Melissa é a pessoa que dá esse apoio a Estela, é somente com ela que a adolescente consegue ter um diálogo aberto e, a partir dele, sair dessas relações que lhe prejudicavam.

Algum tempo depois de ter feito sexo com Francisco, Estela para de menstruar e busca Melissa, que já sabia que a situação era preocupante. Ela pergunta se Estela não tinha tomado algum medicamento para evitar uma gravidez. “Eu disse que não. Que nunca tinha ido num médico ginecologista. Que confiava em Francisco.” (p. 164) A sua fala já mostra o desconhecimento sobre seu corpo e sobre os riscos que poderia correr, vivendo um desamparo tão grande, que lhe restava confiar apenas em Francisco. Por esse motivo, a presença de Melissa modifica seu destino, já que, caso Estela se tornasse mãe na adolescência, não teria a possibilidade de vislumbrar um futuro diferente. É Melissa quem a auxilia nos testes de gravidez, tanto o de farmácia, como o de sangue. Ela afirma para a amiga que já havia ficado

grávida uma vez, mas que abortara, relato que Estela questiona se aconteceu de fato, ou se Melissa dissera apenas para acalmá-la.

Essa é a segunda vez na narrativa que Estela se questiona sobre a veracidade de algo que a amiga disse. Na primeira vez que ela e Augusto vão à casa de Edna, e Melissa conta sobre Saulo, seu namorado e professor, Estela pergunta se esse namoro era verdade. “Melissa me olhou e sorriu. Talvez tenha me achado uma idiota ou coisa parecida. ‘Não gosto dos garotos. Prefiro os mais velhos’, ela disse, ‘por isso acho que você está perdendo tempo com esse Isaías’” (p. 127, grifo nosso.) Em outro momento, quando Melissa conta que terminou o namoro com o Saulo, a narradora declara que “Eu nunca conheci o Saulo e também não sabia se ele existia de fato, ou se era fruto da imaginação de Melissa.” (p. 139). É possível que ela questionasse isso por não conceber estas possibilidades, por pensar que, embora Melissa fosse madura, não tivesse tido aquelas experiências. Ou, talvez, que pelo fato de a amiga ser muito imaginativa e, vez ou outra, ter alguns lampejos com falas fora do comum, Estela pensasse que ela estivesse inventando. Todavia, a narrativa não deixa claro se essas falas são verdade, embora as dúvidas de Estela sobre esses relatos façam com que o leitor também duvide, criando essa imagem de uma personagem em quem não se pode penetrar completamente, pois há uma parte dela que não pode ser vista pelos olhos da narradora, criando uma dúvida. Talvez por conta dessa lacuna, Estela se tornasse ainda mais impressionada com Melissa.

Quando as duas vão juntas \para fazer o exame de sangue e confirmar a gravidez, Estela relata que:

Quando abri o envelope, Melissa estava ao meu lado. Disse que, se eu quisesse, ela me conseguia uns comprimidos para abortar. Falou que o Saulo podia nos ajudar nisso. Olhei para ela com tristeza, Agradei por tudo, mas a palavra aborto me deu uma espécie de pavor. Abraçamo-nos. Eu disse que ia procurar o Francisco. Melissa me olhou com afeto e disse que era bom mesmo falar com ele, mas que no fim das contas quem tinha de decidir era eu.

Neste primeiro momento, Estela não queria abortar, porque sentia medo. Entretanto, essa possibilidade foi colocada por Melissa, que deixa claro o fato de Estela ser a única com poder de decisão sobre seu corpo. Como já visto no capítulo 1, posteriormente Estela dá-se conta de que não quer mesmo ser mãe, principalmente após a conversa com Francisco. Decide-se pelo aborto, mesmo com medo, porque teve um apoio para fazê-lo, embora mesmo assim sofra as consequências estruturais de um aborto não seguro.

A amizade que é nutrida por Estela e Melissa mostra como a cumplicidade feminina pode ser uma forma de salvação. Apesar de ter sido a única amizade mencionada por Estela, foi o suficiente para que ela pudesse ter outras percepções sobre a vida, sobre suas relações. Na

obra *O feminismo é para todo mundo*, bell hooks disserta sobre o a importância da solidariedade entre mulheres no movimento feminista.

Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. O pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência. (hooks, 2022, p. 35)

Enquanto a maior parte das mulheres com quem Estela tinha contato lhe direcionavam comentários sobre sua sexualidade e sua aparência, ela encontra em Melissa uma amizade genuína com quem pode ter uma relação de afeto sem qualquer tipo de competição ou punição. Não é só por este motivo que essa amizade é importante, mas o fato de existir confiança e cuidado entre elas é a prova de que Estela encontrou um alívio perante o caos que vivia. Ambas desenvolvem a compreensão de que dificilmente atingiriam a profundidade que almejavam em uma relação com um homem, mas que na presença uma da outra poderiam ser quem desejavam ser, apesar das diferenças e das dores que cada uma carregava.

3. HERANÇA E IDENTIDADE: A FIGURA DE DELFINA E A FILOSOFIA

No decorrer da narrativa, Estela vai desenvolvendo modos de reagir às violências que sofre. Essas formas de resistência advêm principalmente das figuras femininas, que trazem algum tipo de ensinamento, no modo de encarar a vida. No capítulo anterior, foi abordado sobre duas delas, que são Irene e Melissa, as quais, de modos diferentes, têm influência no desenvolvimento de Estela. Ao descrevê-las, Estela já está, também, falando sobre si mesma, e isso fica claro no decorrer do romance, já que ela procura formas de suportar a vida e, mais que isso, de existir para além de uma condição de sobrevivência. Além delas, existe também a avó Delfina, que é a primeira personagem que nos é apresentada, e não à toa, já que é com ela que Estela aprende sobre questões voltadas para a espiritualidade da umbanda e, a partir disso, desenvolve uma ideia sobre a filosofia. A figura da avó é importante justamente porque influencia a personalidade de Estela desde que ela ainda é pequena, já que, mais que aprender a ter dureza para suportar a vida, como Irene fazia, era necessário também compreender a delicadeza com a qual se pode enxergar a própria existência. É com Delfina, e a partir do pensamento oriundo de sua fé, que Estela aprende a refletir e a ter uma concepção que desviasse da banalidade das coisas.

São essas questões subjetivas que vão nos apresentar, inicialmente, a narradora-personagem Estela, que será herdeira de determinadas características e ensinamentos de Delfina, e a partir disso, desenvolverá uma visão de mundo particular, que resulta num desejo de ser filósofa, e esse seu ímpeto é fundamental para começar a se desgarrar de imposições sociais, especialmente a religião evangélica.

3.1 Delfina, a avó: a umbanda como herança

O primeiro capítulo da obra em análise, intitulado “A proteção do abandono”, é iniciado com a lembrança da primeira vez que Estela fora ao cemitério, devido à morte de sua avó, o que a direciona para outra recordação, de um ensinamento que Delfina deixara sobre a perda, antes de partir. Quando Estela e Augusto eram crianças, um ovo de passarinho caíra do ninho no pátio de sua casa, e o filhote não sobrevivera. Em desespero, Estela chama a avó, mas já não havia o que fazer. Diante disso, Delfina pede para que a neta enterre o filhote. “Mas eu, sozinha, indaguei. Sim, é assim que se lida com a morte, ela disse.” (p. 12) A partir dessa fala, nota-se que a avó trata a morte de forma natural, sem enxergá-la como uma grande tragédia ou como algo cuja confrontação devesse ser evitada, embora mantivesse, ainda assim, o respeito e a

delicadeza pelo ser que estava sendo enterrado. A narradora ainda acrescenta que “a vó Delfina teve tanto cuidado com aquele funeral que depois até cheguei a pensar que a morte fosse uma espécie de ternura” (p. 13), isto é, aquele ensinamento fez com que Estela repensasse sua concepção sobre a morte, enxergando esse ritual – o funeral – também como uma forma de afeto para aqueles que o executam em memória dos finados.

Delfina tinha a umbanda como religião, fato que fica evidente quando Estela relata seu costume de levar os netos ao terreiro. É possível, então, fazer relação de seu ensinamento sobre a morte com a tradição iorubá⁵, em que os ritos de passagem são de grande importância. A cultura iorubá é uma das origens da umbanda, que é uma religião brasileira de matriz afro-indígena. “Na mitologia iorubá, compreende-se o período entre a vida e a morte dos seres humanos como parte de uma existência maior. Dessa forma, esses dois marcos na existência (a vida e a morte) são celebrados como ritos de passagem.” (Chueire, 2021, p. 57). Os ritos de passagem se configuram como uma relação direta entre a existência carnal e a espiritual, e a morte é um “retorno à dimensão espiritual” (Chueire, 2021, p. 57). Por esse motivo, a avó Delfina dá tanta importância ao funeral do pássaro, além de reconhecer a importância daquele momento para os netos. Além desse fato, na umbanda, há uma concepção particular acerca da morte.

Nas religiões afro-brasileiras, a morte é entendida como uma continuação da jornada espiritual, onde a alma passa para o mundo dos ancestrais e dos espíritos. Na Umbanda, acredita-se que os mortos se tornam guias espirituais que protegem e orientam os vivos. Os rituais funerários são profundamente simbólicos, envolvendo cânticos, danças e oferendas para garantir uma boa passagem e o bem-estar da alma no Além. A ancestralidade é um conceito central, com a memória e o culto aos ancestrais desempenhando um papel vital nas práticas religiosas e na vida cotidiana. A morte, portanto, é vista como uma integração contínua com o divino e os espíritos, mantendo a conexão entre o mundo material e espiritual. (Pereira; Guerra, 2024, p. 6091)

A morte, nessa religião, tem sentido de continuidade da vida espiritual, uma vez que há grande proximidade entre o mundo carnal e o espiritual. Por isso, há essa concepção que trata a morte com naturalidade, já que ela não significa o fim, ou uma ruptura total com o mundo material, pois os mortos continuam a ter alguma conexão com os vivos. Na verdade, a própria dicotomia carnal/espiritual faz parte de uma concepção da tradição judaico-cristã, já que, na umbanda, aqueles que fazem a passagem para o pós-vida não deixam de existir junto daqueles

⁵ Na diáspora dos africanos para o Brasil, os grupos étnicos eram, em sua maioria, bantos e nagôs. Estes últimos tinham origem iorubá, tradição que mais resistiu culturalmente nesse processo colonizatório e se faz presente nas religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. (Chueire, 2021, p. 104)

que ainda são encarnados. Já no imaginário social na cultura ocidental, existe a crença na vida eterna após a morte. “Para os cristãos, a morte é o início de uma nova vida na presença de Deus; uma passagem para a eternidade, onde os crentes serão recompensados com a vida eterna ao lado do Criador.” (Pereira; Guerra, 2024, p. 6092) Essa eternidade ao lado de Deus é algo que se distancia totalmente do mundo material, por isso, há uma ruptura. Na cultura em que vivemos, apesar dessa crença na vida eterna, ainda é tabu tratar sobre a morte, seja pelo seu sentido sagrado, seja pelo temor que se tem da sua chegada, pois significa um distanciamento do mundo no qual vivemos. Por isso, Estela sente estranhamento ao se deparar com a forma como Delfina trata a morte.

Neste referido episódio, há a figura do pássaro, o que também se torna simbólico pelo fato de que, na mitologia iorubá, as aves têm significados diversos. No contexto em que aparece na obra, a figura do pássaro pode ter conexão com as Iá Mi Oxorongá, que são as “mães ancestrais”, figuras que detêm conhecimento, poder e fertilidade. Elas trazem, em suas cabaças, um pássaro, ou podem também transformar-se neles. “O feminino é forte no uso da cabaça como símbolo do útero, dentro dela há o pássaro, poder e ao mesmo tempo ser procriado, ovo choco.” (Santos, 2008, p. 74) O pássaro é ligado não só à fertilidade, mas também ao poder dessas figuras, pois “[...] representa seu lado oculto, instrumento de realização de suas vontades.” (Santos, 2008, p. 73) Em *Mitologia dos orixás*, de Reginaldo Prandi, há um enredo que explica a ação dessas feiticeiras e de seus pássaros, que podem agir para o bem ou para o mal.

O pássaro é capaz de carregar um chicote, pegar um cacete,
tornar-se alma do outro mundo,
e até mesmo pode ter o aspecto de um orixá;
tudo para aterrorizar a pessoa à qual foi enviado. (Prandi, 2001, p. 476)

O excerto mostra como esses seres utilizam todas as artimanhas possíveis para atingir o objetivo das Iá Mi. Embora eles sejam apresentados como vis e vingativos, não é somente para o mal que elas enviam seus pássaros. Elas possuem duas faces, e Santos (2008) descreve que elas também têm características positivas relacionadas à maternidade, como “doação, fecundação e proteção” (p. 71) A autora também explica que esses atributos, mesmo sendo dúbios, não são inconciliáveis, considerando que elas poderiam utilizar seus feitiços de forma truculenta justamente como forma de proteção.

A partir dessa relação das mães ancestrais com os pássaros, abre-se caminho para uma interpretação simbólica do relato de Estela acerca da avó. Nele, a morte aparece como uma forma de antecipar a perda da própria avó, com que Estela teria de lidar, além de trazer uma

significação acerca da espiritualidade. Ainda no momento do funeral, a avó Delfina convida os netos para rezarem, com o intuito de que o pássaro se tornasse um santo. Estela pergunta o motivo, e Delfina explica: “Porque os santos são seres que já conheceram a morte, mas que gostaram tanto da vida que ainda permanecem entre nós.” (p. 13) Essa ideia tem relação com a concepção da umbanda sobre a morte não ser o fim. O pássaro, nesse sentido, pode representar a própria avó, que posteriormente a esse acontecimento morre e também permanece entre os vivos, considerando sua presença nos pensamentos e ações de Estela. Ainda nesse relato, Delfina é descrita como alguém que possui muita sabedoria.

E hoje penso que a avó Delfina era mesmo uma pessoa muito delicada, porque os lugares em que ela estava sempre se apaziguavam, mesmo se um dia estivéssemos no meio de uma tempestade com trovões medonhos e estrondosos, ou numa guerra com bombas e feridos, seria sempre a vó Delfina a emprestar sua paz para as coisas. (p. 12)

O fato de ela ser uma pessoa plácida, que sabia lidar com adversidades de forma pacífica, já demonstra que ela tinha uma forma de enxergar as situações além do que elas se mostravam, um conhecimento que só quem já viveu bastante e aprendeu com a vida pode ter. O seu cuidado com o funeral e a sabedoria sobre lidar com a morte também não deixam dúvidas de que Delfina não olhava para o mundo como uma pessoa comum, e sim como alguém que conhece profundamente o funcionamento das coisas. Desse modo, associá-la às Iá Mi Oxorongá tem fundamento, na medida que ela representa, na trajetória de Estela, esse conhecimento ancestral sobre a umbanda e sobre as mitologias africanas que permanecem nessa religião. No início da narrativa, Delfina já havia morrido, então as vezes em que ela é mencionada figuram como um retorno a uma ancestralidade que se faz presente na formação de Estela, além de uma transmissão de saberes, voltada para o poder do feminino na cultura iorubá, que se estende para as religiões de matriz africana. Conforme Santos (2008), os orixás femininos cultuados no Brasil têm muitas características das Iá Mi Oxorongá, como a beleza, a força e o poder.

Não se pode esquecer que a magia e a sabedoria estão sempre presentes nas atividades desses orixás. Todas utilizam em algum momento as artes mágicas aprendidas com suas Mães, renovam os laços comunitários através do culto aos antepassados, curam e nutrem com os conhecimentos culinários. Aconselham e realizam os trabalhos mágicos, guardam os segredos do poder feminino, são guardiãs do nascimento e da morte. (Santos, 2008, p. 72)

Essas características dos orixás femininos têm relação direta com o aprendizado que Estela passa a adquirir, ainda que sua busca pela umbanda demore alguns anos para acontecer. Entretanto, ela leva consigo os ensinamentos da avó, e o primeiro deles a ser mencionado é o da morte. Posteriormente, Estela narra que, num episódio no qual fora levada pela avó a um terreiro, a mãe de santo revela que ela é filha de Oxum, que é um orixá feminino, o qual também

traz características das Iá Mi Oxorongá. “Oxum por exemplo, possui domínio sobre a fertilidade humana, no mito deixa as mulheres estéreis em represália aos homens, por não permitirem a participação das mulheres no início da criação das reuniões de organização do mundo.” (Santos, 2008, p. 71) Esse orixá traz essa característica da proteção do feminino contra a dominação masculina. Conectando com a trajetória de Estela, a represália aos homens é algo que ela desenvolve no decorrer da narrativa, ao negar algumas imposições masculinas, antes mesmo de buscar ativamente a espiritualidade da umbanda.

Compreende-se que a narrativa se inicia com esse relato do funeral do pássaro porque dali em diante Estela teria de lidar com certas mortes, tanto literais, como a de sua avó e a de seu padrasto, como também simbólicas, pois precisa abandonar muitas coisas para sobreviver, em especial a vida que ela tinha antes de tudo subitamente mudar. A reflexão que a avó faz sobre a morte já tem reflexo nos pensamentos que a narradora tem posteriormente, como quando está no cemitério, na ocasião do enterro do pai do irmão.

Por vezes, esquecíamos por que estávamos ali. No entanto, esquecer a morte pode ser algo grave, porque o cemitério também existe para nos lembrar de que um dia nós estaremos ali embaixo da terra, junto com as minhocas, as raízes e os vermes. Às vezes ainda pensava naquele filhote de passarinho sendo devorado por outros bichos. Então, quando lembrava essas coisas, desaparecia qualquer possibilidade de sorrir. Além disso, eu não queria que a alegria estragasse o enterro do Fernando, pois meu irmão precisava compreender como se deve proceder no enterro de um pai. (p. 16)

Apesar de não ser um pensamento idêntico ao da avó, porque naquele momento Estela ainda enxerga a morte com certa angústia, ela reconhece a importância e a seriedade que aquela cerimônia, o enterro, precisava. A sua reflexão em relação à necessidade de se lembrar da própria morte, enquanto algo inevitável, já é uma ideia que se difere do pensamento comum de evitar pensar no fim da vida. Ainda que se sinta desconfortável, ela decide confrontar essa crença, e a lembrança do episódio do pássaro é um indício de que a avó Delfina teve grande influência em sua vida. Ainda narrando sobre o pensamento da avó acerca da morte, Estela afirma ter pensado que ela fosse filósofa, devido à sua profundidade ao tratar sobre certos assuntos da existência e da espiritualidade. Nesse ponto, já fica clara uma influência no modo como a narradora reflete sobre os fatos, a exemplo da sua observação sobre a morte no enterro do padrasto. Essa atitude é, antes de tudo, um modo de atravessar os acontecimentos sem ser sufocada por eles, o que se fundamenta porque, em determinado momento, ela alega que “pensar nos salvava da vida” (p. 76), confirmando que o pensamento e a reflexão faziam com que sua realidade – e a do irmão, Augusto – fosse um pouco menos dura.

A partir dessa relação, já é possível associar as memórias de Estela com a construção de sua identidade, porque é a figura da avó e a significação que ela tem para a neta que vão construindo algum senso de si. Paul Ricoeur, em sua obra *A memória, a história o esquecimento* (2007), afirma, a partir do pensamento de John Locke, que “consciência e memória são uma única e mesma coisa” (p. 116), uma vez que adquirimos consciência a partir da significação que damos às nossas memórias, por isso esses dois elementos se confundem. O autor assegura, também, que a consciência é a responsável por formar a identidade pessoal (Ricoeur, 2007, p. 115). Complementando esse pensamento, Aleida Assmann, em *Espaços da Recordação* (2011), disserta que “O que Locke chama de ‘consciência’ é um produto da memória: força de integração no tempo, órgão do autocontrole, auto-organização e construção de si mesmo.” (p. 108) Considerando essas ideias, é a partir da consciência sobre eventos passados que a memória vai adquirindo sentido e desenvolvendo uma identidade pessoal. É o que acontece com Estela quando, a partir das figuras matriarcais, se reconhece e encontra um modo de existir no mundo.

Como já mencionado, Estela recorda de que, quando sua avó era viva, tinha o costume de levar ela e seu irmão para casas de Umbanda. Ela narra um episódio no qual uma mãe de santo, incorporada de Maria Padilha, revelou que ela era filha de Oxum, orixá das águas doces. Além disso, também disse que Estela era sensível, e que “uma hora o orixá iria tomar conta da minha cabeça” (p. 25). A menina fala para a avó que sentia medo de incorporar, mas Delfina, com muita sabedoria, responde:

Não precisa se preocupar, minha filha. Quando os orixás descem, não é para fazer o mal. Eles descem na terra para nos salvar.
Mas nos salvar de quê, vó.
Acho que de nós mesmos, ela disse.
Não entendo, vó.
Então esqueça isso, Estela, porque agora eu acho que pode ser também o contrário.
O contrário, perguntei.
Sim, pode ser que os orixás venham porque precisam ser salvos.
Eu era pequena e, portanto, não sabia que aquilo era filosofia. (p. 25).

A avó Delfina traz a ideia de que os orixás não apenas salvam, como também precisam ser salvos, o que se diferencia da concepção das religiões católica e protestante, a qual há apenas um deus que tem a capacidade de salvar, mas que não precisa ser salvo, pois é onipotente. Em sua fala, Estela novamente sugere que as ideias de sua avó são filosofia, dessa vez com maior convicção, pois em seu primeiro relato sobre Delfina ela diz ter pensado que a avó fosse filósofa, enquanto neste trecho em questão, ela já afirma que, embora não soubesse na época do acontecimento, tem clareza no momento que narra. Nesse ponto, há uma clara separação entre a Estela personagem e a narradora, que se dá pelo distanciamento temporal e discursivo,

pois a narradora já não é a mesma da época em que viveu os fatos, o que ocorre com narradores autodiegéticos – ponto que explicamos mais adiante neste capítulo.

Estela enxerga os ensinamentos da avó sobre a umbanda como uma forma de interpretar a si e ao mundo. É aí então que entra a relação entre memória e identidade, já que esse convívio com sua avó Delfina deixa marcas em Estela que passam a fazer parte de sua subjetividade. Um exemplo disso é quando Estela, já no período em que está morando no Rio de Janeiro, começa a frequentar a igreja evangélica por imposição da madrinha Jurema. É nesse processo que ela conhece a culpa cristã, porque além de ter sido convencida por Jurema de que a invasão a sua casa, em Viamão, ocorrera porque até então ela não tinha Deus, a jovem também se vê tendo desejos “proibidos” pela religião, principalmente porque sua sexualidade se desenvolvia. No entanto, mesmo convivendo com o discurso religioso e sendo quase convencida de que precisava se moldar àquele mundo, ela não se deixa levar por determinadas imposições por muito tempo, e demonstra ter autenticidade de opiniões. Certa vez, enquanto conversava com Isaías, ela declara: “Eu acho que não podemos viver sem Deus. Mas eu também acho que ele não pode viver sem a gente” (p. 96). A ideia causa espanto nele, porque há, nessa fala, uma contestação do poder de Deus, o qual deve ser sempre inquestionável na visão das doutrinas católicas e protestantes/neopentecostais. Essa concepção de Estela está diretamente ligada ao que ela aprendeu com a avó, de que os orixás também precisam ser salvos, e confronta a ideia de que o Deus cristão é todo-poderoso. Reginaldo Prandi (1990), ao tratar do candomblé e da umbanda, assegura que “Uma religião não se faz apenas para uma clientela interessada na solução de problemas eventuais e no prazer da experiência emocional não comprometida. Uma religião precisa de devotos; sem eles os deuses não existiriam.” (p. 70) Essa colocação vai ao encontro da fala de Delfina e de Estela, que sugerem que as divindades precisam de seus devotos, ou não existiriam.

Após algum tempo, Estela vai se afastando cada vez mais da Igreja, principalmente depois de voltar aos estudos. Um dia, enquanto conversava com a amiga Melissa, conta sobre quando ela e Augusto iam às casas de umbanda com a avó, e que, ao contrário de quando era criança, já não tinha medo de incorporar. Relata a ela sobre um sonho que teve, no qual Oxum pedia para descer à terra, para revelar um segredo. Melissa fica confusa, mas Estela explica: “Oxum quer me incorporar para saber quem ela é” (p. 145). Mais uma vez, há essa ideia de os orixás também precisarem das pessoas, essa proximidade das divindades com o mundo material. É esse sonho que teve, junto à lembrança de infância, que fazem Estela buscar a religião novamente. Na semana seguinte após essa conversa, ela e Melissa vão a um terreiro, e

embora Estela ainda não estivesse pronta para incorporar, sentiu que havia feito a coisa certa, pois “Outro mundo se apresentava para mim.” (p. 146).

Considerando esses fatos, podemos entender que avó Delfina deixa uma herança para Estela, influenciando sua personalidade autêntica e questionadora, e sendo um modo de ela não aceitar passivamente o que lhe era imposto. Seu modo de enxergar a vida com um olhar sensível e atento, juntamente ao fato de ter retornado à umbanda apesar da imposição da igreja evangélica, mostram que, a partir de pequenos atos, ela conseguia contornar a dominação que se estabelecia sobre ela.

A herança da umbanda, além de ser transmitida de modo intergeracional, constitui também uma memória cultural, tendo em vista que faz parte da cultura de um povo, pois seus fundamentos são compartilhados por determinadas etnias africanas desde a sua vinda ao Brasil no período colonial, na condição de escravizados. Apesar das tentativas do colonizador europeu de apagar essa memória de um passado africano, ela resistiu através dos ritos, resultado de uma memória compartilhada. “[...] essa resistência foi construída pela cultura. As músicas, as danças, os festejos e as comidas são parte essencial dessa cultura, que serviam como elementos de constituição identitária dos povos negros.” (Chueire, 2021, p. 104) Esses elementos foram de grande importância para a preservação da cultura do povo negro, dado que essas pessoas não trouxeram consigo artefatos físicos para guardar sua memória, nem mesmo suas línguas sobreviveram à colonização no Brasil. Desse modo, a religião candomblé, e posteriormente a umbanda, se constituíram por meio de ritos, unindo a mitologia africana – sobretudo do povo iorubá – com o catolicismo, principalmente, através do sincretismo religioso.

O que ocorre no caso de Estela é uma continuidade dessa cultura, à qual ela se sente pertencente. Apesar da tentativa de imposição da religião cristã e do racismo religioso por parte da madrinha Jurema, Estela retorna ao que foi primeiro transmitido a ela, e que, conforme a crença umbandista, já lhe estava destinado, pois ela é filha de Oxum. A memória sobre a ida ao terreiro, ainda criança, é também uma forma de a narrativa antecipar algo que aconteceria no futuro, o seu retorno a si. Conceição Evaristo trata, em seu texto intitulado *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória* (2008), sobre a literatura afro-brasileira e sua importância para construir uma memória a partir da perspectiva dos vencidos. Ela defende que:

a literatura afro-brasileira traz o registro de uma memória social, enquanto lembranças de vários indivíduos. Memória que permitiu um conhecimento de um sistema simbólico, que possibilitou uma reorganização do território negro da diáspora, através de uma mística negra, vivida em um tempo que escapa a uma medição cronológica, por se tratar de um tempo mítico. (Evaristo, 2008, p. 4)

Esse território negro de diáspora é construído a partir de uma memória compartilhada por um povo, isto é, uma memória cultural. A ideia do tempo mítico se refere a uma relação íntima com as mitologias de origem africana, e pensando na umbanda e no candomblé, existe uma forte ligação com os antepassados. Por isso há uma crença de sempre olhar para o passado, e esse costume reflete na valorização da própria cultura e identidade. É isso o que ocorre em *Estela sem Deus*, pois a preservação da memória do povo negro é representada na figura de Delfina, enquanto Estela, que está no processo de se entender enquanto pessoa, encontra formas de resistir às violências e imposições nessa herança parental que lhe é transmitida.

Aleida Assmann (2011), ao tratar da memória cultural, diferencia memória cumulativa de memória funcional. A primeira diz respeito a memórias inabitadas, isto é, que não possuem relação com o presente, mas são acumuladas e armazenadas principalmente para fins de conhecimento histórico. A memória funcional, entretanto, é habitada e possui relação direta com o presente. “A fim de que a memória possa desenvolver uma função orientadora, é preciso apropriar-se desses elementos, ou seja, é preciso selecioná-los segundo sua importância, torná-los acessíveis e interpretá-los em determinado quadro de sentido.” (Assmann, 2011, p. 148) No caso de Estela, essa memória funcional se apresenta como formadora de sentido, já que a relação direta com Irene e Delfina, associada a fatores sociais, produzem memórias que adquirem significação, e a partir disso se desenvolve sua identidade. A memória cumulativa, apesar de possuir um conceito diferente, está diretamente ligada a essa memória funcional, pois embora não exista uma relação direta e significativa dos indivíduos com esse passado construído, ele se relaciona com questões que se desenrolam no presente, a exemplo do surgimento das religiões de matriz africana e a condição das mulheres negras no período colonial, fatores ligados às representações presentes em Delfina e Irene. Portanto, Estela recebe as transmissões intergeracionais, ao mesmo tempo que sua individualidade tem também relação com uma memória cultural cumulativa.

3.2 Identidade e resistência a partir da filosofia

Estela, ao enxergar sua avó como filósofa, decide que queria ser como ela, porque foi despertada em si uma forma peculiar de enxergar o mundo. No entanto, seu acesso aos estudos formais é interrompido porque precisava auxiliar sua mãe no trabalho e, depois, nos afazeres na casa da madrinha Jurema. Ela era muito jovem para saber, naquele momento, o que de fato era filosofia, considerando que esse conceito se aplicava somente ao fato de refletir sobre a existência. Todavia, a pequena experiência que teve com sua avó Delfina sobre esse modo de

pensar faz com que ela enxergue a vida de outro modo. Como já discutido, a imagem social que se tem de mulheres negras é a do servilismo, da exploração de seus corpos, por isso, elas frequentemente permanecem distantes da intelectualidade. Entretanto, ainda que Estela se distancie dos estudos, leva consigo uma forma própria de pensar a vida, a qual não é tão apreciada dentro de espaços formais da educação, a partir da experiência e da espiritualidade. Considerando a influência da avó, que Estela considerava filósofa por ter ideias profundas sobre a existência, é possível relacionar o modo de Estela enxergar a vida com os fundamentos religiosos da umbanda.

Esse processo de aprendizagem na Umbanda é caracterizado por uma abordagem mais holística e espiritualizada, que enfatiza a conexão íntima com o mundo espiritual e com a natureza, promovendo uma compreensão profunda da existência e do propósito espiritual da vida. (Fonseca, 2023, p. 2)

Mesmo que Estela não relacione conscientemente a sua forma de pensar à umbanda, é certo que essa religião se mostra presente. A reflexão que ela tem sobre a morte e sobre a necessidade de lembrar de sua finitude já abre caminho para uma autoconsciência e autoconhecimento, de modo que comece a compreender sua importância (e desimportância) no mundo. Após a morte do padrasto, Estela observa que a mãe é abraçada pelas tias, as quais não se davam muito bem com Irene. Mediante isso, a narradora reflete: “[...] descobri que a morte também tem o poder de apaziguar os afetos.” (p. 19) Nesse sentido, ela assimila o fim da vida como um modo de aproximar afetivamente os que permanecem vivos, assim como ela olha com delicadeza sua avó no enterro do passarinho.

Estela tem contato próximo com a igreja evangélica apenas aos 14 anos de idade. Antes disso, ela não se via obrigada a cultivar nenhuma divindade, apesar de ter tido contato com a umbanda, religião que não foi imposta a ela. Em uma conversa com Augusto, após a morte de Fernando, ela reflete sobre Deus e sobre a existência de um céu.

[...] meu irmão Augusto perguntou se eu acreditava que as pessoas iam para o céu depois que morriam. Casualmente, eu andava pensando nisso e quis dizer a ele que para mim o céu era uma grande tolice. Mas devo dizer também que eu pensava dessa forma porque na época a igreja ainda não havia entrado em nossa vida. Jesus ainda estava longe de nós. Vivíamos sem Deus, e isso não me incomodava. (p. 18)

No momento em que narra, ela reconhece que naquela época só tinha esse pensamento porque ainda não havia entrado para a igreja, e complementa afirmando que a ausência de Deus em suas vidas não era um problema. Então, até o momento em que ela se depara com as ideias da igreja evangélica, sua visão de mundo era diferente e não havia uma obrigação de acreditar cegamente nas convenções do cristianismo. Entretanto, o fato de Augusto ter questionado sobre

a possibilidade de ir para o céu após a morte mostra que essa concepção é cultural, principalmente pelo fato de o Brasil ser um país de maioria cristã (católica e neopentecostal). O confronto de Estela à ideia de um céu é mais um indício da sua forma crítica de pensar.

Com a análise feita no primeiro capítulo deste trabalho, acerca das violências direcionadas ao corpo de Estela, ficou perceptível que muitas ideias misóginas sobre o corpo da mulher - e também racistas, já que voltadas ao corpo da mulher negra - estão associadas à moral cristã, seja de forma direta ou indireta. Quando Estela menstrua, sua mãe lhe adverte sobre o modo como os homens a enxergariam, sugerindo que mulheres deveriam guardar para si suas intimidades. Essa opinião está indiretamente relacionada à visão que se tem da mulher dentro da moral cristã: discretas, recatadas e submissas. Outrossim, quando Estela entra para a igreja, algumas questões ficam mais explícitas: o discurso do pastor Everaldo, no culto, sobre a mulher ser a que vive à sombra do homem e cuida dos filhos; as falas dos pastores Everaldo e Zaqueu após o episódio no qual Estela e Isaías foram flagrados atrás da igreja; a fala de Francisco sobre mulheres aborteiras irem para o inferno, mesmo não sendo adepto da religião. Além disso, a própria imagem de Deus é voltada para o masculino, pois mesmo sendo bondoso e tendo a capacidade de perdoar, possui também uma fúria que direciona para aqueles que não cumprem com suas exigências. Estela, ao perceber que poderia ser castigada, tira a conclusão de que “a ira de Deus era pior que a morte” (p. 91), quer dizer, o sofrimento em vida que ela poderia ter como resultado das suas ações seria pior que simplesmente morrer. Dessa forma, o Deus que ela conhece é apresentado como um ser que se impõe, não aceita ser contrariado e que causa medo, características que podem ser associadas ao masculino, principalmente se consideramos que, nessa religião, as mulheres não têm voz.

Esse temor que Estela passa a ter do poder de Deus fica evidente quando Augusto debocha do fato de a irmã estar se tornando crente. Ela o segura pelo braço, com força, e questiona se ele sabia o motivo de terem sido assaltados em Viamão, ao que ela responde: “aquilo tudo só aconteceu por um motivo: não tínhamos Jesus no coração. Aquilo aconteceu porque não conhecíamos o amor de Deus.” (p. 91) A isso, Augusto responde que não precisava do amor de Deus. Estela revida essa fala com um tapa no rosto do irmão. Sua atitude violenta perante a visão de Augusto sobre Deus mostra como ela tinha medo de que aquela situação ocorresse novamente, e é um resultado direto da culpa e do medo instaurados pela ideologia da Igreja.⁶

⁶ Apesar de Augusto ter essa fala, nesse momento da narrativa, mais adiante ele passa a ser devoto e a ter opiniões conservadoras, repreendendo a irmã por seu comportamento “desviante”. Diferente de Estela, Augusto é absorvido pela ideologia evangélica.

O fato de Deus ser voltado para uma imagem masculina vai de encontro ao significado que as figuras femininas têm para Estela. Como foi tratado anteriormente, sua mãe, Melissa e sua avó são personagens essenciais para sua formação e para que começasse a se voltar contra as violências que lhe acometiam, é nelas que Estela encontra alguma liberdade de existir sem medo, apesar da vida que levava. Em contrapartida, Estela teme Deus, porque qualquer atitude – até mesmo pensamento – pode ser motivo para que seja punida, e até para que vá para o inferno. Essas mulheres de quem ela fala, por outro lado, lhe inspiram a ter força para lidar com a vida. No episódio em que Jurema sugere que a invasão à casa de Estela em Viamão ocorrera devido à falta de Deus na vida deles, Estela confessa ter tentado ao máximo se aproximar de Deus para que aquilo não acontecesse novamente, e tem outra lembrança. “Cada vez que eu pensava em pedir perdão a Deus, vinha a imagem da minha mãe sentada naquela cozinha segurando uma faca para nos proteger. Foi só mais adiante que descobri que Deus também era a minha mãe segurando uma faca.” (p. 85) Aqui, novamente é possível perceber uma narradora colocando suas percepções sobre algo que ela só entenderia posteriormente ao ocorrido. Tal entendimento também é uma forma de antecipar ao leitor que a ideia defendida por Jurema não se sustentaria por muito tempo. Além disso, mostra que, no momento em que narra, Estela reconhece o que sua mãe fizera para proteger os filhos, num contexto em que Deus não esteve presente. Nesse acontecimento em Viamão, ela afirma ter chamado por Deus, “mas Deus não veio” (p. 36), e mais à frente, após a ocasião do aborto, ela diz ter se esforçado para que não pensasse que estava sendo punida por Deus, após tudo que passou no hospital. Chega, então, a outra conclusão: “pensei que Deus era meu pai: lembrava-se de mim de vez em quando.” (p. 179) Desse modo, Deus é relacionado à figura paterna que negligenciou Estela, lembrando-se dela somente quando era conveniente a ele. Ela lembra de Deus dessa forma, porque também ele esteve ausente quando ela precisou. Sua mãe, por outro lado, fez esforços descomunais para a sobrevivência de si e dos filhos. Ao final da narrativa, Estela volta a refletir sobre sua mãe ser Deus.

[...] Deus estava espalhado em algumas mulheres que conheci. Deus não era homem. Deus sempre foi mulher. Seria mais honesto pensar dessa forma. Suportar a vida como elas fizeram, dar conta de tudo era sobre-humano. Tive uma dor no peito que me trouxe outra revelação: a de que Deus era, na verdade, a minha mãe limpando o chão na casa das madames. Deus era minha mãe tendo de sustentar a casa sozinha porque meu pai nos esquecera. Deus era minha tia cuidando do tio Jairo com derrame. Deus era a Melissa querendo voar pela Janela. Deus era minha madrinha Jurema suportando o Padilha. Deus éramos nós sendo violentadas. Deus era eu carregando um filho morto no ventre. (p. 181)

Ela pensa nessas mulheres, inclusive em si mesma, como pessoas que tiveram de carregar fardos demasiadamente pesados e sobreviver a eles. Para ela, seria mais honesto pensar em Deus sendo uma mulher porque foram elas que estiveram lutando ativamente por algum rastro de dignidade e, em algum nível, administrando as tristezas, tanto quanto Irene. Assim, ela destitui a imagem de um Deus puramente masculino, enfrentando, novamente, a concepção cristã de Deus.

Sobre essa constante reflexão em relação à imagem do Deus cristão (presente nas religiões católica/protestante), é possível trazer para a discussão a obra *A cor púrpura*, de Alice Walker, publicada pela primeira vez em 1982 e ganhadora do prêmio Pulitzer em 1983. Possui grande impacto não só nos Estados Unidos como no mundo, devido à sua temática que envolve mulheres negras em situação de opressão, mas que conseguem se unir para lidarem com suas dores. Apesar das diferenças culturais/geográficas e até mesmo históricas entre *Estela sem Deus* e o romance de Walker, ainda assim há semelhanças no que se refere a mulheres negras: as violências que sofrem e seu questionamento em relação às imposições ocidentais.

A narrativa em questão se constrói a partir de cartas escritas pela protagonista Celie, direcionadas em sua maioria a Deus e à irmã Nettie. Celie é uma mulher negra que, quando tem entre 13 e 14 anos, é abusada sexualmente pelo homem que exerce figura paterna em sua vida, após a morte de sua mãe. Ela tem dois filhos frutos do estupro que sofre, mas ambos são arrancados dela pelo seu abusador. Celie é obrigada a se casar com um homem chamado Albert, que já possui três filhos e cuja mulher morrera, entretanto, a jovem menina se torna uma escrava do marido, é violentada física e sexualmente, além de psicologicamente, uma vez que é isolada do mundo e perde contato com a irmã, de quem tanto gostava. Até certo momento da obra, quando descobre que Nettie estava viva e que Albert estava escondendo as cartas que ela mandava à irmã, Celie direciona suas cartas, que são uma espécie de diário pessoal, a Deus. Todavia, após décadas de sofrimento, e por descobrir através das cartas de Nettie algumas situações ruins sobre seu passado, Celie passa a ter raiva de Deus, e escolhe direcionar as cartas apenas à irmã.

Em uma conversa com Shug, sua amiga-amante, Celie profere que “[...] o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outro homem queu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário.” (Walker, 2024, p. 224-225). Ela faz tal afirmação porque sente que foi esquecida por Deus, em quem ela foi ensinada a confiar. Vai ao encontro do sentimento de Estela presente em sua narrativa, de que esse Deus que ela passa a cultuar não se importa com as mulheres. Após a fala de Celie, ela e Shug conversam sobre Deus. Shug,

apesar de ser uma mulher “desviada”, porque não frequentava a igreja e nunca havia sido mulher de um homem só, afirma que crê nesse Deus e se sente amada por ele. Celie não compreende, mas Shug explica que não precisa ser devota para que Deus a ame, que pode fazer outras coisas que ela goste, das quais ele pode gostar. “Que coisa?” (p. 228), Celie pergunta, e Shug responde “Eu posso ficar deitada só admirando o queu tô vendo. Ser feliz. Me divertir.” (Walker, 2024, p. 228) Isto é, a crença de Shug é de que esse Deus pode amá-la apenas por vê-la sendo feliz, o que destoa de uma concepção comum de que é preciso seguir à risca a Bíblia Sagrada para que seja devidamente amada e, mais que isso, fugir de um castigo divino.

Ainda no diálogo entre Shug e Celie, elas começam a questionar a aparência de Deus, frequentemente apresentado como um homem branco. Shug profere que “Deus num é homem nem mulher, mas uma coisa.” (Walker, 2024, p. 230), e mais adiante complementa: “Eu acredito que Deus é tudo, Shug falou. Tudo que é ou já foi ou será.” (Walker, 2024, p. 230), especificando que “Meu primeiro passo para longe do velho homem branco foi as árvore. Depois o ar. Depois os pássaro. Depois as outra pessoa. [...] Aquele sentimento de ser parte de tudo, de num ser separada de nada. Eu vi que se cortasse uma árvore meu braço ia sangrar.” (Walker, 2024, p. 230). Nessa fala, a visão de Shug se aproxima da concepção formada por Estela na medida em que, para ambas, Deus não é um homem. Elas criam sua própria visão de Deus a partir de suas vivências dolorosas no mundo, entendendo que essa figura masculina não seria capaz de entender as dores de uma mulher negra, tampouco de salvá-las. A posterior fala de Shug, na qual ela afirma que Deus está nas coisas como a árvore, o ar e os pássaros, tem relação direta com a fala de Delfina, que contraria o pensamento de Estela sobre a natureza ser violenta e injusta: “[...] tínhamos sempre de pedir perdão aos bichos porque nós os comemos, perdão às árvores por derrubá-las, perdão ao mar por entrarmos nele.” (p. 13) Isto é, a natureza é uma forma de se conectar com a divindade/espiritualidade, ademais, de descentralizar a figura de um Deus masculino. É um modo de destituir hierarquias, de se enxergar como parte de um todo e, por isso, respeitar tudo que existe.

Ainda nesse mesmo diálogo, Shug também sugere: “As pessoa acham que agradar a Deus é tudo que interessa a ele. Mas qualquer idiota no mundo pode ver que ele tá é tentando agradar a gente de volta.” (Walker, 2024, p. 231) Essa ideia também tem relação direta com a concepção que se mostra na narrativa de *Estela sem Deus*, como as falas sobre os orixás e Deus precisarem das pessoas tanto quanto elas precisam deles, questão abordada anteriormente neste capítulo. A fala de Shug vai neste mesmo caminho, ao dizer que Deus também tenta agradar as pessoas, porque novamente há uma ideia diferenciada do Deus cristão que precisa a todo

momento ser bajulado, colocando essa divindade numa relação de reciprocidade com o mundo. Apesar de *Estela sem Deus* e *A cor púrpura* serem diferentes entre si, principalmente no que se refere ao contexto geográfico e cultural, ainda assim há uma relação muito próxima nas vivências dessas mulheres e na sua relação com a fé. Embora nos EUA não tenham se popularizado as religiões de origem africana, ainda assim é possível perceber no diálogo entre Celie e Shug o questionamento sobre o Deus todo-poderoso e sua imagem de homem branco, mesmo que a cultura negra dos EUA tenha se tornado predominantemente protestante. Já no contexto brasileiro, as religiões de origem africana conseguiram se expandir.

Pensando dessa maneira, é interessante retornar à umbanda e, mais especificamente, à cultura iorubá, já que muito do que Estela reflete tem relação com essa ancestralidade. Oyèrónkẹ Oyěwùmí, em sua obra *A invenção das mulheres* (2021), discute sobre como a colonização mudou o olhar que se tinha sobre os gêneros, já que antes o povo iorubá não enxergava os gêneros masculino e feminino como papéis sociais, muito menos a partir de uma relação hierárquica. Tal fato se mostra na língua: “Rin, o sufixo comum de ọ̀kùnrin e obìnrin, sugere uma humanidade comum; os prefixos obìn e ọ̀kùn especificam a variedade da anatomia.” (Oyěwùmí, 2021, p. 115) Isto é, os dois nomes que designam macho e fêmea anatômicos têm relação unicamente com a anatomia do corpo, o que, em nossa sociedade, seria o que chamamos de “sexo”, ainda que esse conceito esteja intrinsecamente ligado à ideia de gênero e de hierarquia na cultura ocidental. “Em vez disso, o princípio básico da organização social era a senioridade, definida pela idade relativa” (Oyěwùmí, 2021, p. 112) Essa diferença hierárquica existia somente pelo critério de idade, e não de gênero. Por isso, há ainda uma grande valorização de pessoas mais velhas, que detêm certo conhecimento, como é representado através da figura de Delfina. Oyěwùmí também disserta sobre o fato de, após a colonização europeia, os orixás ganharem novas designações, sendo enxergados a partir de uma visão masculina, quando muitos não tinham gênero definido ou diferença de poder a partir dessas definições.

Olodumarê começou a ser visto como “nosso Pai Celestial”; as orixás anafêmeas, quando eram reconhecidas, começaram a parecer, de alguma maneira nebulosa, menos poderosas que os orixás masculinos; e “nossas e nossos ancestrais” se tornam nossos antepassados. (Oyěwùmí, 2021, p. 354-355)

A cultura ocidental começou a se impor sobre a religião iorubá, e a dominação masculina passou a fazer parte do funcionamento dessa sociedade. A ideia de um Deus masculino, supremo e todo-poderoso, então, tem relação direta com uma superioridade masculina e, conseqüentemente, com um rebaixamento do gênero feminino. Quando Estela

questiona essa estrutura e enxerga as mulheres com quem ela conviveu como divindades, além de retornar à umbanda e buscar se reconectar com Oxum, orixá feminino, está indo de encontro a uma concepção enraizada de um Deus que pune e se impõe sobre todos. Além disso, na umbanda não há uma noção de culpa, e quando o medo e a culpa se mostram para Estela, é depois que a Igreja evangélica entra em sua vida.

A umbanda de certa forma rompe com a concepção kardecista do mundo: aqui não é mais uma terra de sofrimentos onde devemos ajustar contas por atos de nossas vidas anteriores. Trazendo do candomblé a ideia [...] de que a realização do homem se expressa através da felicidade terrena que ele deve conquistar, a umbanda retrabalha a noção culpada da evolução kármica kardecista, assim como, através da propiciação ritual, descobre a possibilidade de alteração da ordem. (Prandi, 1990, p. 62)

Embora a umbanda traga consigo fundamentos de religiões africanas e do kardecismo, a noção de karma e de “ajuste de contas”, que advêm do espiritismo kardecista, não são levados em conta. Não há, portanto, a necessidade de seguir cegamente as imposições de um deus em busca da vida eterna, uma vez que na umbanda importa também a felicidade terrena e os prazeres em vida.

Na mitologia iorubá, os orixás femininos são descritos como detentores de grandes poderes. Oxum, orixá das águas doces, de quem Estela é filha, é descrita como alguém que tem capacidade de cura.

Então Orixalá começou a chorar de tanta dor que sentia.
Ele entoou a cantiga de Oxum.
E Oxum veio com sua moringa d'água, lavou-lhe a ferida com água do rio
e a cobriu com ervas curativas
que brotavam perto da nascente do rio.
Ela amarrou a ferida com a toalha branca de Orixalá.
Oxalá logo sarou.
Orixalá adora Oxum porque ela é bondosa com ele. (Prandi, 2001, p. 445)

Ao ser revelado a Estela que ela era filha de Oxum, a mãe de santo complementa: “vocês, filhas de Oxum, choram, porque é o pranto de vocês que conserta o mundo.” (p. 25) Essa missão de consertar o mundo é atribuída a Estela, e mesmo que pareça um fardo a ser carregado, há também a atribuição de um papel importante e autônomo na própria vida e no que a rodeia. Quando, ao final da narrativa, ela se reconhece como Deus, assim como as mulheres que cita, é devido ao fato de todas terem suportado violências diversas, mas também para mostrar que Deus não está acima delas. Logo, a imagem das mulheres se sobrepõe à figura de Deus. Possibilita-se, a partir disso, refletir sobre a importância da umbanda na vida de Estela, no sentido de valorizar as figuras femininas presentes em sua trajetória, além de não se submeter

totalmente aos homens ou mesmo à crença de que sua existência gira em torno deles. Irinéia Santos (2008) discorre sobre esse aspecto:

Interessa afirmar que as formas como a religião africana e afro-brasileira identificam e ressignificam o papel da mulher na sociedade podem ser elementos de formação de consciência em um ambiente social machista. É claro que muito se discute sobre a posição da mulher na sociedade brasileira e/ou africana. O conhecimento desses elementos mitológicos ou religiosos somados às experiências cotidianas das mulheres nos dois continentes pode trazer valorização do ser feminino e de sua ação, essencial para a proteção da vida e manutenção das relações comunitárias. (Santos, 2008, p. 78)

Assim, a forma como Estela age, não aceitando passivamente o que lhe era imposto, tem uma relação com a introdução que teve na religião umbanda, além dos conhecimentos de ancestralidade que ela adquiriu no convívio com a avó. Irene, apesar de não se mostrar religiosa em nenhum momento, não criara os filhos no cristianismo – e, conforme a narradora explicita, não havia problema que vivessem sem Deus. Em uma conversa com Isaías, ele questiona Estela sobre o motivo de ela pensar tanto, e ela responde “penso porque quero ganhar da vida” (p. 105). Ele retruca dizendo que Estela deveria ter medo de Deus, mas ela discorda: “Não acho. Pra mim, a vida é maior que Ele.” (p. 105) O seu medo de Deus não se sustenta por muito tempo, apesar do sentimento de culpa que frequentemente a rondava. O fato de Estela pensar muito é visto de forma negativa por Isaías, porque Deus não poderia ser questionado. Nesse sentido, pensar era uma forma de ir contra Deus, e uma fala de Augusto sustenta essa ideia, pois ele diz “[...] acho que Deus não gosta de perguntas” (p. 96) Ademais, o fato de Estela crer que a vida é maior que Deus também se relaciona com a filosofia umbandista porque, como já visto, a felicidade terrena é a forma de realização do homem, e não o seu pós-vida.

Ainda voltando para a conclusão a que Estela chega ao final da história, de que Deus é mulher, é interessante pensar que essa ideia é uma síntese do que é apresentado no decorrer da narrativa. Ao início do romance, quando se lembra da avó, afirma ter desenvolvido a vontade de ser filósofa, por acreditar que Delfina também era. Porém, a matriarca não é apresentada como alguém que teve acesso a estudos formais, mas sim como aquela que tinha conhecimento devido ao seu tempo de vida e à espiritualidade. No fim das contas, Estela acaba narrando sua história de maneira *filosófica*, agregando para si o conhecimento de mulheres que ela considerava sábias, e desenvolvendo um pensamento que tem como síntese a ideia de que Deus é mulher, pois aquelas que a rodeavam tiveram de fazer milagres pela própria existência. A própria narrativa da protagonista é, então, o desenvolvimento de uma teoria, que não passa pelo método eurocêntrico de “produzir” conhecimento. Embora ao fim da história não saibamos ao certo se ela pôde ter acesso aos estudos novamente, isso não era necessário para que ela se

tornasse filósofa, ainda que fosse um modo de sair do ciclo a que fora condicionada. Ter uma maneira própria de pensar já era uma forma de criar a própria subjetividade frente às opressões e à sua realidade limitada.

Considerando essa filosofia que guia a narrativa e as ações de Estela, faz sentido pensar a noção de filosofia a partir da umbanda, e de uma cultura que, embora silenciada pela colonização, ainda resiste. Estela é “sem Deus” porque esse é seu modo de, ao menos em algum nível, existir para além do que a sociedade em que vive lhe empurra. Em dado momento, ela deixa claro que não gosta de destinos, porque “destinos únicos são sempre violentos” (p. 75). Ou seja, ela queria ter algum poder de escolha sobre si, e percebe que uma vida de devota ao cristianismo não lhe traria essa liberdade. Ao pensar dessa forma, Estela enxerga a vida a partir de uma filosofia não convencional, que não corresponde ao que é determinado como cultura pelo modelo ocidental. Esses fundamentos não estão necessariamente em livros, mas são transmitidos pela oralidade.

Historicamente, quando os negros escravizados foram trazidos do continente africano, houve uma tentativa de apagamento da cultura negra no Brasil. Já discutimos que os artefatos desses povos foram destruídos, e sua cultura sobreviveu a partir dos ritos, além da oralidade. Abdias Nascimento (1978) disserta sobre como as religiões de matriz africanas resistem: “a assimilação cultural é tão efetiva que a herança da cultura africana existe em estado de permanente confrontação com o sistema dominante, concebido precisamente para negar suas fundações e fundamentos, destruir ou degradar suas estruturas.” (p. 94) O sistema dominante do Brasil, em questão religiosa, se formou a partir do catolicismo, trazido pelos europeus. Ainda hoje, as religiões cristãs católicas e evangélicas assumem papel de preponderância sobre outras religiões e há um discurso que invalida principalmente as religiosidades indígenas e de matriz africana. Em razão disso, essas práticas religiosas são uma resistência ao sistema. Estela, ao seguir os ideais da umbanda, está não somente preservando uma cultura cujas tradições lhe foram transmitidas, mas também enfrentando uma imposição sistêmica.

Esse sistema dominante, além de tudo, age de modo a descredibilizar todo o conhecimento desses povos. Sueli Carneiro (2005) traz o conceito de epistemicídio, cunhado por Boaventura Sousa Santos, do qual se entende como:

[...] processo de destituição da racionalidade, da cultura e civilização do Outro. É o conceito de epistemicídio que decorre, na abordagem deste autor sobre o modus operandi do empreendimento colonial, da visão civilizatória que o informou, e que alcançará a sua formulação plena no racismo do século XIX. (Carneiro, 2005, p. 96)

Desse modo, o conhecimento só é verdadeiramente aceito e credibilizado se dentro de uma estrutura que segue os moldes da epistemologia ocidental. Essa é uma das formas de apagamento de uma cultura, o que complementa a ideia de Abdias Nascimento, já que não foi somente no período colonial que a cultura negra foi sendo relegada ao esquecimento. Os conhecimentos que resistem e os que continuam sendo produzidos pelo povo negro seguem ficando à margem do conhecimento hegemônico. Um exemplo disso é que teóricas negras relatam um frequente rebaixamento da intelectualidade que produzem, são acusadas de serem “subjetivas demais”, de utilizarem as próprias experiências como parâmetro. É o que Grada Kilomba traz no segundo capítulo de *Memórias da plantação* (2019), onde ela relata que frequentemente recebe comentários afirmando que sua pesquisa sobre o racismo cotidiano não é muito científica, falas frequentemente direcionadas a pessoas negras que tratam sobre racismo ou temas similares.

Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. (Kilomba, 2019, pp. 51-52)

Logo, o fato de essas temáticas serem consideradas não-científicas é uma questão de poder, que coloca o conhecimento produzido por pessoas negras como inferior. Daí, reflete-se sobre o motivo de a experiência não poder ser uma forma de conhecimento, e somente a racionalidade ocidental, com seus métodos objetivos, ser modelo de ciência. Sobre isso, Walter Dignolo (2008) traz a noção de desobediência epistêmica, isto é, modos de enfrentar uma imposição epistêmica, trazendo outras formas de produzir conhecimento. Para ele, o eurocentrismo se coloca em oposição a outras vertentes, e por isso “as línguas e as religiões, conhecimentos e regiões do planeta são racializados.” (p. 293), o que coloca esses povos que não vivem conforme o modelo de civilidade europeu como inferiores. A concepção de filosofia também segue essa lógica.

Desta forma, se no mundo moderno/colonial, a filosofia fez parte da formação e da transformação da história europeia desde o Renascimento europeu por sua população indígena descrita como os cristãos ocidentais, tal conceito de filosofia (e teologia) foi a arma que mutilou e silenciou raciocínios similares da África e da população indígena do Novo Mundo. Por filosofia aqui eu entendo não apenas a formação disciplinar e normativa de uma dada prática, mas a cosmologia que a realça. O que os pensadores gregos chamaram de filosofia (amor à sabedoria) e os pensadores aymara, de tlamachilia (pensar bem) são expressões locais e particulares de uma tendência comum e uma energia em seres humanos. O fato de que a “filosofia” se tornou global não significa que também é “uni-versal.” Simplesmente significa que o conceito grego de filosofia foi assimilado pela intelligentsia ligada à expansão

imperial/colonial, aos fundamentos do capitalismo e da modernidade ocidental. (Mignolo, 2008, p. 298)

O conceito de filosofia trazido pelo autor diz respeito não somente a uma forma de pensar. O dicionário descreve o significado de filosofia como “estudo que visa ampliar incessantemente a compreensão da realidade” (Ferreira, 2010, p. 350). Mignolo vai além desse conceito ao abordar como a sociedade ocidental desenvolveu uma ideia de filosofia que está ligada diretamente a grupos hegemônicos e a uma elevação do pensamento ocidental em oposição a culturas consideradas inferiores. Se paramos para analisar, os pensadores estudados em espaços de ensino são brancos e, em sua grande maioria, europeus. Cuti (2010) também disserta sobre como a produção de conhecimento no Brasil sofre influência direta de uma concepção europeia, e mais que isso: apoia-se no racismo para existir.

A antropologia brasileira nasce no Brasil sob o signo do racismo. A sociologia segue os mesmos passos, a literatura e a história também. A formação discursiva dominante, com todas as ranhuras e fraturas que sofrerá, chegará, nesse quesito, até o século XXI, ainda com poder de convencimento. (Cuti, 2010, p. 18)

O racismo também se entranha nas ciências, ditando minuciosamente o que é o conhecimento “verdadeiro”, e desprezando outros modos de aprender e de produzir o saber. Até mesmo a literatura, na qual se pensa como um espaço de resistência, ainda é uma maneira de perpetuar a escrita de pessoas brancas, que é considerada mais erudita, “alta cultura”. A própria literatura negra é sempre colocada como um contraponto, de modo que seja reduzida. Autores negros, em grande parte, ainda são publicados por editoras com menor alcance e influência. Desse modo, os holofotes das ciências e das artes não são compartilhados com pensadores negros, principalmente aqueles que escolhem métodos não convencionais de produzir. Como visto no capítulo 2 deste trabalho, em *Estela sem Deus*, Augusto afirma nunca ter visto uma filósofa preta. Elas existem, mas não são aclamadas, suas ideias dificilmente encontram lugar porque o eurocentrismo busca desacreditizar epistemologias produzidas por pessoas negras. Sueli Carneiro (2005) reflete sobre como a própria escola é um espaço de dominação.

Enquanto a escola oferece múltiplas formas de subordinação, assujeitamento e negação, é da força da auto-estima, do reconhecimento da própria capacidade de autonomia, dos exemplos no interior das famílias e dos raros profissionais negros com quem conviveram na infância, adolescência e juventude, bem como da conquista da memória coletiva – são desses elementos que se extrai a seiva da resistência. (Carneiro, 2005, p. 278)

Para subverter essa imposição e apagamento de conhecimentos, é necessário que existam influências externas à escola, o que muitas vezes não acontece, resultando em uma

formação alienada, sem o ensejo de uma mudança no campo social. A personagem Estela, como visto, tem dentro de sua família a figura importantíssima de sua avó, que transmite um conhecimento diverso do que ela aprenderia na escola. Irene também é uma influência indireta nesse processo, já que nunca impôs outras crenças, nem impediu que Delfina levasse os netos ao terreiro. Esse fato forma uma base para Estela, na medida em que toda a sua narrativa é feita a partir de uma visão particular e reflexiva sobre o que lhe aconteceu. É importante perceber a diferença entre a religião cristã-evangélica e a umbanda na vida de Estela: a primeira existe como imposição, e tem relação com sua natureza colonizatória, que historicamente foi introduzida para a população brasileira forçadamente; já a religião de matriz africana nunca se instituiu como um modo de colonizar um povo, e sim como uma forma de se reencontrar com a própria ancestralidade. É assim que ambas as religiões se mostram na vida da protagonista.

Estela é uma narradora autodiegética, e sua atitude narrativa conduz o olhar do leitor para enxergar os fatos a partir das lentes de uma narradora que já não é a mesma que os viveu, mas que os vê com certo distanciamento, por isso há o exercício da memória. Segundo descreve o Dicionário de teoria narrativa (1988), esse tipo de narrador é:

[...] modalidade simultânea em que o sujeito da enunciação coincide com o do enunciado. Muitas vezes, porém, não é isso que ocorre; o narrador autodiegético aparece então como entidade colocada num tempo ulterior em relação à história que relata, entendida como conjunto de eventos concluídos e inteiramente conhecidos. Sobrevém então uma distância temporal mais ou menos alargada entre o passado da história e o presente da narração; dessa distância temporal decorrem outras: ética, afetiva, moral, ideológica etc., pois que o sujeito que no presente recorda já não é o mesmo que viveu os fatos relatados. A fratura entre o eu da história e o eu da narração [...] pode ser mais ou menos profunda [...]. (p. 119)

Em *Estela sem Deus*, apesar de não ser possível saber com exatidão qual a diferença temporal entre os fatos narrados e o “presente” em que a narradora os expõe, sabe-se que todos os acontecimentos ocorrem num período anterior à narração. No último parágrafo do romance, há o seguinte trecho: “Pensei que, se um dia eu voltasse a Porto Alegre, poderia dizer isso tudo à minha mãe.” (p. 151) Nele, há a indicação de uma possibilidade de a narradora retornar à sua cidade, Porto Alegre, e retomar algum contato com a mãe, mas sem uma confirmação de que isso aconteceu, ou sequer do que pode ter ocorrido posteriormente ao período narrado. Logo, pode-se pensar, então, que não há uma distância temporal longa, mas, considerando que decorrem cerca de dois anos entre o início e o fim da narrativa, já que inicia quando ela tem 13 anos e termina quando tem 15, já existe uma mudança de mentalidade e de percepção nesse meio tempo. A Estela que narra não é a que está entrando na adolescência, e sim a que já viveu

uma série de fatos que lhe causaram mudanças significativas e, como já visto, uma adultização precoce.

Já é sabido que a narradora inicia seu relato falando da mãe e da avó, e apesar da diferença de personalidade entre elas, ambas são fundamentais para formar a complexidade da personagem (e da narradora) Estela. O primeiro capítulo mostra uma Estela de 13 anos que ainda não sabia muito bem lidar com as situações que lhe incomodavam. No episódio em que ela menstrua e sua mãe age com rispidez, ela não reage às falas de Irene, apenas se entristece e vai para o seu quarto. Entre reflexões da narradora e da personagem, há o seguinte trecho: “Só algum tempo mais tarde é que fui compreender Melissa, ao me dizer que ser mulher era uma espécie de condenação.” (p. 23) Essa menção à Melissa ocorre muito antes da personagem de fato entrar na história, o que mostra uma compreensão posterior, da Estela narradora, sobre o fardo de ser mulher. Ela chega a essa conclusão por sua convivência com Melissa, que apesar de ser apenas dois anos mais velha que Estela, tinha muito conhecimento, era como uma mãe para Estela, como já mencionado no capítulo 2.

Quando Estela conta a Melissa sobre o que ocorreu em Viamão, e insinua que aquilo só tinha acontecido porque não andavam na companhia de Deus, a amiga responde que “Deus não tem nada a ver com isso, ela disse, mas Ele devia ter ajudado vocês.” (p. 142) Essa fala tem relação com a ideia de que Deus é omissor, fato já percebido por Estela quando sua reza, no dia da invasão à sua casa, não teve retorno, além das inúmeras situações em que ela esteve desamparada. Melissa complementa seu pensamento: “Deus precisa ser educado por nós, Estela. Às vezes, tenho a impressão de que Deus não é profundo. Acho que foi por isso que ele ensinou Jesus a caminhar sobre as águas. Deus não sabe mergulhar.” (p. 142-143) A noção de que Deus precisa ser educado é mais uma confrontação à onipotência que essa divindade possui dentro das religiões católica e evangélica, além de retornar, novamente, à fala de Delfina sobre as divindades (os orixás) precisarem ser salvos. É possível que Melissa insinue que Deus não é profundo porque ele é distante das dores mundanas, e também por não compreender os sofrimentos das mulheres. Em outra situação, quando Estela conversa com Jurema e percebe que ela foi violentada pelo marido, a madrinha justifica sua dor com a fala do pastor, que ela ouvira na igreja, sobre os homens serem violentos por natureza. Porém, em seguida, ela reflete sobre Deus: “Às vezes, Ele se esquece de nós, mulheres. É por isso que vou à igreja: para lembrá-lo de que existimos.” (p. 149) A sua linha de pensamento, de certo modo, também sugere que Deus precisa ser educado, e confirma a ideia de que esse Deus negligencia as mulheres.

É a partir desse pensamento que Estela guia sua narrativa. Em muitos momentos, nas reflexões que se desenvolvem no decorrer dos fatos, confundem-se as conclusões da narradora e da personagem, o que possivelmente não possa ser separado, porque “As recordações estão entre as coisas menos confiáveis que um ser humano possui. As respectivas emoções e os motivos de agora são guardiães do recordar e do esquecer.” (Assmann, 2011, p. 71) Quer dizer, o que guia a narrativa é a mentalidade da narradora, no momento em que relata, e suas recordações não são confiáveis senão a partir da atribuição de sentido que ela dá a essas memórias.

Algum tempo depois, quando Estela completa 15 anos e volta a estudar, começa a, de fato, se afastar da Igreja. Jurema questiona o motivo de ela não estar mais frequentando a igreja e afirma que “Deus não gosta de ovelhas desgarradas.” (p. 140). Estela esclarece que “tive vontade de dizer que eu não era uma ovelha e que já não me importava com o que Deus gostava. Mas eu ainda não estava preparada para dizer essas coisas.” (p. 140) Ela reconhece que, embora estivesse criando coragem para se desprender das imposições, ainda não conseguia fazê-lo totalmente, principalmente porque Jurema era uma figura de autoridade para ela, e sentia que deveria manter a placidez, também por respeito à sua mãe que a instruiu para obedecer a madrinha. Porém, a primeira vez que Estela realmente se impõe é ao terminar o namoro com Isaías. Após ele lhe direcionar desaforos, ela relata: “escutei tudo o que ele disse e depois o chamei de imbecil e que não tinha dado o rabo porque ele não sabia fazer nada com aquele membro pequeno dele. Terminei dizendo que nunca mais me veria na vida. Então, virei as costas e fui embora.” (p. 141) Daí em diante, Estela começa a tomar atitudes mais drásticas sobre as situações que lhe aconteciam, como a quebra de relações com o pai ausente, o aborto e, ao fim, o ato de abandonar Francisco, que é um modo de abandonar toda a vida que ela tinha. “O abandono era a única forma de me proteger” (p. 180), é o que ela declara, e retoma o título do primeiro capítulo, “A proteção do abandono”. Nesse início, abandonar os locais onde morou e, por fim, o Rio Grande do Sul, também eram formas de se proteger, mas foram abandonos sobre os quais ela não teve escolha. Nesse último momento, ela pode escolher o abandono para se proteger de uma vida que ela não queria. Pode-se pensar, com essa trajetória e desenvolvimento da personagem, que ela pôde encontrar um modo de não se sujeitar, ainda que de formas dolorosas e a partir de decisões difíceis.

Nesse processo de não mais se sujeitar, há um momento importante que marca uma das tomadas de consciência de Estela. Após a última chamada telefônica que faz com o pai, na qual ela pede para que ele não entre mais em contato, Estela pede emprestado de Julieta o livro *Perto*

do coração selvagem, de Clarice Lispector. A escolha dessa obra na narrativa não é à toa, uma vez que a protagonista do romance de Clarice, Joana, tem uma personalidade muito peculiar: é questionadora e inquieta, considerada diferente e de difícil compreensão. Ela fica órfã e passa a morar com os tios – o que já pode ser comparado à trajetória de Estela porque, apesar de não ter ficado órfã, precisa morar na casa de Jurema e de Padilha, onde se sente uma estrangeira.

Os tios de Joana, na narrativa de Clarice, não sabem lidar com a menina e, em determinado momento, a tia se refere a ela como “um bicho estranho, Alberto, sem amigos e sem Deus” (Lispector, 1998, p. 51) Mesmo de modo distinto, Estela também é essa “estranha” no mundo, tanto que não consegue se adequar, mesmo tentando. Como já abordado, quando Jurema descobre que Estela estava beijando Isaías atrás da igreja, ela afirma que o diabo estava tomando conta do corpo da menina. Mesmo tentando, Estela não consegue ser devota, logo, ela e Joana são, cada uma a seu modo, “sem Deus”. Ainda que, no caso de Estela, ser “sem Deus” signifique algo muito além de ser demoníaca, como interpreta a madrinha. Ser “sem Deus” é, acima de tudo, desviar-se de uma imposição de um Deus único, onipotente e masculino; um Deus que castiga caso não façam o que ele deseja. Ao início da narrativa, Estela é *sem Deus* porque não estava imersa no mundo da religião, mesmo tendo sido levada ao terreiro, não tinha qualquer crença definida, e isso não era um problema para si.

Ao final, essa perspectiva já muda, tendo em vista que ela já teve contato com a religião evangélica e retomou o contato com a umbanda. Estela não abandona, pois, a crença em Deus; ela apenas passa a enxergá-lo de maneira diferente, de modo que faz sentido para ela, e que não retira de si a sua individualidade. Além disso, ser “sem Deus” diz respeito ao fato de Estela ter uma mente que não pode ser controlada ou condicionada a um destino único. Deus também representa, nesse sentido, uma cultura branca que busca atribuir funções e lugares restritos a pessoas negras e suas respectivas culturas, sendo o de mulheres negras ainda mais sufocante. Por isso, o fato de Estela ser “sem Deus” é uma forma de firmar, já no título da obra, a sua insubmissão, uma vez que a protagonista inicia seu relato já deixando claro que não havia problema, em sua vida, a falta de Deus. É quando ela abandona essa crença que consegue voltar a si e começar a ser dona de sua própria mente.

O fato de Estela ser “sem Deus” não quer dizer que ela não acredite na divindade, pois o que fica subentendido ao final da obra é que ela crê, mas de modo distinto da concepção do catolicismo e do neopentecostalismo; na verdade, essa denominação dada a Estela no título do romance diz respeito à sua própria liberdade de pensamento construída ao longo da narrativa: é o desenvolvimento de uma filósofa, que não poderia expandir sua intelectualidade sem viver

liberta da ideia de Deus. Essa afirmação encontra fundamento quando estabelecemos relação com uma fala de Melissa que, quando questionada por Estela sobre o que é preciso para fazer um poema, responde que é necessário “tristeza e ateísmo” (p. 126), e depois explica que “algo me diz que acreditar muito em Deus não é bom para quem quer fazer poemas.” (p. 126) Quer dizer, um poema exige subjetividade, liberdade de escrita e algum tipo de transgressão, de sair dos limites da banalidade, das convenções sociais e de pensamento. Por isso, escrever poemas, na visão de Melissa, exige esse afastamento de Deus, já que somente assim é possível expandir o pensamento. Dessa forma, Estela encontraria um modo de pensar por si própria, de não ser controlada.

Entretanto, Melissa confessa que acredita em Deus, e que ele já escrevera poemas. “Saulo disse que somos os poemas que deram errado. Somos a rasura, o rascunho e também o remorso de Deus” (p. 126) Essa ideia difere do que diz a Bíblia Sagrada, na qual os seres humanos são descritos como as criações positivas de Deus: “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.” (Bíblia, Efésios 2:10, 1993) Diferente do que se entende desse trecho, em que Deus teria criado as pessoas com bons propósitos, fala de Melissa implica na concepção de que Deus cometeu erros, pois nós, pessoas, somos as suas criações que não vingaram. Desse modo, essa já é uma forma distinta de enxergar a divindade que é, na visão cristã, a perfeição. Por isso, mesmo que Melissa afirme acreditar em Deus, e Estela também demonstre sua crença, existem visões próprias de cada uma acerca dessa divindade, elas encontram liberdade na construção da imagem desse Deus, o que não necessariamente significa a ausência de crença, mas a possibilidade de crer no que faz sentido para cada uma.

Bell hooks, na obra *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, disserta, em muitos momentos, sobre a possibilidade de o oprimido passar de objeto a sujeito. Enquanto objetos, não possuem voz e têm sua realidade definida por outros, especialmente pelo opressor. No entanto, enquanto sujeitos, “as pessoas têm o direito de definir sua própria realidade, estabelecer suas próprias identidades, nomear sua história.” (hooks, 2019, p. 100) Desse modo, Estela consegue, aos poucos, sair da sua condição de objeto para se tornar sujeito, ao contar sua própria história, ter suas próprias opiniões e poder almejar uma realidade em que ela não fosse subjugada. É desse modo que ela começa a construir sua identidade, tendo como base as mulheres que passaram por sua vida e os ensinamentos que puderam lhe deixar, ainda que indiretamente, sobre uma existência com dignidade e autenticidade. Seu futuro, ao fim da obra,

é incerto, mas a sua trajetória deixa alguma esperança de que mulheres negras possam transgredir a imagem rebaixada que a elas é dada.

Ainda pensando na questão narrativa, a narradora Estela tem o perfil de “narrador descentrado”, conceito dado por Jaime Ginzburg para definir uma tendência na contemporaneidade de existirem personagens que estão distantes do centro.

O centro, nesse caso, é entendido como um conjunto de campos dominantes na história social – a política conservadora, a cultura patriarcal, o autoritarismo de Estado, a repressão continuada, a defesa de ideologias voltadas para o machismo, o racismo, a pureza étnica, a heteronormatividade, a desigualdade econômica, entre outros. O descentramento seria compreendido como um conjunto de forças voltadas contra a exclusão social, política e econômica. (Ginzburg, 2012, p. 201)

Enquanto uma personagem negra que, em meio a violências e marginalização social, busca resistir e contar a sua trajetória em primeira pessoa, há uma clara afronta ao que tradicionalmente se encontra no centro, como canônico: até pouco tempo atrás, os personagens eram em sua maioria homens, brancos e heterossexuais, sem falar nos autores que ocupavam esse espaço canônico – e que ainda são maioria. Sendo assim, a narradora de *Estela sem Deus* ocupa um espaço distinto desse centro, e sua realidade de subalterna é contada a partir de um olhar mais profundo e complexo. Estela é uma narradora descentrada também porque enfrenta ideias eurocêtricas, ao questionar o poder e a bondade do Deus cristão, colocando as mulheres, com seus fardos de segurarem o mundo nas costas, como divindades, as quais precisam educar Deus. Assim, há uma narradora-personagem que, pertencente às margens, protagoniza a obra e fala sobre si enquanto sujeito.

3.3 Identidade, corpo e mente

Para iniciar este tópico, retomamos uma fala de Estela, dita no contexto em que Irene volta da Itália. Apesar do que a mãe passa nessa viagem – que não fica explícito, mas entende-se que fora descartada por Rino –, ainda assim ela aparenta não ter adquirido consciência sobre a sua condição de objeto nesta relação. Como já visto no capítulo 1, na Itália, Irene era a atração, por conta da sua cor. Ela comenta: “Rino nem se incomodava com nada; pelo contrário, gostava de me exhibir para todo mundo.” (p. 157) Em seguida, ela fala a Estela que ela, com seu “corpão”, também faria sucesso na Itália. Estela narra que: “Eu não respondi nada. Por algum motivo eu não gostei daquilo. Eu tinha pouca idade, mas já sabia que não queria ser apenas um corpo. Eu queria ser filósofa.” (p. 157) É interessante nos atentarmos a essa fala da narradora, porque,

pensando na sua trajetória, ela foi quase sempre reduzida a um corpo, seja por aqueles que potencialmente exerceriam poder sobre ela – os homens (brancos ou negros) – como também por mulheres, inclusive mulheres negras. Há a tendência de se enxergar pessoas negras como corpos que não possuem capacidade de pensar, de ser, tanto quanto os brancos. É mais simples, para a branquitude, enxergá-los como o outro que não possui intelectualidade, que não alcançam esse ideal de racionalidade que a cultura europeia instituiu como modelo ao mundo.

Frantz Fanon, em sua obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008), aborda justamente essa questão ao evidenciar que, perante as pessoas brancas, os negros são aqueles que prezam pela sensibilidade em detrimento da racionalidade. Devido a isso, é como se as culturas dos negros estivessem sempre um passo atrás da cultura do branco, já que os negros são enxergados, conforme Fanon, como “a infância do mundo”, sempre infantilizados por não conseguirem, supostamente, alcançar um ideal de intelectualidade. “Assim, a meu irracional, opunham o racional. A meu racional, o “verdadeiro racional”. Eu sempre recomeçava um jogo previamente perdido.” (Fanon, 2008, p. 120) Essa forma de pensar, então, é sempre colocada como inferior, é descredibilizada, por não seguir os moldes de uma racionalidade que descarta tudo que é subjetivo. Sendo assim, na cultura branca/ocidental, a separação entre corpo e mente é muito clara, e as pessoas negras são vistas como aquelas que se reduzem a um corpo, por estarem sempre mais próximas do que é considerado primitivo, animal. “Sim, nós (os pretos) somos atrasados, simplórios, livres nas nossas manifestações. É que, para nós, o corpo não se opõe àquilo que vocês chamam de espírito. Nós estamos no mundo.” (Fanon, 2008, p. 116) Os adjetivos “atrasados, simplórios” referem-se às denominações dadas pela cultura ocidental àqueles que são considerados inferiores em sua cultura e em seu modo de existir no mundo. Fanon, ao sugerir que corpo e espírito não se diferenciam, critica essa dualidade entre o material e o imaterial, deixando claro que somos formados pelo conjunto, e pensar na existência humana a partir de somente uma dessas instâncias (corpo/materialidade ou mente/espírito) é reducionista. Essa ideia se relaciona com o que vimos anteriormente neste capítulo sobre a umbanda, cuja visão de mundo não separa categoricamente o mundo carnal e o espiritual, pois esta separação é uma concepção judaico-cristã, da cultura ocidental. Por isso, Estela estava tanto diante de uma visão reducionista sobre ela no que diz respeito à sua condição social de mulher negra, como também por um viés ocidental de enxergar a existência a partir da separação entre corpo/matéria e mente/espírito.

Sandra Goulart Almeida (2012) também tece considerações sobre esse tema:

Desmantelada através dessa crítica ao corpo político está a antiga lógica cartesiana que estabelece a oposição entre a mente e o corpo, ou sua versão

mais famosa, entre a cultura e a natureza. Essa dicotomia tendenciosa, na qual valores positivos de racionalidade são atribuídos à mente/cultura e os negativos relegados ao corpo/natureza, acaba por ser concebida em termos de gênero na medida em que os termos desvalorizados desse sistema dualístico, isto é, o corpo e a natureza, tornam-se associados ao feminino. (Almeida, 2012, p. 94)

Seguindo a mesma lógica da ideia de Frantz Fanon, Sandra Almeida expande a aplicação dessa dicotomia, afirmando que a instância corpo/natureza, que possui conotação negativa, tem associação com o feminino. Logo, se Frantz Fanon demonstra que na relação de raça, o negro é enxergado como um corpo apenas, distanciando-se da racionalidade convencional, Sandra Almeida aponta que, em uma relação de gênero, o feminino é quem fica deste lado da balança. Essas denominações, atribuídas a grupos oprimidos, são um modo de exercer poder e manter a hegemonia de determinados grupos, como dos brancos, e dos homens. Desse modo, as mulheres negras ocupam um lugar totalmente desprestigiado nessa dualidade, já que são sempre o Outro. Quando Estela afirma não querer ser apenas um corpo, entende-se que ela não queria existir a partir dessa condição limitada de objeto, à qual mulheres negras são frequentemente relegadas. Queria também poder ser mente, ter autonomia, desenvolver o seu interior e ser vista a partir dele.

Há uma situação que ocorre, quando Estela ainda está morando na casa de Conceição. A adolescente se sentia atraída por Vitor, o filho de Conceição, e certo dia ele a convida para jogar vídeo game. No início, ele diz para Estela apenas observá-lo jogando e aprender, e a narradora afirma que “Achei aquilo um jeito besta de falar, mas deixei ele pensar que era esperto” (p. 62). Por Estela ser uma menina, Vitor a enxerga como alguém que possui mais dificuldades de aprender algo simples. Em dado momento, ele faz um comentário sobre querer ser jogador de futebol e alega que a escola não servia para nada. Estela, mesmo concordando num primeiro momento, para não o desagradar, em seguida revela seu desejo de ser filósofa. Vitor pergunta a ela o que uma filósofa faz, e Estela responde que, certa vez, lera em um livro didático que os filósofos são pessoas que pensam na vida. “Vitor achou aquilo besta e perguntou se isso dava dinheiro. Eu disse que não sabia.” (p. 63) A preocupação de Vitinho era se aquela tal profissão teria retorno financeiro, sem demonstrar qualquer interesse pelo desejo de Estela, já que, pelo seu discurso, os estudos não lhe interessavam.

Em seguida, voltam a jogar, e a narradora relata ter conseguido aprender o jogo, vencendo todas as corridas, “[...] e o Vitor se irritou um pouco com aquilo. Ele não disse nada; apenas ficou quieto. Então, eu falei que ia começar a fazer o almoço para minha mãe e o Augusto porque iam chegar com fome. Ele disse tudo bem. Quando eu saí, ele fechou a porta

do quarto.” (p. 63) Quando Vitor percebeu que Estela não era uma menina boba, passiva, rapidamente perde o interesse nela. Aparentemente, seu ato de tê-la chamado para jogar vídeo game, e ter ficado os dois a sós no quarto de Conceição, não era à toa, uma vez que ele era um adolescente um pouco mais velho que ela, e teve interesse em se aproximar. No entanto, achou que Estela seria ruim no jogo (como se espera das mulheres), e que não discordaria dele. O que acontece é que Estela já construía uma mentalidade particular, sabia perceber as situações e sabia o que queria para si, embora não entendesse de tudo. Aqui, então, quando Estela mostra que não é apenas um corpo, ela deixa de ser útil para a dinâmica de poder do patriarcado que Vitor, embora um adolescente, já aprendia a reproduzir. Nesse caso, além de muitos outros que se desenvolvem na narrativa, Estela é ignorada enquanto ser pensante e enquanto pessoa que possui sonhos, expectativas, que cruzam os limites da sua realidade.

No entanto, embora Estela não queira ser apenas um corpo, ela utiliza essa materialidade como forma de justamente quebrar o ciclo de violências em que ela está inserida. É a partir da própria corporeidade que ela cria resistência e desenvolve sua subjetividade, ainda que a própria existência já fosse dolorosa. Todavia, é a partir da dor que essa fortaleza nasce, e essa é uma das heranças de Irene, como já observado no capítulo 2. O desenvolvimento da narrativa vai construindo essa corporeidade de Estela, que é uma adolescente. A sua vida, de uma forma geral, passa por mudanças, a todo momento, e considerando a sua entrada na adolescência, o seu corpo também se modifica de forma rápida. A puberdade é uma fase da vida em que o corpo infantil está transicionando para um corpo adulto, e nesse processo, há uma série de estresses e mudanças emocionais que desestabilizam o adolescente, e no caso das meninas, há a menstruação, as dores, e a obrigatoriedade de performar um comportamento educado ao mundo. É interessante perceber como a primeira menstruação de Estela acontece logo em seguida à morte de seu padrasto, e ao mesmo tempo que recebem a ordem de despejo e precisam se mudar – para, logo em seguida, ter toda a sua vida modificada. Esse primeiro capítulo do livro, intitulado “A proteção do abandono”, trata sobre a série de perdas que a protagonista sofre ao longo desse período de sua vida. Inicia-se já com o luto sobre a morte de sua avó, em seguida, a morte de Fernando, a ordem de despejo, em que há a perda de um lugar, de uma vida que não será mais a mesma. A menstruação, nesse contexto, é também um tipo de morte, tanto porque perde-se a infância, um tempo que não pode mais ser reconstituído, como também porque biologicamente ela representa o fim de um ciclo, no qual há a “morte” do endométrio e, ao mesmo tempo, a renovação para outro ciclo que se inicia. Ela marca uma “não-gravidez”, a ausência de uma nova vida que o corpo se preparava para receber. Entende-se esta morte não

necessariamente como algo negativo, mas como uma relação metafórica com a transição pela qual a protagonista passava.

Ainda neste primeiro capítulo, há o episódio da invasão à casa em que moravam em Viamão, em que novamente há um tipo de morte, porque nem Estela, nem Irene, nem Augusto seriam os mesmos após esse acontecimento tão brutal. Mais uma vez, há a mudança de moradia, com o abandono dos estudos. A carta de Irene a Jurema, na qual relata seu desejo de retirar a própria vida e a dos filhos para não mais existir no mundo, é também um abandono de si mesma e da vontade de permanecer viva. Por fim, este primeiro capítulo finaliza com o momento em que Estela e Augusto vão ao Rio de Janeiro, que é mais um tipo de despedida, dessa vez mais visceral porque há uma mudança brusca para um outro estado, e além disso, os dois estariam longe da mãe, que era uma espécie de lar, de garantia de segurança. A verdade é que já não havia garantias, e precisariam conviver com essa nova realidade.

O segundo e o terceiro capítulos do livro, intitulados “A margem esquerda do coração” e “A margem direita” têm relação com um relato que Estela faz de uma fala de um professor de biologia.

Lembrei-me de um dia em que o professor de biologia nos explicou sobre o funcionamento do coração. Disse que na medicina os médicos costumam estudá-lo por partes. Depois, nos mostrou um mapa do coração humano e eu achei aquilo fascinante. Em seguida, apontou para uma parte do mapa e disse que aquela era a margem esquerda do coração, responsável por bombear sangue para o corpo. Não recorro se era bem isso, lembro-me apenas do professor de biologia dizendo que a margem esquerda era três vezes mais forte que a direita. Isso nunca me saiu da cabeça. Às vezes, penso que algumas pessoas devem ter nascido com duas margens esquerdas para poder dar conta da vida. (p. 112)

O capítulo “A margem esquerda do coração” inicia quando Estela chega ao Rio de Janeiro, onde tudo se tornaria extremamente desafiador. Ela inicia afirmando que “Quando cheguei ao Rio, eu tinha catorze anos, mas me sentia muito mais velha.” (p. 75), tanto por se sentir responsável pelo irmão mais novo, quanto por já ter vivido uma série de situações que a obrigaram a amadurecer precocemente. Dali em diante, no entanto, seria necessário abandonar parte de si para tentar se adequar e evitar que mais problemas aparecessem, por isso Estela aceita Jesus e o namoro com Isaías. Na sua visão, quanto mais ela se esforçasse para não incomodar, mais próxima estaria de melhorar sua vida e a da sua família, embora, no fim das contas, não fosse da maneira como ela pensava. O momento da narrativa no qual ela se lembra da fala do professor é quando vai ter a conversa com o pastor Everaldo, no qual ela revela que gostaria de não prestar atenção, fingir não estar ali, como fazia em algumas aulas do colégio. Reflete, em seguida: “Na verdade, eu nunca tive um lugar para ir.” (p. 111) A sua fala mostra

a falta de perspectivas e de opções, pois não tinha como fugir da sua realidade, encontrar um outro lugar que fosse seu abrigo. Em outro momento, quando chega à casa de Jurema e descobre que teria de dormir no sofá, declara que “Eu nunca tive um teto todo meu” (p. 79), fala que faz referência à obra de Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, na qual a autora reflete sobre mulheres precisarem de um espaço só seu e de autonomia financeira para conseguirem escrever romances. A mesma ideia vale para Estela, que precisava se adaptar aos espaços nos quais habitava, sempre pequenos e compartilhados, sendo mais difícil exercer a sua vontade de ser filósofa. Essa adaptação também era interior, já que, como pudemos perceber, Estela procurava não incomodar, caber sem causar alarde. Sendo assim, só lhe restava como saída buscar um lugar metafórico dentro da própria mente para suprir parcialmente a sua necessidade de fugir. Para isso, utiliza a margem esquerda do coração, a mais forte, para permanecer forte diante dessa sensação de não pertencimento, de sufocamento da própria vida.

Já na última parte, intitulada “A margem direita”, é quando algumas situações começam a mudar na vida de Estela, o que acontece quando ela se aproxima de Melissa e volta a estudar. É a partir desse ponto que ela não faz mais um esforço tão grande para caber, para ser aceita: começa a, enfim, traçar seu próprio caminho, a partir de pequenas e grandes renúncias. A relação que se pode fazer entre esses acontecimentos e o título, “A margem direita”, é que, por ser esta a margem mais fraca, representa o momento em que Estela escolhe não mais sustentar o peso de levar a vida de uma forma que não lhe agradava. Percebe que não compensava sobrecarregar a margem esquerda do coração, já que suas ações não seriam capazes de salvar a si e à sua família. A única forma de tentar salvar ao menos a si mesma era buscando seu próprio caminho. Essa busca, como já visto, traz outros tipos de sofrimento. O abandono, nesse caso, difere daquele do início da narrativa, já que este ocorre contra a sua vontade. Era um abandono para se proteger do pior, era necessário para sua sobrevivência e a de sua família. Já essa fuga ao final ocorre de maneira ativa, por escolha própria. Nesse caso, abandonar não necessariamente teria relação com sua sobrevivência, mas sim com sua autonomia, para não ser engolida por um destino que lhe fora imposto. A margem mais fraca, aqui, não indica fraqueza, mas sim uma libertação, e é aí que mora a ideia implícita de que ser forte e suportar tudo não é sempre recompensador, e considerando a condição das mulheres negras, quase nunca o é. Por isso, esta metáfora das margens do coração nos leva a pensar em uma resistência tanto do corpo físico quanto mental-espiritual, uma vez que o coração, para além de um órgão do corpo humano, também é simbolicamente relacionado às emoções, à mente e ao espírito. “O coração é, de fato, o centro vital do ser humano, uma vez que responsável pela circulação do sangue.

Por isso, é ele tomado como símbolo – e não, certamente, como sede efetiva – das funções intelectuais.” (Chevalier, 2020, p. 336) Quer dizer, o coração ocupa o centro do corpo, por isso, simbolicamente é relacionado à força vital e ao intelecto, às decisões. É interessante chamar atenção para o fato de que, na narrativa, Estela se remete ao coração a partir de uma explicação científica que o professor deu em sala de aula, mas a simbologia que gira em torno dele é maior que esse simples significado. Portanto, não há um foco único na explicação racional e anatômica, mas sim na metáfora ligada à força emocional e mental, tão necessários para a protagonista na sua jornada de conhecimento e de autoconhecimento.

Ainda fazendo um paralelo deste último capítulo do livro com o primeiro, logo no início da narrativa, Estela menstrua, o que pode ser interpretado como uma transição, e também uma espécie de morte. Já ao final, Estela experiencia o aborto, que apesar de ter sido algo que ela desejava fazer, é como se uma parte sua tivesse morrido, já que, além da experiência de quase morte no hospital, ela teve de ver uma parte do feto que foi expelida de seu corpo apenas quando já estava na casa de Francisco. Enquanto a menstruação é uma morte por ser resultado de uma gravidez que não existiu, o aborto é também a morte de um filho que jamais nasceu. A narradora, ao saber que uma parte do feto ainda estava dentro de si, reflete:

[...] Pensei que o aborto era uma espécie de gravidez ao contrário. Gerada num mundo invisível e desmaiado. Eu teria um filho que faria aniversário todos os anos em minha memória. Um filho sem nome e feito de histórias inventadas. A gravidez não era apenas carregar um corpo dentro de si, mas criar um mundo para alguém. Minha mente ia longe, porque pensar era a única coisa que me salvava. (p. 176)

Mesmo que tenha sido decisão de Estela realizar o aborto, ainda assim é um luto, que inevitavelmente deixa marcas, e vai sempre existir como uma sombra. Nesse ponto, também se esclarece que um corpo nunca é somente um corpo, mas um mundo que o rodeia, e justamente por enxergar uma vida dessa maneira é que ela entende a sua repulsa em relação à maternidade, tendo em vista que não poderia lidar com a criação de uma nova vida. Mais uma vez, é o pensamento que lhe salva de uma tendência a se ver como um corpo apenas. Imaginar cenários possíveis, ainda que melancólicos, livrava a personagem de se definir a partir unicamente das violências que sofria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da protagonista, que inicia e termina com o corpo, é marcada por uma jornada de descobertas e de tristezas, sendo a melancolia causada pela frustração de Estela ao buscar alguma dignidade. Quanto mais a personagem reflete e procura compreender a vida, mais percebe que sua realidade não é simples e que as verdades não são confortáveis. Ao conhecer Melissa, então, há uma proximidade maior do conhecimento, mas com verdades incômodas: “o amor não existe, Estela”; “Deus não nos escreveu, não somos literatura”. Entretanto, embora esse saber lhe conduza à tristeza, a um endurecimento perante a vida, é uma forma dolorosa e necessária de libertação. A sua natureza observadora e profunda é um caminho para uma clareza sobre aquilo que não poderia ser aceito.

Nesse sentido, iniciamos este trabalho com o questionamento acerca de esta trajetória ter sido, ou não, afetada pelas violências de raça, gênero e classe que a personagem sofre. O primeiro capítulo deixa claro que o controle e a repressão estiveram presentes durante toda a narrativa de Estela. A maior parte das pessoas próximas à adolescente lhe direcionaram algum tipo de fala, ou mesmo atitude, que de algum modo lhe causam dor e reafirmam sua condição. Em relação aos personagens masculinos, quase todos foram violentos em algum momento, cada um à sua maneira: o pai e o padrasto ausentes e negligentes; o irmão Augusto, que mesmo antes de ser absorvido pela ideologia da igreja evangélica, já direcionava comentários racistas à irmã; o pastor Everaldo, que por detrás da máscara de bom moço, tinha discursos sexistas e racistas; Isaías, que xinga Estela após o término, mencionando uma fala de seu pai, Zaqueu; Francisco, que conduz Estela a uma relação de pedofilia e critica seu desejo de abortar; Padilha, que trata Estela como sua empregada e, certa vez, ela o flagra olhando para seus seios.

Um dos únicos personagens masculinos que não praticam nenhum tipo de hostilidade contra ela é o seu Rodrigues que, na verdade, faz a gentileza de servir um lanche a Estela, Irene e Augusto, em um episódio no qual os três vão a sua casa fazer limpeza. Outro gesto seu é abrigar Irene em sua casa quando ela está se tratando de sua doença, enquanto os filhos estão no Rio de Janeiro. Na ocasião da limpeza que fazem em sua casa, a narradora relata que a mãe revelara sobre seu Rodrigues, que ele era “viado” (p. 53). Pensando nesse personagem como homossexual, explica-se, então, a sua masculinidade destoante, que não é agressiva ou negligente, mas oferece algum tipo de cuidado. Este trabalho não tem foco em masculinidades, entretanto, perceber essas nuances na obra é interessante para a reflexão sobre o patriarcado, como os homens dificilmente transmitem segurança ou afeto na convivência com mulheres. Augusto, que inicialmente tem uma relação de cumplicidade com a irmã, apesar de seus

“acessos de babaquice”, vai se tornando cada vez mais hostil. A sua mudança brusca se dá pela sua transformação em pastor, mas é possível que mesmo sem a presença da Igreja em sua vida, ele viesse a ser alguém violento, de algum modo, devido à socialização em que meninos são submetidos.

Desse modo, as personalidades masculinas da obra têm essa característica de exercer algum poder sobre Estela, ou sobre outras mulheres da narrativa. As mulheres que reproduzem essas violências também estão, em alguma medida, sob a dominação do patriarcado. Irene é abandonada pelos dois pais de seus filhos, é abusada sexualmente pelo invasor que entra em sua casa, e também sofre um tipo de abuso por Rino. A madrinha Jurema revela, em determinado momento, já ter sofrido violência física por Padilha, além do tratamento truculento que recebe dele. Até mesmo sua prima, Angélica, engravida na adolescência e isso por si só já é uma espécie de “condenação”, já que não teve escolha de ter um futuro diferente. Embora as falas e ações dessas personagens prejudiquem a autoestima de Estela, ainda assim elas compartilham entre si algum tipo de cumplicidade, mesmo que em momentos raros. São todas vítimas de um sistema no qual o intuito é fazer, justamente, com que elas vigiem e critiquem umas às outras, embora também sejam afetadas por opressões semelhantes. Por isso, procuramos, na escrita deste trabalho, não vilipendiar estas personagens por suas falas, mas entendê-las como personalidades complexas e pertencentes a uma estrutura, faltando-lhes o conhecimento necessário para tomar consciência sobre sua condição. Nem por isso, no entanto, deixamos de apontar suas atitudes como hostis e suas consequências negativas na autoestima da protagonista.

Estela vive o início da sua adolescência no final dos anos 1980, década na qual o mundo vivia, por um lado, uma liberdade sexual maior, fruto de reação a movimentos conservadores. Todavia, é também neste período que surge o surto de HIV no Brasil e no mundo, e sendo um vírus sexualmente transmissível, alguns grupos foram estigmatizados, como a comunidade LGBTQIA+, embora o conservadorismo tenha retornado de forma mais firme sobre a vivência da sexualidade de forma geral. O contexto apresentado na obra, da eleição do ex-presidente Fernando Collor, ilustra bem como a população se apoiava em discursos de direita e na política neoliberal. Vivendo nesse contexto, a protagonista é reprimida sexualmente, seja por sua mãe, seja pela Igreja, através dos pastores e de Jurema. Essa repressão resulta em uma tentativa urgente de libertação, que se dá quando realiza o ato sexual com Francisco. Sua reação é a de estar sendo invadida, de ter a infância usurpada. Não mais por uma culpa cristã, mas por

perceber que de algum modo fora violada; que o prazer sexual que sentia e despertava sua vontade de experimentar a vida através do sexo não era por aquele caminho.

O fato de ter engravidado logo após o início da sua vida sexual mostra que, para pessoas como Estela, não há segundas chances, não há um Deus cristão que possa lhe salvar (apenas lhe punir), nem um Estado que seja eficiente em prevenir gravidez na adolescência, ou em realizar aborto seguro. Há, no entanto, um Deus e um Estado para punir. O corpo de Estela resiste ao sangramento excessivo do aborto, e seu feto resiste a todos os procedimentos feitos para expeli-lo, enquanto estava no hospital. Contra todo o desamparo, violência e represália, ambos os corpos lutam pela sobrevivência, pela continuidade. Embora o feto enfim seja expelido, ainda assim ela afirma que irá mantê-lo em sua memória, um modo fazê-lo permanecer vivo, embora não desejasse que ele de fato nascesse. Fica compreendido, portanto, que embora o aborto realizado por Estela seja uma forma de transgressão, é também violento, não só porque sua prática seja feita na clandestinidade, mas por todo o contexto que abarca: uma jovem de 15 anos que não teve escolha quando foi engravidada; a sua condição de pobreza e marginalização que não permite uma vida plena caso deseje ter filhos; a ausência dos pais por motivos diversos, tanto antes da gravidez quanto na situação do aborto no hospital. A necessidade de interromper uma gravidez se dá porque houve falha de todo um sistema. Por isso, a contrariedade à prática do aborto legalizado e seguro é um ato de violência contra mulheres, principalmente aquelas marginalizadas socialmente.

A resistência da personagem não ocorre somente com o corpo-matéria, mas também com a memória, a partir das figuras femininas nas quais encontra força, e com a filosofia, que é o que intensifica sua melancolia ao mesmo tempo que a ajuda a lidar com ela. As três personalidades que ganham destaque em sua trajetória são Irene, Melissa e Delfina, cada uma de forma muito particular. O fato de essas personagens serem tão diferentes entre si mostra como Jeferson Tenório teve o cuidado de desenvolver personagens femininas que, embora compartilhem vivências entre si, têm personalidades complexas e muito marcantes. Em nenhum momento há uma generalização sobre o que é “ser mulher”, pelo contrário, há uma clara preocupação em representar personalidades profundas e bem construídas. Apesar de o foco deste trabalho ter sido a influência destas mulheres na vida de Estela, elas não apenas orbitam o enredo da protagonista, como também têm suas próprias vivências, mesmo que todas descritas a partir da narradora – e justamente por serem narradas a partir de um olhar feminino e atento, não poderiam ser vazias de complexidade.

Tratando primeiramente sobre Irene e Delfina – que têm influência na vida de Estela desde a sua infância –, há duas personalidades quase incompatíveis, mesmo que fossem mãe e filha. Delfina é apresentada como uma mulher serena e espiritualizada, com conhecimentos que não estão nos livros, mas que justamente por isso são tão valiosos, pois seu contato e sensibilidade com o mundo ao seu redor, para além de uma visão baseada na umbanda, era algo que somente a experiência e a observação profunda seriam capazes de oferecer. Irene, por outro lado, já tinha uma personalidade mais pragmática e irritadiça. Havia um esforço exorbitante da sua parte para lidar com as demandas de sua vida, e para não desabar perante as tristezas. As duas fazem parte do desenvolvimento de uma adolescente que observa e reflete muito, ao mesmo tempo que aprende a suportar suas dores. Quando narra, Estela já conhecera Melissa, então sua visão sobre os fatos já está atrelada ao que aprendera na convivência com ela.

Quando se observam estas três personagens, é notável que todas são *sem Deus*. Até mesmo Delfina, que tem uma ligação maior com a religião, não menciona Deus, e sim os orixás (ou santos). Ainda assim, não há indícios de que sua vida gire em torno da umbanda, como uma espécie de penitência; na verdade, ela vive aqueles ensinamentos por fazerem sentido na sua filosofia de vida. Irene não menciona Deus em momento algum, e também não é dito se ela demonstra algum incômodo com a ida dos filhos às casas de umbanda. Melissa revela acreditar em Deus, mas a partir de sua própria visão. Constrói para si uma ideia de Deus, que talvez seja um modo de ajudá-la a suportar a melancolia. Ainda assim, foge da ideia comum de Deus, dos dogmas das igrejas católica e protestante. Ela possui sua própria filosofia de vida, algo que Estela desenvolve em seguida, quando chega à clareza de que as mulheres que conhecera eram Deus, cada uma à sua maneira. Além disso, o que elas compartilham entre si é a tristeza, que talvez seja o fardo a ser carregado por não encontrarem saídas diante das seguidas frustrações que inevitavelmente sofriam, por serem mulheres.

Ao final de sua narrativa, Estela chega à seguinte conclusão: “Quando passei por Copacabana, olhei para o mar e pensei que não havia culpados, ou então todos eram culpados. Sofremos o que tínhamos de sofrer. Não precisávamos ter medo de mais nada. A tristeza nos absolveria de Deus.” (p. 181) Nesse momento, ela se liberta da culpa imputada pela Igreja, já que, se ninguém ou todos são culpados, a culpa não é um elemento individual e controlável. Além disso, a última frase tem duplo sentido, uma vez que “absolver” significa tanto perdoar, inocentar, quanto isentar. Sendo assim, a tristeza seria a responsável por inocentá-las, pois este fardo é uma forma de “pagar” por quaisquer culpa ou pecados que viessem a ter. Ademais, a tristeza as isentaria de Deus, porque o encontro com a realidade das próprias dores dispensaria

a presença de um Deus todo-poderoso. A tristeza seria também uma forma de manter o contato com a própria subjetividade, por isso, afastaria um Deus que tentasse extorqui-la. A melancolia, no fim das contas, era resultado de encarar a vida sem se esconder, por isso ela possui essa característica dúbia, porque também é uma fortaleza, um escudo.

A construção dessas personagens está, então, intimamente ligada ao desenvolvimento de Estela ao longo dos anos em que se passa a narrativa, que talvez não resultem em um final agradável e feliz, mas o seu pensamento filosófico e sua relação com Deus chegam a uma tese sobre a existência da divindade. Estela não tem um futuro ideal, no qual ela consiga amparo e retorno aos estudos, tampouco as violências cessariam a partir dali. Entretanto, ela desenvolve uma consciência sobre si e sobre o mundo, e chega a uma espécie de teoria filosófica. É como se todo o romance caminhasse para uma conclusão que resulta de experiências e observação, o que tem relação com o método científico, embora seja um tipo de pensamento que não se encaixa com a racionalidade do padrão europeu. Por isso mesmo, a obra como um todo é um enfrentamento deste modo de pensar estritamente ocidental e branco, daí um dos pontos que revela sua importância e a relevância deste estudo. Enquanto literatura negro-brasileira, a obra de Tenório envolve tanto um contexto social quanto um projeto estético, em que a divisão de capítulos e toda a sequência narrativa tem relação direta com o crescimento da personagem, como já visto no decorrer deste trabalho.

Pensando na literatura negro-brasileira, é válido refletir sobre a sua recente e ainda tímida aparição dentro da literatura nacional. Cuti discute em sua obra *Literatura negro-brasileira* (2010) sobre o fato de que apenas na década de 1970 a literatura negra passou a ganhar algum espaço, e o lançamento da série *Cadernos Negros*, em 1978, se configura como um marco para esse segmento da literatura, pois dá voz a autores negros que não recebiam a visibilidade necessária para ao menos tentar se equiparar às obras canônicas. Embora já houvesse produção de autores negros, a publicação era escassa. Houve um processo de invisibilização até mesmo de autores negros já consagrados, como Machado de Assis e Lima Barreto, que até recentemente eram representados como brancos. Maria Firmina dos Reis, escritora negra maranhense, teve seus escritos redescobertos apenas após um século de lançamento. Ainda hoje a autora não recebe o devido reconhecimento, e os outros autores supracitados ainda têm sua negritude esquecida – ou ignorada – na mentalidade coletiva do brasileiro.

Cuti também menciona o fato de que, antes do marco dos cadernos negros, e após o período abolicionista, alguns autores que hoje são canônicos escreveram literatura sobre o

negro, como modo de denúncia. No entanto, a forma como se escrevia sobre esse negro era à base de estereótipos e de uma visão na qual a compaixão se sobressaía em relação a uma representação que levasse em conta a complexidade do sujeito negro. Em literaturas como a de Castro Alves e de Jorge de Lima, embora tenha existido o intuito de criticar o sistema escravocrata e a discriminação racial, ainda assim não podem ser consideradas literatura negra, porque o negro ainda é representado de forma passiva, como alguém que não luta, não reage às violências. Sendo assim, na década de 1970, esses escritores negros, como o próprio Cuti, passam a ser publicados nos Cadernos Negros e daí em diante ganham espaço com outras publicações. Entretanto, até os dias de hoje ainda há uma predominância da autoria de homens brancos dentro da literatura considerada mais conceituada.

A lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, tem influência no fato de a literatura negra estar alcançando mais os ambientes escolares, a exemplo das obras de Conceição Evaristo, que têm ganhado mais leitores. No entanto, essas produções não conquistam espaço sem sofrer algum tipo de crítica e de represália. A obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, que ganhou o prêmio Jabuti em 2021, foi selecionada para fazer parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e, devido a isso, foi distribuída para secretarias de diversos estados brasileiros. Entretanto, o livro sofreu censura em pelo menos 3 estados sob alegação de conteúdos impróprios e de “palavras de baixo calão”. Em reação a isso, o autor comenta que “O mais curioso é que as palavras de 'baixo calão' e os atos sexuais do livro causam mais incômodo do que o racismo, a violência policial e a morte de pessoas negras.” (Santos, 2024) Essa percepção é algo a se levar em conta se refletimos que, de fato, a obra de Tenório é incômoda, mas nessas represálias pouco se considera a denúncia social feita tão explicitamente. O Brasil ainda se recusa a falar sobre o racismo, a se reconhecer racista, e quando se fala sobre isso, atinge um lugar sensível de uma branquitude que não quer se reconhecer como herdeira de um privilégio construído durante séculos. Cida Bento, em *O pacto da branquitude* (2022), reflete:

[...] falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios. (Bento, 2022, p. 25)

Logo, autores negros abordarem essas temáticas, ainda que incômodas, é um modo de trazer conhecimento e consciência social através da literatura, quebrando um pacto silencioso que segue existindo para mascarar a problemática do racismo. Criar essa consciência mexeria com toda a estrutura das relações sociais, já que a desigualdade racial é um dos pilares que as

sustenta. Todavia, esse conhecimento é necessário para enxergar o passado sob um outro viés e criar um caminho diferente para a história brasileira. Cuti, ao tratar sobre a literatura negro-brasileira, também disserta que:

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias de conceituação das obras de poesia e ficção. (Cuti, 2010, p. 11)

O enriquecimento cultural que esta literatura trouxe torna-se elemento importantíssimo para uma identificação e uma ideia de pertencimento, além da construção de um imaginário voltado para a memória ancestral do povo negro brasileiro. A literatura negra se impõe inicialmente para substituir a visão do negro como objeto para torná-lo sujeito, desenvolvendo então, como foi mencionado pelo autor, uma subjetividade coletiva. Ganhar este espaço na literatura é um modo de marcar presença em um terreno no qual predomina o branco. Pensando novamente em *Estela sem Deus*, e tendo em vista toda a trajetória da protagonista, pode-se pensar que todo o seu desenvolvimento enquanto personagem seja também uma metáfora para esta construção de subjetividade da população negra brasileira ao longo da história. Ela é representada como alguém que, embora seja constantemente enxergada como um corpo somente, e bombardeada com tentativas de defini-la a partir de seu gênero e de sua raça, ela não vive todas essas violências passivamente, tendo sempre sua mente como sua aliada nesse processo de “salvação” contra as imposições e definições reducionistas. Ao final, ela consegue reivindicar para si a sua subjetividade, recusando o controle e o aprisionamento de seu corpo, mas tomar essa atitude não é tão simples, e não a leva necessariamente a um conforto. Do mesmo modo, o processo de autodefinição da população negra, seja dentro das artes ou em movimentos políticos, exige coragem por gerar alguma tensão em determinados grupos. Dessa maneira, construir subjetividade não é linear nem confortável, mas pode ser libertador.

Por isso, reafirmamos que o estudo dessa obra se deu pela sua importância dentro de um contexto social e literário, e pelo fato de sua protagonista, mesmo sendo tão jovem, ousar sonhar com um futuro diferente para si. Um horizonte no qual se possa ultrapassar barreiras e ocupar lugares antes não vislumbrados por mulheres negras, ao mesmo tempo que também olha para trás, para as mulheres que vieram antes de si e para seu passado cultural, no qual Oxum é a sua guia. Finalizamos o presente trabalho não com certezas e verdades irreduzíveis, mas com hipóteses e possibilidades de interpretação, pois há sempre novas percepções que enriquecem a crítica de uma obra. Que *Estela sem Deus* alcance mais leitores, não somente como objeto de

estudo, mas também como leitura de fruição, com a esperança de que outras Estelas que desejem ir além da superficialidade da vida, e do universo restrito de sua realidade, possam saber que é possível fazê-lo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Corpo e escrita: imaginários literários. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1-2, p. 92-111, jan./dez. 2012.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Memória Comunicativa e Memória Cultural. Tradução de Méri Frotscher. In: **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BERND, Zilá; SOARES, Tanira Rodrigues. Modos de transmissão intergeracional em romances de literatura brasileira atual. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 18, n. 3, p. 405-421, 2016.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro;Pólen, 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 13. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.html>. Acesso em: 22 set. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. [Tese de doutorado] Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução por Vera da Costa e Silva [et al.]. 34ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

CHUEIRE, Lúcia. **Religiosidades africanas e ameríndias**. Curitiba: InterSaberes, 2021.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DELLA-FLORA, Luana Jéssika. **Heranças silenciosas, heranças malditas: implicações da subalternidade e do emprego doméstico em Com armas sonolentas, de Carola Saavedra, e Estela sem Deus, de Jeferson Tenório**. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais: uma introdução**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afro brasilidade: história e memória**. In: *Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, nº 23, novembro 2008.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GINZBURG, Jaime. **O narrador na literatura brasileira contemporânea**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 11-31, jul./dez. 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Tradução de Marcos Santarrita. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 464-478, jul-dez 1995.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Bhuvi Libanio. 19ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Org.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, Maria do Carmo et al. **A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil**. Cadernos de saúde pública, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 1-17, jan. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2025.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

OYĚWŪMÍ, Oyérónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes; GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues. **A morte, os rituais funerários e as concepções de mundo em diferentes religiões**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE, São Paulo, v.10, n. 05, maio 2024.

PRANDI, Reginaldo. **Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX**. Tempo Social, São Paulo, V. 2, n. 1, p. 49-74, jan-jul 1990.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REIS, C.; LOPES, A. C. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

REIS, Vilma. **Mulheres: pelo direito de decidir – a prática do feminismo no debate sobre o aborto legal**. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Org.). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.

RIBEIRO, Érica. **Cabral defende aborto como forma de combate à violência no país**. Extra, 2007. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/cabral-defende-aborto-como-forma-de-combate-violencia-no-pais-719993.html>. Acesso em: 02 maio 2025.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROLAND, Edna. **Eu fiz aborto: aborto e clandestinidade**. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Org.). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.

SANTOS, Emily. **'O Averso da Pele': livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas**. G1, [s. l.], 8 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em: 5 maio 2026.

SANTOS, Irinéia M. Franco dos. **Iá Mi Oxorongá: As Mães Ancestrais e o Poder Feminino na Religião Africana**. Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. V. 1, n. 2, dez. 2008.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. **Religião e política no Brasil**. Latinoamérica: Revista de Estudios Latinoamericanos, México, n. 64, p. 223-256, jan./jun. 2017.

SOUZA, Beto. **Dia dos Pais: 800 mil brasileiros foram registrados sem o nome do genitor desde 2019**. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/dia-dos-pais-800-mil-brasileiros-foram-registrados-sem-o-nome-do-genitor-desde-2019/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

TENÓRIO, Jeferson. Autorização e rasura: tensões e distensões nos personagens contemporâneos. **Revera: Revista de Estudos Literários**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 27-38, 2023.

TENÓRIO, Jeferson. **Estela sem Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VERARDI, Fabiane; BARTH, Pedro Afonso. **A utopia possível: Estela sem Deus, de Jeferson Tenório, como romance de formação**. Letrônica, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-10, jan./dez. 2023.

VIEIRA, Jeovanna. **Virgínia mordida**. Companhia das Letras, 2024.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução de Bertúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. 34ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024.